

# SERÕES

N.º 5 — Novembro de 1905



## SUMMARIO :

EMILIA ADELAIDE. — FAIANÇA DE MASSARELLOS. — AOS MEUS CAMARADAS. — LEÃO VELHO. — ENCHENTE. — A GRANDE PONTE DO ZAMBEZE. — CAVADOR MORTO. — UM CONTO DE GORKI. — A CRISE AUSTRO-HUNGARA. — EPISODIO DA SEGUNDA INVASÃO FRANCEZA. — SE A MOCIDADE SOUBESSE... — FABULAS DO AFGHANISTAN. — IN MEMORIAM. — UNIVERSIDADE DE COIMBRA. — CONCURSO DE PHOTOGRAPHIAS. — SERÕES DOS BÉBÉS. — QUEBRA-CABEÇAS. — ACTUALIDADES.

SERÕES DAS SENHORAS, com moldes. — MUSICA DOS SERÕES.

LIVRARIA EDITORA FERREIRA & OLIVEIRA, LIMITADA  
182, R. DO OURO, 188 — LISBOA

# Summario

**MAGAZINE**

PAG.

LEQUE OFFERECIDO A MADAME LOUBET. — No frontespicio	
EMILIA ADELAIDE (recordações de theatro)	
(15 illustrações e 1 vinheta) por MAXIMILIANO DE AZEVEDO.....	373
FAIANÇA DE MÁSSARELLOS	
(3 illustrações e 1 vinheta) por JOSÉ QUEIROZ.....	387
AOS MEUS CAMARADAS	
(1 vinheta) soneto, por AMADEU AMARAL.....	389
LEÃO VELHO	
(4 illustrações de Moraes) por D. ANNA DE CASTRO OSORIO.....	390
ENCHENTE	
Soneto, por LUIZ FRANCO.....	393
A GRANDE PONTE DE «VICTORIA FALLS»	
(11 illustrações e 1 vinheta, por RUY ALVARES.....	394
CAVADOR MORTO	
(2 illustrações de Moraes) poesia, por THOMAZ DA FONSECA.....	402
O CORAÇÃO RESPLENDENTE	
(2 illustrações e 2 vinhetas) por MAXIMO GORKI.....	404
UM IMPERIO AMEAÇADO DE DESMEMBRAMENTO	
(8 illustrações e 1 vinheta).....	408
EPISODIO DA SEGUNDA INVASÃO FRANCEZA	
(2 illustrações e 1 vinheta).....	413
SE A MOCIDADE SOUBESSE — IV	
(3 illustrações) por AGNES E EGERTON CASTLE.....	417
FABULAS DO AFGHANISTAN	
(12 illustrações).....	424
IN MEMORIAM	
(1 vinheta) por AUGUSTO SEQUEIRA.....	432
A UNIVERSIDADE DE COIMBRA	
(11 illustrações e 1 vinheta) por MANOEL DA SILVA GAYO.....	433
OS SERÕES DOS BÉBÉS — O PRINCIPE E A FADA	
(1 illustração e 2 vinhetas).....	442
O CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS SERÕES	
(5 illustrações e 2 vinhetas).....	445
QUEBRA-CABEÇAS	
(1 illustração).....	451
JOGO DE DAMAS	
(3 diagrammas) por JOSÉ SAYDER.....	452
ACTUALIDAD - S	
(21 illustrações e 1 vinheta).....	453

**OS SERÕES DAS SENHORAS (37 illustrações)**

CHRONICA GERAL DE MODAS..... pag. 73	A NOSSA FOLHA DE MOLDES..... pag. 80
REGALOS E CHAPEUS..... » 74	PELOS ALTOS..... » 82
TECIDOS DE INVERNO..... » 75	LAVORES FEMININOS..... » 84
MANGAS DE INVERNO..... » 75	TAPETES DE TRAPÓS..... » 86
GUARNIÇÕES..... » 76	PLANTAS DE SALA — BEGONIAS..... » 87
OS NOSSOS FIGURINOS..... » 76	CABELLO GRISALHO..... » 89
CHAPEUS DE INVERNO..... » 77	CONSULTORIO DE LUIZA..... » 90
GANCHOS DO CABELLO..... » 79	NOTAS DA DOÑA DE CASA..... » 91
O GRANDE CAGLIOSTRO..... » 79	

**Uma folha solta de moldes**

Grande numero de pequenos artigos de hygiene domestica, receitas caseiras, advertencias uteis, etc.

**A MUSICA DOS SERÕES**

LA PETITE JARDINIÈRE	
Valsa para piano, por HENRIQUE DA ROCHA PINTO.....	4 paginas

**CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA**

**Pagamento adeantado**

Portugal, Ilhas e Colonias	Brazil	Estrangeiro
Anno..... 2\$200	Anno (12 numeros)	Anno (12 numeros)
Semestre..... 1\$200	Moeda fraca..... 12\$000	Frs..... 15,00
Trimestre..... 600		

**Numero avulso em Portugal: 200 réis**

**No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes**

## Correspondencia dos SERÕES

Tal tem sido o acolhimento generosamente concedido aos *Serões*, que em breve nos veremos obrigados a reeditar todos os numeros publicados, como fizemos ao 1.º e ao 2.º Isso explica a demora que possa haver de futuro na satisfação das repetidas encommendas com que nos honram.

Para obviar a esse percalço, e corresponder á acceitação da revista, que realmente excedeu as nossas mais lisonjeiras previsões, vamos augmentar a tiragem dos numeros seguintes. E reiteramos os nossos agradecimentos não só aos leitores em geral, mas tambem a todos os nossos agentes e outras pessoas que, por qualquer forma, tem contribuido para a prosperidade dos *Serões*. E igualmente testemunhamos em circular o nosso reconhecimento a todos que, verbalmente ou por escripto, nos tem felicitado ou elogiado.

### AS NOSSAS ILLUSTRAÇÕES DA UNIVERSIDADE

O sr. Borges, de Coimbra, pede-nos que declaremos que não pertencem aos srs. Biel & C.<sup>a</sup> todas as photographias com que temos enriquecido os artigos sobre a Universidade, devidos á penna do insigne escriptor sr. Manuel da Silva Gayo. Essa declaração parece-nos desnecessaria, por isso que não afirmámos terem *todas* as photographias aquella proveniencia. No emtanto, folgamos em declarar que algumas d'ellas pertencem á papelaria Borges, de Coimbra, a quem agradecemos igualmente a valiosa contribuição.

### A UM PURISTA

Escreve-nos *um leitor*, notando a incorrecção com que vertemos a palavra ingleza *indemnity*, a pag. 360 do nosso magazine. Tem o purista todas as apparencias de razão. *Indemnity* significa realmente *indemnisação*, e seria essa

pelo menos, no caso sujeito, a tradução mais correntia. Mas o leitor vae demasiado longe, attribuindo a ignorancia a escolha do termo. Foi realmente precipitação. Mas dir-lhe-hemos comtudo que não ha erro. *Indemnidade* pode ter tambem o mesmo significado que *indemnisação*, como s. ex.<sup>a</sup> poderá verificar nos dictionarios mais autorisados. E por esta forma, somos nós que nos permittimos devolver-lhe o *quinau*.

### QUEBRA-CABEÇAS

*Onde irá parar?*—Ora até que emfim, nos chegam duas soluções exactas d'este nosso problema do 1.º numero!

Eis a que nos envia X Y Z, a qual transcrevemos na integra:

«O navio que partisse d'um ponto do equador e caminhasse sempre em rumo invariavel nord-este descreveria uma espiral sobre a superficie espherica com a propriedade de em cada um dos seus pontos a tangente ser a linha nord-este d'esse ponto.

Esta curva tenderia para um limite que seria o polo Norte, sendo as espiras, bem entendido, cada vez mais apertadas, não podendo nunca attingir o polo.

Suppõe-se que não ha influencias que produzem modificações ou desvios na direcção de agulhas».

A outra solução, tratada com todo o rigor mathematico, foi-nos enviada pelo sr. Justiano Esteves. Não a transcrevemos agora na integra, porque nos faltam de improviso as figuras com que a illustra. Fal-o-hemos para o proximo numero, visto que é realmente curiosa para os mathematicos, que terão ensejo de a discutir.

Baste-nos por agora apresentarmos a conclusão, exactissima segundo o nosso modo de ver:

«O navio descreve uma especie de espiral em torno do polo, approximando-se continuamente d'elle sem nunca o attingir, dando um numero infinito de voltas em torno da esphera».

Já depois de estar na machina o nosso numero chegam-nos outras soluções d'este mesmo problema, que naturalmente não teem já cabimento.

*Enigma.*—Foi resolvido pelos srs. José Martins Barbosa, Bohemio de Arazede, X. Psilonn, Jovita Grandal e dois sextanistas do lyceu.

Estes ultimos enviaram-nos a solução na seguinte quadra:

Um sujeito habilidoso  
Disse: O Sá é *sachristão*,  
E eu com toda a franqueza  
Tambem não digo que não.

*Perguntas exquisitas.*—A resposta á primeira é a letra M, como indicaram X. Psilonn, sr. José Martins Barbosa, Bohemio de Arazede. Os dois alludidos sextanistas dizem não conhecer momento como medida de tempo. Mas quem lhes disse que era?

A segunda pergunta é uma *catch-problem*, como dizem os inglezes, ou armadilha ao pensamento, como diriamos nós. Um kilo, seja de que materia fôr, pesa sempre um kilo, e é escusado vir com complicações sobre o peso desigual no equador ou nos polos, como fizeram os mesmos sextanistas, amiguinhos, como rapazes, de alardear sciencia. Nem vale a pena mencionar os que acertaram na resposta.

*Para guarnecer um vestido.*—Precisava a tal senhora 80 metros, como muito bem affirmaram X. Psilonn, os dois sextanistas, Matuto e sr. José Martins Barbosa. É um problema algebrico, facil de pôr em equação.

*Qual é a idade?*—O sujeitinho nasceu a 7 de junho de 1842. Affirmam-no Matuto, X. Psilonn, os dois sextanistas.

*Uma distribuição intrincada.*—Os sobrinhos são 8, e as sobrinhas 6. O quinhão de cada um dos primeiros foi 52\$500 réis, e o de cada uma das segundas 70\$000 réis. Deram no vinte os dois sextanistas e X. Psilonn. Os outros

decifreadores enganaram-se, como poderão verificar fazendo a conta.

#### UM PAR DE MATUTOS

Um correspondente, cujo nome é inutil citar, reclama para si o privilegio do pseudonymo *Matuto*, que elle affirma ter illustrado ha muitos annos com decifrações para varias folhas que cultivam a especialidade, queixando-se de que outro cavalheiro lhe tivesse surripido a prenda. A não ser que o queixoso nos apresente diploma de marca industrial, passado na repartição competente, é-nos impossivel garantir-lhe o privilegio. Mas, para conciliar as cousas pediremos ao novo *Matuto*, que nos tem enviado decifrações, o obsequio de se differenciar do primeiro, appendendo ao seu titulo charadistico uma particula qualquer, como por exemplo *Segundo. Matuto Segundo* ficaria talvez a preceito, que lhes parece? E não se correria o risco de confundir as duas individualidades, attribuindo ao usurpador honras que só pertencem ao primitivo possuidor do titulo.

É o mais que podemos fazer, dar este conselho, acrescentando votos para que o sigam.

#### A FAIANÇA DE MASSARELLOS

*Do nosso presado collaborador e amigo sr. José Queiroz recebemos a seguinte carta:*

Meu caro amigo:

Visto a folha já estar impressa e não poder fazer-se a emenda, que é indispensavel, no meu artigo sobre a Faiança de Massarellos, peço-lhe o especial favor de juntar ao numero dos *Serões* se ainda vae a tempo, o seguinte:

Na passagem em que attribuo á alludida fabrica a prioridade da producção da faiança em Portugal, onde se lê: *a mais antiga de que ha conhecimento a produzir louça de esmalte es'anihero*, deve lêr-se: *a mais antiga, do seculo XVIII, de que se conhece uma peça authentica.*

Por esta rectificação, muito grato lhe ficará o

*Seu amigo e admirador*

JOSÉ QUEIROZ



# "OBRAS PRIMAS"

Com este título iniciámos uma bibliotheca dos melhores livros de todas as litteraturas antigas e modernas

**O nosso plano**—Desejamos pôr ao alcance de todos, ricos e pobres, em edições cuidadas e baratas, as joias mais bellas das litteraturas estrangeiras.

Iremos successivamente publicando obras de: Cervantes, Shakespeare, Molière, Goëthe, Shiller, Dickens, La Fontaine, Gorki, Wells, Rod, Prévost, Ibsen, Maupassant, Pereda, Galdós, Ibañez, D'Annunzio, etc., etc., etc.

De cada auctor serão escrupulosamente escolhidas as **Obras primas**, e traduzidas por escriptores de reconhecido merito, obedecendo sempre a um plano unico—de utilidade educativa e honesto recreio;— de maneira que a nossa Bibliotheca virá a formar uma série das obras mais notaveis que o genio litterario tem produzido atravez dos seculos, e tornar-se-ha indispensavel a todos os espiritos cultos.

Cada volume será precedido d'um breve estudo sobre a vida do auctor e as condições que influenciaram a creação da sua obra, e da acção que exerceu no seu meio.

**A Parte material**—Cada volume terá 300 a 400 paginas, cuidadosamente impressas em bom papel, sahindo um volume por mez.

A maioria dos volumes será illustrada com o retrato do auctor e com reproducções de gravuras das melhores edições já feitas de cada obra, ou com desenhos originaes d'artistas portuguezes; e, se o favor do publico nos auxiliar, iremos sempre introduzindo melhoramentos.

**Assignaturas**—Para facilitarmos, sobretudo aos nossos clientes da provincia, a aquisição regular dos volumes da nossa Bibliotheca, fazemos um serviço de assignaturas por series de **5 e 10 volumes**.

**O preço**—Cada volume custará:

## ===== Avulso em todo o paiz =====

Em brochura.....	200 rs.
Encadernado em panno, com ferros especiaes.....	300 "

## ===== Por assignatura =====

Serie de 5 volumes (brochados).....	900 rs.
" " " " (encadernados).....	1\$400 "
Serie de 10 volumes (brochados).....	1\$800 "
" " " " (encadernados).....	2\$700 "

Para tomar a assignatura basta enviar-nos um postal dizendo:

— Assigno as «**Obras Primas**» por (cinco ou dez volumes, encadernados ou brochados)—escrevendo bem claramente o nome e direcção do correio.

Ao recebermos este postal enviaremos immediatamente os volumes publicados contra cobrança da serie pedida.

**Já publicado:**

**Dom Quichote de la Mancha**, por Miguel de Cervantes Saavedra — 3 grossos volumes, illustrados.

**Em publicação:**

**Viagens de Gulliver**, por Jonathan Swift — 1 volume.

Pedidos á LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA, Lim.<sup>da</sup>

132, Rua do Ouro, 138—Lisboa

# O QUE DEVEMOS SABER

BIBLIOTHECA DE CONHECIMENTOS UTEIS

O fim d'esta collecção é reunir em pequenos volumes portateis ao alcance de todas as intelligencias e de todas as bolsas, as razões scientificas mais interessantes, que contribuem para o desenvolvimento intellectual da humanidade.

De cada assumpto — abandonando-se o que é só dado a homens de sciencia — tomar-se-ha sómente **o que devemos saber**, isto é, o que todos os homens teem o dever de conhecer das maravilhas de todos os ramos do saber humano.

Embora com todo o rigor scientifico, os assumptos serão tratados de forma clara, ligeira e amena, de maneira que possam ser lidos sem enfado pelos leitores que tenham pouca preparação prévia.

Volunes in-12 cuidadosamente impressos em bom papel, profusamente illustrados, encadernados em panno com ferros espezias

**CADA VOLUME 300 RÉIS**

POR ASSIGNATURA (pagamento adeantado)

Série de 5 volumes..... 1\$400

Série de 10 volumes..... 2\$700

**Já publicada:**

## Historia dos Eclipses

Contada singelamente com referencia ao Eclipse do Sol de 30 de Agosto de 1905

Adaptada aos leitores portuguezes por

**LOPES D'AZEVEDO**

**IDEIAS GERAES** — Razões theoricas relativas aos eclipses. — Conselhos aos observadores dos eclipses. — Os eclipses da Bíblia. — Os eclipses da Historia. — Estranhos costumes motivados pelos eclipses. — Catalogo e calculo dos eclipses, etc., etc.

**1 volume in-12 com 30 gravuras 300 réis**

A' venda em todas as livrarias



Pelo correio franco de porte

**No preto e em preparação:**

Zoologia, Anatomia e Physiologia — As colonias portuguezas — A Historia de Portugal  
O systema solar—Historia antiga, etc., etc.

**Ferreira & Oliveira, L.<sup>da</sup>** — Livreiros-Editores

FORNECEDORES DE S. M. EL-REI

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Ferreira & Oliveira, Lim.<sup>da</sup> — Livreiros-Editores

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Fornecedores de S. M. El-Rei e Depositarios das publicações do Estado

**ULTIMAS PUBLICAÇÕES:**

Lopes d'Azevedo — Historia dos Eclipses, 1 vol. enc.....	300
Cervantes — D. Quichote, 3 vol. cada br. 200, enc.....	300
Adelino d'Abreu — Serra da Estrella, 1 vol. br. 800, enc.....	1\$000
Francis Chassereau Coombe — The Tourist's and Visitors Illustrated Pocket Guide to Lisbon, Cintra and Cascaes, 1 vol.....	300
Egas Moniz — Vida Sexual (physiologia), 1 vol. br. 1\$000, enc.....	1\$250
» » — Vida Sexual (pathologia), 1 vol. br. 1\$000, enc.....	1\$250
Henrique de Vasconcellos — Flirts, 1 vol. br. 500, enc.....	700
Anthero de Figueiredo — Recordações e Viagens, 1 vol. br. 600, enc.	800
Maximiliano d'Azevedo — Em casa do filho, 1 vol.....	200
Henrique Lopes de Mendonça — Nó cego, 1 vol.....	300
Antonio Correia d'Oliveira — Parábolas, 1 vol. enc.....	700
» » — Ara, 1 vol. br.....	600
» » — Auto de Junho, poema.....	100
Theophilo Braga — Tricentenario da Publ. do Don Quichote, 1 vol. br.	200
Antonio de Soveral — Libambos, 1 vol. br.....	500
A. Cruz de Rocha Peixoto — Os conflictos Internacionaes ao principiar o seculo xx, 1 vol. br.....	800
Maria P. Figueirinhas — Contos para as creanças, 1 vol. enc.....	800
Raul Brandão — A Farça, 1 vol. br.....	600
Arnaldo da Fonseca — Mulher amada, 1 vol. br.....	500
Candido Figueiredo — Lições praticas da lingua port. 3 vol. br. 2\$100, enc.	2\$700
Conde de Sabugosa — O Paço de Cintra, edição de luxo, 1 vol.....	1\$500
José Syder — O Jogo das Damas, 1 vol. br. 500, enc.....	650
Marcellino Mesquita — Almas Doentes, 1 vol br.....	400
Alfredo Keil — Collecção e Museus de Arte em Lisboa, 1 vol. br.....	200
Luiz Guimarães — Pedras Preciosas, edição de luxo, 1 vol.....	1\$000
Queiroz Ribeiro — Caminho do Céu, 1 vol. enc.....	800
Conego Anaquim — O Genio Portuguez aos pés de Maria, 1 vol. br..	600
Gonçalves de Sousa — A seccagem da fructa, 1 vol. br.....	300
Alexandre Malheiro — Chronicas do Bihé, edição de luxo, 1 vol.....	1\$200
Augusto Louza — Na Suissa, 1 vol. br.....	500
Freire de Campos — Guia Pratico do creador e amator de cavallo, 1 vol. br.	600
Visconde de Villarinho de S. Romão — O Minho e as suas culturas, 1 vol. br.	2\$000
José Joaquim d'Almeida — Coisas d'Africa, 1 vol. br.....	400
J. Mattos Braameamp — O Tiro de Caça, 1 vol. br.....	400
Augusto Fuschini — A architectura religiosa na edade media, 1 vol. br.	1\$500
Joaquim Madureira — Impressões de theatro, 1 vol. br. 1\$000, enc..	1\$200
Anselmo Vieira — A Questão fiscal e as finanças portuguezas, 1 vol. br.	2\$000

**NO PRÉLO**

João Chagas — Bom Humor, 1 vol.

Emilio Garcia — Os que furam, 1 vol. (comedia).

Alexandre de Sousa Figueiredo — Manual de Arboricultura, 1 vol. (2.<sup>a</sup> edição),

Pedro Dória Nazareth — Primeiros soccorros a doentes, 1 vol.

D. João de Castro — Jornadas do Minho, 1 vol.

Jonathan Swift — Viagens de Gulliver, 1 vol.

# LIVRARIA **Ferreira & Oliveira**

R. do Ouro, 132 a 138—LISBOA

## Livros

Sortimento de livros de todas as especialidades em todas as linguas. Fornecem-se com sollicitude todos os livros que nos sejam encommendados, e com muito prazer damos gratuitamente todos os esclarecimentos bibliographicos que nos sejam pedidos.

### Assignatura de Jornaes

Tomamos assignaturas para todos os jornaes aos melhores preços.

Encarregamo-nos de fornecer toda a qualidade de material escolar, mobiliario, mappas, espheras, apparatus de physica, chimica, quadros parietaes para o ensino das sciencias, das linguas, da geographia e da historia, etc., etc.,—e damos gratuitamente todos os esclarecimentos sobre preços e qualidades que nos sejam pedidos.

### Material e Mobiliario Escolar

Contra a nossa vontade tem demorado mais do que esperavamos a impressão do nosso catalogo illustrado do material e mobiliario escolar, mas estamos ás ordens dos nossos clientes para lhe fornecermos todas as indicações de preços, desenhos, orçamentos, etc.

### Encadernações

Nas nossas officinas de encadernações encarregamo-nos de todos os trabalhos simples e de luxo.

### Trabalhos Typographicos

Encarregamo-nos de todos os trabalhos typographicos, livros, jornaes, theses, etc., etc.

### Remessas pelo Correio contra Cobrança

Para facilidade das nossas relações com as pessoas que nos honrem com as suas ordens, sempre que os pedidos não venham acompanhados da respectiva importancia — faremos a remessa *contra reembolso* — isto é, os nossos clientes pagarão ao receber as encommendas; mas como este meio de cobrança é muito dispendioso, seremos obrigados a augmentar **100 réis** á factura quando os pedidos forem de pequena importancia.

### Em publicação

#### Bibliographia Portugueza

Publicação mensal dando noticia de todos os livros publicados em Portugal, e dos principaes publicados no estrangeiro.

Distribuição gratuita aos clientes.

### Programmas e regulamentos da instrucção secundaria

I volume, de 108 paginas, 150 réis

Pedidos á **Livraria Ferreira & Oliveira Lim.<sup>da</sup>**—Editores

**RUA DO OURO, 132 A 138—LISBOA**

# Livraria Ferreira & Oliveira, Lim.<sup>da</sup>

132, RUA DO OURO, 138 — LISBOA

Livros oficialmente approvados para o ensino primario

Livros de leitura para as escolas de instrucção primaria

POR

D. JOÃO DA CAMARA, MAXIMILIANO D'AZEVEDO E RAUL BRANDÃO

Sobre o valor d'este livro, nenhuma opinião mais insuspeita do que a do parecer da com-missão para escolha dos livros de instrucção primaria. Diz-nos ella:

«É quasi todo original, está escripto em linguagem facil e repassado de tanto mimo e suavidade que ha-de ser, pelo assumpto e pela fórma, um livro querido para as creanças».

De feito, conta elle abundante variedade de trechos em prosa e verso, cuja utilidade e interesse são indiscutíveis, não só pelo valor da materia, mas ainda pela fórma correcta por que esta é apresentada. Póde seguramente affirmar-se que é um livro de orientação moderna, onde, a par de assumptos de natureza scientifica, tratados sob uma forma attrahente, apparecem outros mui proprios para despertar e robustecer o amor patrio, as emoções altruistas, etc., tendo por isso jus a ser considerado como um dos bons livros escolares.

«Em seus numerosos trechos revela-nos este livro um consciencioso estudo dos melhores livros escolares estrangeiros e um grande amor pelas coisas portuguezas: os seus auctores aproveitam-se d'aquelles, sem que o seu deixe ter um caracter tão genuinamente nacional, que bem lhe assentam, como remate, estas palavras do seu ultimo artigo: «Volvamos os olhos para as velhas glorias da patria».

Effectivamente, n'este livro, as grandes figuras da nossa historia succedem-se em quadro primoroso, os feitos dos portuguezes apparecem a toda a luz e são a cada momento evocados os vultos litterarios, sobretudo os que pela sua feição sentimental attrahem mais intensamente as sympathias das creanças.

«As bellezas e recursos da nossa terra magistralmente descriptos; e para que nada lhe falte, as lições de astronomia, de physica, de botanica, de agricultura, de zoologia, de hygiene, de moral e civismo, etc., são tão completas que bem podia este livro, nas mãos de um professor habil, supprir uma grande parte dos livros de ensino primario.

«Depois—e esta é talvez a melhor qualidade do livro—estas lições, sem deixarem de ser simples, exactas e eminentemente praticas, fogem á rotina das exposições pesadas, impertinentes, dogmaticas: começa de ler-se um trecho como a *Historia de uma gota de agua*, e o espirito, preso com a deliciosa historia, mal attenta que está recebendo uma complexa lição de physica; lê-se o encantador apologo de *Um raio de sol*, e não se sabe qual mais admiravel, se a profunda philosophia que elle contém, se o amor com que elle foi tratado.

«A's vezes tambem é licito rir: o livro contém numerosos contos populares bem relacionados, que hão-de ser o encanto das creanças; mas esse riso é sempre fecundo; serve muitas vezes para fixar uma lição ou recordar alguma bella tradição portugueza.

*Para a 1.<sup>a</sup> classe, 1 vol. illustrado cart. 120 réis; para a 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> classe, 400 réis*

## HISTORIA DE PORTUGAL

Contada aos pequenos portuguezes

—✻— POR —✻—

H. LOPES DE MENDONÇA

Esta historia afasta-se das antecessoras em geral, por não se limitar a uma meia resenha de factos, encabeçados de nomes regios, dispostos chronologicamente dentro das dynastias; o auctor expõe embora muito resumidamente a historia da nação portugueza durante os seus oito seculos de existencia. O seu livro é portanto uma narrativa encadeiada e harmonica, com a deducção logica dos factos, com a explicação clara dos phenomenos historicos, de modo a deixar no espirito das creanças a impressão nitida de uma biographia interessante, alliada a um sentimento de patriotica ternura. E nos seus capitulosinhos syntheticos, proporciona aos srs. professores bellos themas para o doutrinamento moral e scientifico dos discipulos.

A nova edição tem no fim de cada capitulo bem ordenados questionarios que muito facilitam o trabalho do professor.

1 bello volume com muitas illustrações, retratos, monumentos, batalhas, etc. 200 réis

# ✻ Livraria Ferreira & Oliveira, Limitada ✻

132 — Rua do Ouro — 138 — LISBOA

## Impressões de theatro

(Cartas a um provinciano e notas sobre o Joelho)

por JOAQUIM MADUREIRA

(*Braz Burily*)

É este um dos mais soberbos livros de critica que entre nós se teem publicado, com relação a assumptos theatraes. Nos paizes em que o theatro é a grande escola dos costumes, acompanhando-se o seu progresso e a sua evolução, livros d'estes são sempre acolhidos com enthusiasmo. A critica analysa-os, aprecia-os, identifica-se com elles. Entre nós, são raros trabalhos d'esta ordem, reveladores de muito estudo e d'uma conscienciosa analyse.

Por isso, julgamos ter prestado um grande serviço á litteratura portugueza, lançando no mercado este livro escripto com o calor d'uma convicção sentida, como contribuição de alicerces e repositório de materiaes para a historia dos movimer tos dramaticos — ramo e factor da historia do pensamento, dos costumes e da civilisação atravez dos tempos e das raças.

1 vol. de perto de 500 pag., com 180 cariçaturas — 1.7000 réis.

## Recordações e Viagens

por ANTERO DE FIGUEIREDO

É um dos bons livros, destinado a enriquecer uma litteratura. O auctor, em paginas cheias de vida e animação, descreve-nos as suas viagens, fazendo deslizar pela nossa vista, primeiro os aspectos multiplos da City; depois os encantos da Franconia; Capri, a ilha de golpho de Napoles, onde Tiberio passou os seus ultimos annos; Davos Platz, Biarritz, o valle do Tet no Rossilhão, e tambem descripções soberbas de coisas nossas, como o Bom Jesus do Monte, Unhaes da Serra, e o nosso Minho, tão cheio de encantos e de poesia.

É um livro cujas paginas se lêem e relêem e onde o auctor nos revela, a par do seu ta-

lento privilegiado, um espirito analytico não muito vulgar.

1 vol. de perto de 300 paginas — 600 réis.

## A farça

de RAUL BRANDÃO

O livro *A Farça*, que a critica apreciou mui lisongeiramente, é uma paisagem dolorida, feita n'uma tela de sentimento, á luz da verdade, velada muito ao de leve por um manto de ideal. É um quadro d'alma scintillante de côres, mas que d'onde em onde se esmaecem n'um aneio ou se fortalecem gritando em vibrações passionaes de amor. E todas as suas figuras se erguem deante dos nossos olhos extasiados; identificamo-nos com ellas, acompanhamol as em todos os soffrimentos; confundimos com as nossas as suas gargalhadas, revoltas, desprendidas do coração quando elle sonha, livre dos pesadellos mortificantes da dôr.

Em todo o livro se revela o temperamento malleavel, brilhante, subtil de ironia, finamente observador, com todas as qualidades, d'um estylista vigoroso e fundo, de Raul Brandão.

1 vol. de 224 pag. 600 réis.

## Parabolas

Para as mães portuguezas

por ANTONIO CORREIA DE OLIVEIRA

Foi um dos livros a que a critica portugueza e brazileira teceu mais justos e rasgados elogios. O livro *Parabolas* não faz mais do que evidenciar o talento do seu auctor, já comprovado en outras obras, como os poemas *Auto de Junho* e *Ara*. Tem paginas de amor e de saudade, onde o sentimento esvoaça em ondas de tristeza, e com razão disse um critico referindo-se a este trabalho:

«A alma portugueza, essa que não reconhece céo mais lindo nem terra mais fresca do que a que lhe coube por berço, está cheia de vida n'este livro.»

1 vol. encadernado, 700 réis.

# LEQUE DE RENDA PORTUGUEZA



OFFERECIDO A MADAME LOUBET, ESPOSA DO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA, PELA COLONIA FRANCEZA DE LISBOA. DESENHO E EXECUÇÃO DO ATELIER DE RENDAS DA SR.<sup>ª</sup> D. MARIA AUGUSTA BORDALLO PINHEIRO

*Um primoroso trabalho, que vai decerto encarecer na capital do bom gosto a fama da industria das rendas em Portugal, elevada a tal perfeição pelo esforço persistente e delicado talento de uma insigne artista.*

# Emilia Adelaide

## RECORDAÇÕES DE THEATRO

**H**A pouco mais de dois mezes, n'uma tarde quente do fim do verão, ia-se arrastando, caminho do cemiterio dos Prazeres, um pequeno enterro — ao todo umas oito carruagens, incluido o coche com o cadaver e a berlinda dos padres.

Era o prestito funebre da actriz Emilia Adelaide.

Que desillusão para os curiosos, que foram esperal-o á passagem, instigados pelas laconicas noticias de um ou outro jornal!... Quasi nenhuns representantes da litteratura e do theatro; sómente uns amigos velhos, que tinham conhecido a actriz nos tempos aureos, e que talvez de si para si fossem dizendo que se a morte a houvesse prostrado, quando vibravam ainda as entusiasticas ovações da *Morgadinha de Valflor* e da *Fernanda*, Lisboa inteira acompanharia o cortejo, e a tristeza enluctaria todos os semblantes, conforme succedeu, ha um anno,

com a encantadora Suzel do *Amigo Fritz*.

E todavia Rosa Damasceno, pela indole especial dos seus papeis, nunca exerceu nas multições predomínio comparavel ao de Emilia Adelaide, porém cahiu logo depois da batalha, ao passo que a sua antiga collega e amiga entrou na morte como soldado, que, entre os feitos heroicos e a derradeira viagem, estivesse recolhido n'um hospicio de invalidos.

Emilia Adelaide tanto previa o que succedeu, que nos ultimos annos da vida a sua grande magoa era o sentir-se envolvida pelas sombras do esquecimento.

— Ando por toda essa Lisboa, e já ninguém me conhece! dizia ella ha uns

mezes a Maria das Dôres, uma das collegas que nunca deixaram de a visitar.

E na ancia de recuperar a antiga realleza, estava sempre imaginando planos para voltar para o theatro, em Portu-



EMILIA ADELAIDE AOS 20 ANNOS



EMILIA ADELAIDE AOS 22 ANNOS, COM SUA IRMÃ

gal ou no Brazil. Umaz vezes, intentava formar emprezas, não pensando que esta velleidade, que já lhe tinha sido funesta, poderia arrebatá-lhe as economias, que, junctamente com a pensão de reforma, lhe permittiam viver com todos os confortos. Outras, queria incorporar-se em alguma companhia dramatica, mas tão depressa parecia disposta a fazer «papeis centraes», isto é, os adequados aos seus sessenta e tantos annos, como pretendia reaparecer n'uma das personagens em que mais se fizera applaudir.

Coitada! Não percebia que, dos espectadores perante quem apparecesse agora, poucos seriam os que já a tivessem visto, e que estes mesmos difficilmente lhe perdoariam os estragos do tempo, e talvez, achando-a muito outra, chegassem até a desconfiar da justiça dos seus antigos applausos.

Foi bom para ella, certamente, que não conseguisse realisar semelhantes ideias.

O que havia de mais doloroso era ouvir-lhe as sonhadas phantasias — digo-o por experiencia propria.

Em todas as visitas que lhe fiz, sempre me falou do predilecto assumpto.

Escutava-a, e sem querer ia notando tristemente que o rosto lhe perdera a primitiva belleza, e a voz o agradável timbre e frescura; que nem os proprios olhos eram já capazes da antiga expressão, pisadas e intumescidas as palpebras inferiores, profundamente cavadas as olheiras; que rareara o cabello, e mais edosa a fazia parecer de aloirado por qualquer tintura. — No ultimo anno de vida, Emilia deixou-se d'esta innocente *coquetterie*, e ficou sendo uma «bonita velha». — Via-a assim, ouvia-lhe os projectos impossiveis, e os meus pensamentos embrenhavam-se no passado longinquo, remontavam ao tempo em que nos theatros da Trindade e de D. Maria as platéas acclamavam delirantemente a radiosa actriz.

Na sala onde estavamos, havia um grande retrato a oleo, figurando Emilia Adelaide em plena mocidade, com todas as galas da formosura.

A tela esplendida contribuia poderosamente para aquella evocação.

\*  
\*   \*  
\*

Foi na peça de abertura do theatro da Trindade que a vi pela primeira vez.

O seu talento já era então reconhecido por todos ou quasi todos. Accrescento o adverbio por amor dos apaixonados de Emilia das Neves, um dos quaes, e ferventissimo, foi José Ribeiro Guimarães, o *Guimarães do Jornal do Commercio*, como era geralmente designado.

Estes conservaram-se ainda por mais tempo costumazes na cruel negativa.

Emilia Adelaide tinha tido um longo noviciado artistico, durante o qual tizerá papeis de minima importancia, como foi, por exemplo, o de uma convidada, que entra no primeiro acto da *Vida de um rapaz pobre*, tão insignificante que ordinariamente é supprimido nos theatros de companhias não muito numerosas.

Desde a sua estreia na comedia *A chavena quebrada*, até se representar

o drama *La belle au bois dormant*, vertido por Francisco Palha com o titulo de *Nobres e plebeus*, não parece ter sido muito prospera a carreira de Emilia Adelaide. A sua primeira victoria foi n'esta peça de Feuillet, especialmente por causa de uma transição primorosa, que lhe valia applausos tão sinceros como os que no mesmo drama recebia Manuela Rey, então no auge da sua gloria artistica, d'ahi a pouco truncada pela morte.

Emilia tambem se fez notar, antes de se representar os *Nobres e plebeus*, no drama de George Sand *Os fidalgos de Bois-doré*, n'um papel *travesti*, a que dava todo o garbo e gentileza.

Por este tempo tinha já entrado no desempenho da *Historia de um pataco*, succedendo-lhe, em certa noite, uma fatalidade, que fez rir o publico, os collegas e a propria actriz.

Tinha que dizer «Creio que serei grata», mas confunde-se e diz, com grande convicção «Creio que serei gata». Cahe em si, quer emendar e balbucia varias phrases, menos a que devia dizer.

Como não daria largas depois d'isto, ao seu *tic* habitual de arrepanhar com os dedos a face direita, perto da commissura dos labios! Chegou a trazer pisada a porção de pelle que segurava com os dedos. A' força de absorver-se n'esta preocupação inconsciente, não reparava nas demais pessoas e ás vezes deixava de falar mesmo áquellas com quem tinha relações affectuosas. O que valia é que ninguem, que lhe soubesse do inveterado habito, lançaria á má parte aquellas distracções.

Da sua primeira passagem pelo palco de D. Maria, falo apenas de outiva. D'ali sahiu com outros artistas, acompanhando Francisco Palha, que tinha, no cargo de commissario regio, dado áquelle theatro épocas de extraordinaria prosperidade. O talentoso poeta e escriptor theatral levou esses actores e outros que lhes aggregou, para a Rua dos Condes e depois para S. Carlos, visto não estar prompto o theatro da Trindade, que elle mandara construir, e que veiu a abrir com a *Mãe dos po-*

*bres*, drama original de Ernesto Biester, que muitos annos viveu em intimidade com Emilia Adelaide, para



AOS 24 ANNOS

quem escreveu grande numero de papéis, amoldando-os perfeitamente á indole artistica da interprete, o que foi um importante factor para que ella progredisse e vencesse.

Não vem a pêlo discutir aqui o merito d'este dramaturgo, que deixou vasto repertorio, hoje esquecido. Teve interpretes soberbos, aos quaes deveu grandemente o exito das suas obras.

Vendo o nome de Biester constantemente no cartaz, os invejosos iam além do que é permittido a quem se preza de honesto, e juntavam á critica despiedosa a calumnia, dizendo, por exemplo, que todas aquellas peças eram corrigidas, limadas, refeitas por Mendes Leal, cunhado do auctor.

Emilia Adelaide disse-me a este respeito:

— Creia que era uma perfeita falsidade. Não o digo movida pela gratidão que devo ao Biester, mas pelo amor á verdade. As peças que se representa-

ram com o nome d'elle, boas ou más, eram d'elle unicamente.

A Luiz de Araujo, no dia do enterro da actriz, ouvi o seguinte:

— Quantas vezes, estando eu em casa d'ella, o Biester, á nossa vista, escreveu scenas e scenas, que leu a nós ambos e que d'ali a pouco vi representadas!



«NA MÃE DOS POBRES»

Outra informação, que tambem me foi dada por Luiz de Araujo:

Um dia o Biester e a Emilia convidaram-n'o para jantar. Era no tempo em que os taes, que teem dentro de si o monstro de olhos verdes, supportiam que o dramaturgo nadava em dinheiro, mercê das peças que tinha em scena.

Pois o modesto jantar destinava-se a festejar um facto importantissimo n'aquelle *ménage*: a compra da primeira meia duzia de colheres de prata!

— Ou bem se haviam de pagar á Aline e á Blanche as *toilettes* das innumeradas *grandes dames* distribuidas a Emilia, ou bem se havia de pensar que existiam ourives em Lisboa.

Voltemos, porém, ás minhas recordações, que estou agora fazendo reviver, como reviviam durante as horas em que eu ouvia Emilia Adelaide.

Da *Mãe dos pobres* não conservaria uma unica reminiscencia, se não fôra a impressão que n'um dos primeiros actos me causou uma actriz, a quem estava confiado o papel de uma velha cega.

Pareceu-me inexcelsível pela naturalidade e sentimento. Apenas desceu o panno, corri a ler no cartaz o nome da grande artista. Era Delphina.

Se não me engano, a *Mãe dos pobres* teve ephemera duração e foi substituida pela *Familia Benoiton*, graciosa critica de Sardou ao viver da burguezia parisiense durante o segundo imperio. Tãmanha influencia teve nas modas de todo o mundo a movimentada comedia, que estou em dizer que até na Lapônia e na Cochinchina se usaram *saias á Benoiton* e *botinhas á Benoiton*. Como os nossos artistas faziam bem a curiosa satyra, que já fôra representada pela maior parte d'elles na Rua dos Condes!

E que direi do desempenho do *Supplicio de uma mulher*, aquelle drama de adulterio, de que resultou acerba polemica entre Emilio de Girardin e Alexandre Dumas, filho, seus auctores? Quem via Tasso no papel de Henrique Dumont, ficava conhecendo o grandissimo talento do artista, que, tendo feito quasi toda a sua carreira a representar personagens romanticas, não ficara eivado dos exaggeros convencionaes d'aquella escola, e nos commovia profundamente sem nunca se apartar da verdade.

Emilia Adelaide, no *Supplicio de uma mulher*, igualava Tasso. Não pode fazer-se-lhe maior elogio. Eram ambos da mesma grandeza, na scena capital do drama, quando a adúltera, não podendo supportar por mais tempo a tortura que lhe impõe o amante, entrega ao

marido uma carta, que denunciá o crime.

Tenho-os comparado, na mesma peça, com grandes artistas que vi depois em Portugal e no estrangeiro, e nenhum me deu ainda impressão que podesse apagar aquella, nenhum foi mais commovente, e, ao mesmo tempo, mais verdadeiro. Quanto se engana, quem julga que muitos dos nossos antigos actores não eram cultores apaixonados da verdade na representação scenica!... Não precisamos estar muito avançados em annos, para termos podido receber no theatro a confirmação da these contraria. Tabor da, o glorioso velhinho, ainda vive, e com disposições de completar um seculo. Pode-se ser mais verdadeiro do que elle era no *Medico á força*, ou do que foi Gertrudes Rita da Silva na *Sociedade onde a gente se aborrece*? Pois tanto um como outro representaram estas peças com artistas modernos dos mais distinctos, e ambos

se avantajaram a todos pela naturalidade.

No *Supplicio de uma mulher* deu-se com o Tasso uma triste peripecia, que ouvi contar a Francisco Palha.

Na scena em que Dumont descobre a verdade e no auge do desespero ergue os punhos, como para esmagar a mulher, Tasso, uma noite, ao fazer este gesto, sentiu uma dôr fortissima no peito e não pode soffrer um grito afflictivo, que o publico julgou da personagem e que applaudiu ruidosamente. Era o primeiro rebate da angina pectoris, que, dois ou tres annos depois, havia de matar o grande actor. D'ali em diante o grito nunca deixou de soltar-se, havendo Tasso ido buscar á propria dôr



NOS «FIDALGOS DE BOIS-DORÉ»

um novo recurso para commover a platéa.

Não eram menos verdadeiros e correctos os dois grandes artistas na *Chave de ouro*, comedia de encantadora simplicidade, extrahida por João Ricar-

do Cordeiro de um conto dialogado de Octavio Feuillet, que faz parte das *Scènes et proverbes*.

Longe de mim o querer referir-me a todas as peças em que vi Emilia Adelaide no theatro da Trindade, representando sempre os primeiros papeis, ao lado de Tasso. De algumas ainda falarei, todavia, como por exemplo das *Pupillas do sr. reitor*, tirada por Ernesto Biester do celebre romance de Julio Diniz, que se acabava de publicar.

Eu estava na superior, logar para onde ia sempre — a menos que a escassez da bolsa de estudante me não empuxasse para a geral. Ao findar um dos actos, o publico chamou com insistencia pelo auctor. Apareceu afinal Ernesto Biester, e, estabelecido o silencio, que elle por um gesto solicitou da platéa, disse isto pouco mais ou menos:

— Eu não fiz mais do que aproveitar as admiraveis scenas do romance do sr. Gomes Coelho, tão conhecido

pelo seu famoso pseudonymo de Julio Diniz. Não venho, portanto, buscar applausos que me não pertencem, mas



ERNESTO BIESTER

simplesmente pedir ao grande romanista que suba ao palco, a fim de receber mais uma consagração do seu talento.

E ao dizer isto apontava para um individuo, que estava ao pé de mim, no assento immediato da direita. Gomes Coelho acabava de chegar da Madeira, onde fôra tratar-se da doença de peito que o matou pouco depois, e estava n'aquelle modesto logar, onde julgava que poderia vêr a sua obra transplantada para a scena, livre de que alguém o reconhecesse. Não teve mais remedio do que ir ao palco receber entusiasticas ovações.

As «pupillas» eram Emilia Adelaide (Guida) e Rosa Damasceno (Clara).

Tambem não deixarei de alludir a dois outros dramas representados na Trindade, em que se travaram duas batalhas da guerra que por então andou accesa entre aquelle theatro e o de D. Maria, ou, falando com mais rigor, entre Emilia das Neves e Emilia Adelaide.

Um d'elles denominava-se *Peccadora e mãe*, e era tambem original de Ernesto Biester.

Annunciou-se, e logo sahiu nos jor-



EMILIA ADELAIDE E ROSA DAMASCENO NAS «PUPILLAS DO SR. REITOR»

naes outra noticia dizendo que em D. Maria ia dar-se um drama, cuja ideia fundamental seria, como a d'aquelle, a mulher perdida redimindo-se pela maternidade. A peça de D. Maria in-

plagiato do francez. Representam-se por fim as duas obras, faz o publico a comparação entre ambas, e conclue que não tinha fundamento a accusação.

O outro drama a que me referi, era



EMILIA ADELAIDE AOS 30 ANNOS

titulava-se *Pena de talião* e foi traduzida do francez por Aristides Abranches. Antes da sua representação, contavam, á bocca pequena, os partidarios do theatro do Rocio, que o drama portuguez se limitava a um escandaloso

*Les diables noirs*, que se deu na Trindade com o titulo de *Tentações do demonio* e em D. Maria com o de *Tentações diabolicas*. O resultado foi desanimador para qualquer dos theatros, visto que o publico se desinteressou da

lucta, em razão do escasso valor que tinha a peça, uma das peiores de Sardou. Nas *Tentações do demonio* fez Tasso magistralmente uma scena, em que a



O ACTOR TASSO

personagem roubava uma joia pertencente á amante. Vidal, que desempenhava o mesmo papel em *D. Maria*, tambem se distinguiu, sem comtudo se approximar do seu notabilissimo collega. Emquanto ás Emilias, divergiram as opiniões, proclamando os adoradores de cada uma a desmedida superioridade do seu respectivo idolo.

Esta rivalidade teve a breve trecho um inesperado desenlace.

As ultimas épocas em *D. Maria* tinham sido altamente prejudiciaes para os cofres do Estado, que então administrava o theatro. As responsabilidades do desastre lançavam-se ao commissario regio, dr. Luiz da Costa Pereira, que tinha tão grande competencia para ensaiador, como deficiencia de actividade para gerente. Entrou no poder o ministerio do Bispo de Vizeu, e, realisando o seu lemma de «economias, economias, economias», decretou que o governo deixaria de administrar o theatro. Tendo aberto concurso, foi preferida a proposta de Francisco Palha, que ficou então com os dois theatros.

Na Trindade passou a cultivar-se a pereta, e em *D. Maria* continuou a

explorar-se o genero dramatico, reforçada a companhia com alguns artistas da Trindade, taes como Tasso e Emilia Adelaide.

Estavam, pois, reunidas as duas antigas rivaes, e dentro em pouco appareciam nas mesmas peças. Foi assim que vimos em *D. Maria* o *Angelo*, de Victor Hugo, notavelmente desempenhado, cabendo a Emilia das Neves a Thysbe, e Catharina Bragadini a Emilia Adelaide. No *D. Frei Caetano Brandão*, de Silva Gayo, tambem entravam as duas Emilias.

De como ellas conviviam, saberemos alguma coisa mais adeante, quando se contarem diversas anedotas.

O primeiro beneficio que Emilia Adelaide fez então no theatro de *D. Maria II*, foi uma das suas noites de maior gloria. Representou-se o primeiro original de Pinheiro Chagas, e de todos o que tem tido vida mais longa e triumphal. Nenhum dos espectadores d'aquella inolvidavel recita, esqueceu ainda certamente a viva admiração que despertou a *Morgadinha de Valflor*, tanto pelo drama em si, como pelo desempenho. O agrado começou logo no primeiro acto, quando o pintor Luiz Fernandes trava uma discussão acalorada com a protagonista, que lhe apparece sob o aspecto de um elegante fidalguinho dos fins do seculo XVIII. Mas quando os applausos se tornaram em estrepitosa ovação, foi no fim do segundo acto — um animado quadro dos velhos costumes portuguezes — ao terminar a vibrante scena, jogada tambem entre Emilia Adelaide e Tasso. Que loucura quando o panno começou a baixar, depois da phrase «E amo-o, desgraçada», fecho da gargalhada de fingido sarcasmo, com que a morgadinha acompanhava a objurgatoria de Luiz Fernandes! Ambos os artistas faziam este dialogo com toda a sua alma — e tinham-na como poucos.

O drama, de um suave romantismo, vinha na occasião mais propria. Não podia ser melhor para elle a receptividade da platéa do que n'aquelle tempo, quando a grande maioria dos espectadores jurava, em litteratura, pelos dogmas de

Feuillet, e reputava como supra summo do bello as amaveis concepções do auctor do *Roman d'un jeune homme pauvre*.

Até ao final o agrado foi n'um crescendo constante. Na platéa dizia-se que a musa inspiradora do *Frei Luiz de Souza* tinha sorrído novamente a um poeta portuguez, e que o theatro nacional contava uma segunda obra prima.

Emilia Adelaide, que, no papel de Leonor Coutinho, soubera ser altiva, carinhosa, ironica, apaixonada, foi em tanta maneira associada ao exito da obra, que d'ali por deante, quando passava nas ruas, a miude ouvia:

— Lá vae a Morgadinha de Valflor!

Para se calcular o que era o desempenho de Tasso no celebre drama, bastar-me-ha dizer que annos depois, estando eu no palco de D. Maria e tendo acabado um dos actos da *Morgadinha*, vi Pinheiro Chagas entrar enfurecido n'um camarim, por isso que o publico estava festejando um novo interprete do papel de Luiz Fernandes como nunca, dizia elle, tinha victoriado o primeiro.

Na *Judia* e na *Helena*, peças do mesmo talentoso escriptor, fez-se applaudir Emilia Adelaide em épocas posteriores, mas sem que o exito para ella nem para os dramas fosse comparavel áquelle.

Depois morreu Tasso, e acabou no theatro de D. Maria a empresa de Francisco Palha, sendo substituida pela de José Carlos dos Santos, outro grande artista, em quem Emilia teve, como n'aquelle, um collaborador valiosissimo.

Que vasto repertorio ella fez ao lado do Santos! Hoje era Adelia de Hervey e hobreava com o seu brilhante collega, tão notavel no papel de Antony; amanhã Mademoiselle de Belle-Isle n'outra peça de Alexandre Dumas pae, que Rebello da Silva traduzira excellentemente; Maria Antonieta, no drama de Giacometti; D. Isaura (Elmire) no *Tartufo*; Margarida, na *Vida de um rapaz pobre*; Magdalena de Vilhena, no *Frei Luiz de Souza*; Dona Clorinda, na *Aventureira*, de Augier, traduzida em prosa por Julio Cesar Machado; a

protagonista da *Indiana*, de Thomaz Ribeiro, e a da *Magdalena*, de Pinheiro Chagas, que teve longa vida como a *Morgadinha* e em que Santos espargia os fulgores do seu talento n'um papel de *raisonneur*.



EMILIA DAS NEVES

Não foi ao lado de Santos, mas ensaiada por elle que Emilia Adelaide realisou o seu trabalho artistico mais perfeito, no papel de Clotilde da *Fernanda* de Victorien Sardou (1).

Santos não entrou na peça e deu assim occasião a que o actor Polla al-

(1) A traducção da *Fernanda* é de Ernesto Biester. Foi publicada em 1871 pelo sr. Paul Plantier e precedida da seguinte dedicatória do editor: «A publicação da *Fernanda* na sua forma portugueza é simplesmente uma homenagem ao talento esplendido de Emilia Adelaide, a interprete perfeita da Clotilde de Sardou». Cada exemplar tem uma photographia da actriz.

cançasse um triumpho na parte de Pommerol, que elle tambem poderia fazer maravilhosamente.



NO «PEDRO RUIVO»

A complicada e interessantissima personagem que Victorien Sardou compoz com a Madame de la Pommeraye do conto de Diderot dramatisado na *Fernanda*, foi realisada de modo admiravel pela nossa actriz, cujos dotes physicos, perfeitamente se coadunavam com os exigidos pelo papel. Com que alma e verdade ella o fazia, não abusando sequer do demasiado arfar do seio, a que muito recorria nas situações mais dramaticas. Ainda a vejo na scena em que Clotilde, simulando com o antigo amante indifferença igual á que lhe inspira, o leva a contar os seus novos amores. Quando o encarava, o rosto exprimia bom humor, sinceridade, carinho; voltava-lhe um pouco as costas, não podendo já sustentar a mascara, e a physionomia tornava-se-lhe outra, mettia medo, decomposta pelo ciume, pelo desespero, como que reflectindo antecipadamente a infernal vingança que o seu amor ia tirar d'aquelle homem tão leviano.

Pouco depois de acabarem as representações da *Fernanda*, foi Emilia Adelaide com Ernesto Biester para o Rio de Janeiro e ali representou em companhia de Furtado Coelho as peças principaes do seu repertorio, com tão excellente resultado, não só emquanto a applausos como no tocante a lucros, que, desde que regressou a Portugal, a sua preocupação constante foi voltar ao Brazil, mas como emprezaria, para que a direcção lhe coubesse inteiramente, bem como o producto da *tournee*. D'aqui proveio o seu mal.

\*

\* \*

Quando José Carlos dos Santos deixou de ser empresario do theatro de D. Maria, Emilia começou com a sua empreza, dando espectaculos no Porto e outras terras do continente, e seguindo depois pelos Açores a caminho do Brazil.

Emquanto ella, entregue a si mesma, sem um ensaiador que podesse encaminhal-a, ia a pouco e pouco destruindo o seu grandioso nome artistico, tão custosamente alcançado; principiava para Santos aquelle horrendo martyrio, em que ás trevas da cegueira vieram juntar-se mais excruciantes soffrimentos, sem que durante muitos annos a morte quizesse acudir ao desgraçado.

Em 1880 voltou Emilia Adelaide a Lisboa, e reapareceu no theatro dos Recreios, á frente de um grupo de artistas, em que, a par dos seus companheiros de peregrinação, figuravam novos elementos.

Acharam-n'a um pouco decadente. E como teria resistido ás influencias perniciosas que já assignalei?... Além d'isto, não era só a acabrunhal-a a desillusão que lhe causara a *tournee* pelo Brazil, para onde fôra pobre e d'onde não voltava rica, talvez por se não ter retirado a tempo. Preoccupava-a tambem o mau resultado da sua nova empreza em Lisboa. Quanta vez deixaria de pensar no papel que representava, ao dar com os olhos na

vasta e feia sala do theatro dos Recreios, quasi totalmente vasia! E chegando a casa, ia encontrar á noite, como já lhe acontecera de manhã, abundantes cartas de crédores.

Depois, ainda a vi no Gymnasio e no Principe Real. N'aquelle theatro, estando a representar a *Diana de Lys*, e devendo referir-se a uma personagem que tinha o meu primeiro nome, disse, por engano, o meu nome e apelido. Estava tão esquecida, que os outros artistas se viam forçados a pontar-lhe as falas que lhe pertenciam.

No Principe Real fez melhor figura e tomou parte não só em peças do seu antigo repertorio, mas tambem na *Filha e mãe* de Giacometti.

Não tornei a vel-a em scena.

\*

Quando Emilia Adelaide voltou do Brazil a ultima vez, vinha muito doente. Fui visital-a e julguei-a irremediavelmente perdida. Comtudo melhorou a pouco e pouco, e parecia outra quando tornei a vel-a, já em nova casa. As mudanças para ella chegavam a ser uma tentação. N'estes ultimos annos conheci-lhe umas sete ou oito moradas differentes. Queria preencher com isto a sua vida inactiva, tão serena, tão diversa da que tinha tido antigamente?

Como se alegrava quando alguem ia vel-a, e lhe levava as novidades dos palcos, aonde esperava tornar ainda!

E então contava mil historias do tempo em que era coisa appetecida, mas concedida a muito poucos, a entrada no seu camarim; de quando tinha admiradores tão devotados como os da sua rival Emilia das Neves.

E contava sem paixão as suas recordações, desenfastiadamente, falando de si mesma como se tratasse de outra pessoa. De algumas historias que lhe ouvi, ainda me lembro bem.

D'esta, por exemplo

Já disse que durante a empreza de Francisco Palha, em D. Maria, se representou o drama *D. Frei Caetano Brandão*, em que havia um acto

que fechava com uma scena entre as duas Emílias. Uma noite, por mais que o publico applaudisse, passaram-se minutos sem que alguem viesse agradecer. Porque? Emilia Adelaide ia entrar mas recuou, ao ver Emilia das Neves na porta fronteira, fóra da vista dos espectadores e pouco resolvida a apparecer. E' que a platéa gritava: «Emílias! Emílias!» e este plural contedia-lhe com os nervos.

Ora Emilia Adelaide fazia no drama de Silva Gayo um *travesti*, e como a platéa já se mostrasse impaciente, tomou dos fatos masculinos os deveres



NA «FERNANDA»

do sexo forte, entrou em scena e foi buscar a renitente collega. Immediatamente se arrependeu, porque, ao dar-lhe a mão, sentiu um puxão fortissimo, que lhe fez andar uns poucos de dias com o braço a doer.

Conta-se tambem que no *Angelo* — ouvi-o a outra antiga actriz — n'uma situação em que Emilia Adelaide agradava muito, Emilia das Neves conseguiu desviar a attenção do publico, por effeito de uma contra-scena que pelo ensaiador lhe não tinha sido apontada.

Não se julgue por isto — consintam-

me a digressão — que a linda Emilia fosse para todos má collega. Para com Heliodoro e Vidal, dois actores distinctos que morreram muito novos,



O ACTOR JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

dos estragos da tuberculose, teve ella a maior caridade, custeando do seu bolsinho as despezas do tratamento, e servindo-lhes até de enfermeira desvelada, no que obedecia tão sómente á generosidade do seu coração.

Vidal era um tanto bohemio e correu pela sua vida desregrada para o fim prematuro que teve. Sabendo que elle abusava das bebidas, Emilia das Neves admoestava-o de vez em quando.

— E' que eu tenho muitas seccuras — desculpava-se o Vidal.

— Beba chá como eu — aconselhava-lhe a grande actriz. Veja!...

Acabava de chegar a sua fiel creada — a Andreza — com uma chicara, onde fumegava a bebida do Celeste Imperio.

Na recita seguinte Vidal, antes de entrar em scena, tambem bebeu uma chicara de chá, que o «alfayate» foi levar-lhe ao bastidor.

Emilia das Neves julgou-o regenerado, mas logo depois, n'um dialogo em que o Vidal tinha de lhe falar muito de perto, desconfiou de que elle exhalava da bocca o aroma do chá... de parreira. Viu a suspeita confir-

mar-se no acto seguinte. O liquido que vinha para o Vidal e que pela côr a tinha enganado, era vinho branco.

E as historias que Emilia Adelaide contava do Tasso, cuja bondade nunca deixava de enaltecer?...

Representava-se um drama em que elle mais uma vez deslumbrava o publico pelo fogo da dicção, pela energia do gesto, pela elegancia do porte, pela belleza das attitudes. Entre os espectadores que não perdiam uma unica representação, fazia-se notar uma bonita mulher, postada invariavelmente em uma frisa de bocca. Constou no palco que o Tasso n'aquella noite seria admittido no luxuoso ninho da beldade. Terminada a recita, viram-n'o effectivamente partir n'uma carruagem.

Imagine-se a curiosidade com que o esperaram na manhã seguinte, ao ensaio. Chegou a horas pela primeira vez uma actriz, que, de tanto ser multada, quasi não recebia ordenado no fim dos mezes.

— Então, ó Tasso? perguntou Emilia baixinho, logo que elle appareceu.



AOS 40 ANNOS

— Deixe-me cá! respondeu muito contristado o primeiro dos galãs portuguezes.

— Então?...

— Fui introduzido n'um *boudoir* perfumado, elegante, respirando mysterio, para o que muito influia a meia

obscuridade que n'elle reinava. De repente senti n'uma sala proxima... essa estava completamente ás escuras... o ruge-ruge d'um vestido de seda e o pisar subtil de uns sapatinhos, de certo mais pequeninos que os

que tinha vindo, e passados instantes, em lugar da vaporosa creaturinha, appareceu-me o creado, que me reconduziu até á porta da rua!

Tasso não mostrava resentimento, e d'ali em deante bastava que lhe dis-



EMILIA ADELAIDE NO FIM DA VIDA

da Cendrillon. Era ella! Entrou no *boudoir*, deu toda a força ao gaz e fitou os olhos no meu rosto. Como nunca me tinha visto de perto e sem caracterisação, teve um desapontamento e exclamou: «Ah! E' bexigoso!»

— E depois? perguntou Emilia.

— Depois, logo depois, immediatamente, foi-se embora, mais subtil do

sessem «Ah! E' bexigoso!» para se escangalhar com riso.

\*  
\* \*

Passou-se tempo sem que me fosse possivel ir visitar Emilia Adelaide. De mais a mais tinha-se extraviado um

bilhete em que me participava uma nova mudança de casa.

Um dia, sei que estava muito doente, e que residia ao pé do passeio da Estrella, na travessa de S. Bernardo. Vou lá. O guarda portão dá-me boas notícias. A velha actriz morava no segundo andar. Subo, bato á porta e apparece uma criada minhota que me diz: que «a *xenhora* já num torna a *lebantar-xe* da cama».

Os moveis da saleta ainda estavam desarrumados. Sentindo-se muito doente, Emilia trocara por aquella uma casa do bairro Camões, para onde se tinha mudado pouco antes, e d'onde sahiu precipitadamente, attribuindo-lhe a recrudescencia do seu mal, que infelizmente era de morte.

Dois dias depois voltei lá, para lhe acompanhar o enterro.

— Como a esqueceram! — disse-me alguém no cemiterio.

\* \* \*

Vou terminar estas linhas escriptas *currente calamo*, narrando um caso acontecido entre Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos e Gervasio Lobato, e em que tomaram parte indirecta as *duas Emilias*.

Gervasio escrevia folhetins no *Jornal da Noite*, que então era dirigido por Antonio Augusto.

Representa-se um drama em D. Maria, não sei qual, e Emilia Adelaide obtem um grande triumpho. Gervasio enthusiasma-se, e no dia seguinte, ainda excitado pela febre que o dominara na véspera, senta-se á meza e n'um longo dithyrambo, entorna sobre a artista a cornucopia dos adjectivos encomiasticos e acaba proclamando-a «primeira actriz portugueza.»

D'ali a tempos Emilia das Neves é despedida do mesmo theatro por José Carlos dos Santos, que, vendo-se for-

çado a fazer economias, em vez de seguir o systema vulgar dos governos, applica o tremendo cutelo aos grandes ordenados, o maior dos quaes era o da genial artista.

A despedida de Emilia das Neves realisou-se com a *Beatriz* de Legouvé e assumiu as proporções de uma verdadeira apothese. Gervasio estava lá e movido pelos mais generosos sentimentos enrouqueceu a chamar á scena e a applaudir a grande interprete da *Joanna a doida*, e da Thusnelda do *Gladiador de Ravenna*. Porém não se limitou a isto. No *Jornal da Noite* dedicou-lhe, em folhetim, a mais calorosa homenagem, applicando-lhe todos os qualificativos elogiosos contidos no seu rico vocabulario e acclama-a «primeira actriz portugueza.»

Antonio Augusto julgou-se obrigado a intervir.

Chamou o Gervasio, e ao mesmo tempo que, para o artigo do fundo, ia enchendo linguados e linguados com a sua letra rasgada e perfeitamente legível, disse-lhe em tom paternal, tartamudeando ainda mais que de costume, por ter a grande boquilha ao canto da bocca:

— Temos que fazer um ajuste, meu caro Gervasio. Quando você quizer elogiar uma actriz, tem carta branca para exaurir toda a provisão de epithetos laudatorios, que possam fornecer-lhe todos os dictionarios da lingua, desde o Bluteau até ao Domingos Vieira. Auctoriso-o a chamar-lhe eximia actriz, excelsa actriz, egregia actriz... O que, porém, lhe não posso consentir é que applique a duas contemporaneas a qualificação de «primeira actriz portugueza». Estamos de accordo?

— Perfeitamente, respondeu, morto de riso, o futuro auctor do *Commissario de policia*. De contrario uma das primeiras passava a ser... segunda.

MAXIMILIANO DE AZEVEDO.

Emilia Adelaide nasceu em Portalegre em 1 de novembro de 1836. Tendo estado com sua familia em Castello Branco, voltou a Portalegre e de lá veiu para Lisboa. Estreiou-se no theatro de D. Maria em 1856. Representou os *Nobres e plebeus* em 1865, a *Morgadinha de Valflôr* em 1868 e a *Fernanda* em 1871. Obteve a classificação de *actriz de 1.ª classe*, quando o governo administrava aquelle theatro, e como tal foi mais tarde reformada com o vencimento mensal de 72\$000 réis.

# Faiança de Massarellos

**M**

EU CARO AMIGO:

A sua carta, a pedir a minha collaboração para os *Serões*, não pôde ser mais lisonjeira para mim!

Lembra-me v. que lhe ceda algum trecho do meu trabalho sobre a «Ceramica Portuguesa», que tenho entre mãos, acompanhado de algum documento interessante para ser reproduzido pela photogravura, e recommendando-me que, á parte descriptiva, dê fórma litteraria.

Quanto á primeira e á segunda parte, julgo poder servir-o; quanto ao ultimo requisito é que, mal, muito mal, muitissimo mal, poderei satisfazer a sua indicação. Creio mesmo que a archeologia, se não pôde ligar, em absoluto, com a litteratura.

Descrever e documentar factos é dizer a verdade; e, em geral, a verdade apparece sem atavios, ao lume d'agua, nua e crúa. Tirar-lhe a crueza é adulteral a; vestil-a com a incomparavel *toi-*

*lette* litteraria, é muitas vezes escondel-a.

O contrario d'isto é tão raro, como é raro o escriptor — no caso presente, bem entendido — que, sem modificar a verdade pura, lhe possa dar o que ella não possui de si propria: a elegancia.

Se a mór parte da gente soubesse quanto é agradável em archeologia provar o que d'ante-mão supuzemos, ao completar noticias com factos e elementos novos, mesmo quando essas noticias pertençam a outrem, avaliaria um dos grandes prazeres do investigador. E o caso que lhe vou narrar. Julgo não ter nada de mais interessante no meu trabalho, para offerecer aos *Serões*, que o meu caro amigo tão habilmente dirige.

Ha de haver por ahi uns dez annos, folheava eu o catalogo da Exposição de

Ceramica, effectuada no Porto em 1882, catalogo redigido pelo meu querido amigo o sr. Joaquim de Vasconcellos, com documentos coordenados por este erudito archeologo, e, a paginas 25, docu-





mento v, — notas sobre as Fabricas de Ceramica do Porto—encontro a data da fundação da Real Fabrica de Massarellos: 1738.

Esta fabrica, que foi instituida vinte e nove annos antes da Real Fabrica do Rato, em Lisboa, como tambem nota o sr. Vasconcellos, é a mais antiga de que ha conhecimento a produzir louça de esmalte estanifero, e, portanto, a verdadeira faiança.

A noticia fez sensação, como mais tarde a produziram os documentos encontrados em Coimbra pelos srs. Antonio Augusto Gonçalves e Adelino Antonio das Neves e Mello, sobre a ceramica d'esta localidade.

Á noticia de Massarellos junta o sr. Joaquim de Vasconcellos o nome de Francisco Gomes Pereira, sobrinho do fundador Manuel Duarte Silva, como tendo fornecido a interessante nova.

Depois de tudo isto, restava, para fazer verdadeira fé, algum documento *vivo*. Tive a fortuna de o encontrar em Vianna do Castello, quando, ha dois annos, alli estive estudando as colleções existentes na pittoresca cidade minhota.

Guardei o segredo do feliz achado até agora. Os leitores da sua bella revista são os meus primeiros confidentes.

Trata-se d'uma simples caneca de fôrma cylindrica, com sua aza, ornamentação polychromica, e esmalte opaco. N'um medalhão, a toda a altura do vaso, S. Bento e Santa Escolastica, e, em volta, a seguinte inscripção: DA PRIMEIRA FABRICA EM MASSARELLOS — PORTO.

Pelo estylo da pintura, disposição das côres, desenho das figuras, com a maneira manifesta das pinturas freiraticas, que do fim do seculo xvi chega aos primeiros annos do seculo xviii, expressão beatifica e parada das personagens, as mãos reduzidas a metade das proporções anatomicas, habitos dos santos a côr de vinho escuro, agaloados d'um amarello côr de oiro, baculos pastoraes da mesma côr de oiro, e ainda pelo perfil das molduras que decoram os espaços desde a aza ao medalhão, não resta duvida que se trata d'uma faiança dos primeiros annos do seculo xviii.

O baculo que Santa Escolastica, irmã de S. Bento, segura na mão direita ex-



plica-se (creio eu) por ter sido esta Santa abbadessa e pertencido á superior ordem religiosa dos Benedictinos.

A tonalidade polychromica da ornamentação é intensa, mas pouco transparente, e compõe-se das côres azul, verde, amarello e côr de vinho, sobre esmalte branco, pouco brilhante.

Perguntarei agora: a fabrica donde sahio este producto, a *primeira* que houve em Massarellos, seria a que fundou em 1738 Manuel Duarte Silva? Penso que não. Se a fabrica tivesse tido o titulo de *Real* não é de crer que a legenda inscripta na peça o não declarasse. Além d'isso os caracteres do producto, sobretudo a frisante analogia entre a sua decoração e as fórmulas ornamentaes do seculo xvii, levam-me a at-

tribuir-lhe uma data anterior á fundação da fabrica de Duarte Silva, que foi a segunda, senão a terceira, que existiu em Massarellos.

A peça que um feliz acaso nos deparou em Vianna e que as gravuras reproduzem, pertence ao nosso estimavel amigo o sr. João de Assumpção Passos Vianna, capellão de artilharia 5, e deve ter sido fabricada no primeiro decennio do seculo xviii.

Em todo o caso, estas conclusões não seriam tiradas tão facilmente se não fosse a noticia que o sr. Vasconcellos nos dá no seu trabalho—que, além do interesse que possui, teve o alto merito de abrir o caminho a futuras investigações.

11-10-1905.

JOSÉ QUEIROZ.



## *Aos meus camaradas*

*Por esta melancolica descida  
atravez de sarcaes e de atoleiros,  
que seria de mim, de minha vida,  
sem vós, oh meus amados companheiros?*

*Que seria d'esta alma, assim ferida  
por pedregaes e por despenhadeiros,  
sem quem lhe ouvisse a voz, jámais ouvida  
na surda multidão dos caminheiros?*

*Ah! como é bom sentir, na treva incerta,  
a amiga voz que á nossa voz responde,  
a doce mão que a nossa mão aperta!*

*Vamos... Rodeue-me sempre, assim... Cuidado!  
Quero, na escuridão que nos esconde,  
ouvir os vossos passos a meu lado.*

S. Paulo. 1-6-905

AMADEU AMARAL.



# LEÃO VELHO

POR

D. Anna de Castro Osorio

QUANDO o conheci era elle um velho ainda vigoroso e sadío, mas já com as barbas todas brancas e uma cabelleira de neve, a emoldurar-lhe o rosto vinçado pelo máu humôr permanente, tal como juba de leão orgulhoso.

Era talvez por isso que os garotos, no pitoresco da sua observação desrespeitosa, o chamavam, de longe, *Leão velho*. Mas só de longe se atreviam a gritar-lhe a alcunha que tanto o molestava, porque o velho Macêdo, o antigo corneta do *batalhão do Jayme*, o intrepido guerrilheiro, não tinha a coléra mansa dos que não sentiram nunca o cheiro da pólvora nem o alvorecer rúbido dum dia de combate.

Não nascêra na terra, nem ao certo se podia saber donde era, que ao perguntar-se-lhe respondia, invariavelmente, com um gesto vago da sua mão que as veias encordoavam — *de lá para baixo!*...

E *lá para baixo* era todo esse paiz que se estende por alcantis de serranias adustas e por valles umbrosos, que os rios cortam galgando precipícios, despenhando-se pelos fraguados, espraçando-se pelas varzeas uberrimas, até ir morrer lá ao longe, nas areias brancas que o Oceano acaricia.

De lá para baixo?!

Não; ao certo era impossivel adivinhar em que recanto ignorado da forte terra portugue-

sa nascêra e se criára esse pequeno montez de hombros largos e rijo arcaboço, que as fadigas mais robusteceram.

Como conseguira estabelecer-se na villa e arranjar o modesto emprego de *official da camara*, tambem não sei.

Talvez chamado pelo velho capitão Pessoa, outro valente da guerrilha, que trouxera para o remanso do lar a lembrança entusiastica desses bons tempos e uma bandeira amarrada ganha com honra aos soldados da rainha e dos Cabraes...

Ao corneta e ao capitão, outrora tão distanciados na sua hierarchia militar, irmanava-os agora a saudade e o tempo, que tudo consome e a todos aproxima.

Eram apenas dois velhos: O Macêdo, corcovado e humilde, com o seu fato coçado pelos invernos; e o capitão, vivendo do rendimento duns contitos de réis em propriedades, sacudindo ao vento a barba branca de patriarcha.

Discorriam... Oh os tempos idos! O passado é que é mais do que a vida que nos foge, a mocidade que nunca mais volta!...

Quando o conheci era já



um velho rabujento e áspero, acumulando com o logar publico, que muito o orgulhava, o de guarda da capella da camara, que em tempos fôra casa fidalga e conservava o luxo da sua capellinha particular.

Era, por isso, a companhia vigilante dos mortos que se costumava mandar para ali as ultimas vinte e quatro horas de paragem na terra. E, com tantas atribuições, ainda encontrava ensejo para carpintejar e torneiar umas pequenas *maravilhas* em lindo buxo amarello como oiro, que eram o nosso enlevo.



— PORQUE MENINAS NÃO BRINCAM COM PIÕES!

Pelas festas tinhamos certos os nossos presentinhos levados pelo Macêdo, que assim tinha pretexto para receber alguma esportula, sem amarrotar os seus brios de altivo guerrilheiro aposentado. Era com essa sua habilidade manual que conseguia tambem levar umas festas mais alegres na sua solidão de sem familia, comendo pimentos queimados e malaguetas vermelhas como lacre, que ia cultivando com amôr em caixotes á janella da sacristia, que era tambem officina, e lhe abriam maior appetite ao forte *carrascão*, que era o seu *fraco*.

Nós ficavamos satisfeitissimos com os piões, as bolas e os lindos paus torneados para o jogo da *bilharda*, que nos entregava num meio sorriso de artista que quer ostentar modestia, prevendo os nossos entusiasmos de sinceros admiradores.

Até uma vez a sua generosidade foi ao ponto de me brindar com uma dobadoira — *porque meninas não brincam com piões!* — dizia abanando a cabeça, com austeridade que não ficaria mal em grave conselheiro desdenhando costumes modernos.

Essa dobadoira, quasi do minusculo tamanho que eu tinha então, foi-me companheira e amiga por largos annos quando nella dobava e desdobava a linha com que fabricava as meias para toda a numerosa familia das bonecas. Por fim, perdida de vista, quando outras preocupações vieram encher-me o espirito e arrear-me a atenção desses afazeres de dõna de casa em miniatura, deverá ter-se desconjunctado por alguma arrecadação do sotão, indo talvez — quem sabe!? — findar seus dias num abraço mortal do fogão que na sala de trabalho crepitava sem descanço nos longos serões da invernia beirã.

Mais feliz, afinal, do que o seu modesto fabricante, o velho Macêdo, que na friesa dum inverno ultimo se deixou morrer, sem lagrimas de familia ou amigos que o acompanhassem á sepultura rasa dos heroes desconhecidos.

Coisas que o *Leão Velho* nos contava, nos seus raros dias de bom humôr, encheriam de entusiasmo até os proprios mortos!

Umaz vezes, dizia-nos o que era uma noite de marcha sobre a tremura das estrellas silenciosas, quando a guerrilha tinha de se escoar, sem ser presentida, pelas azinhagas mais solitarias, rasgando as mãos e os fatos para trepar os montes escabrosos, fugindo como lobos ao povoado hostil...

Outras, cheios de fome e de frio, sem tecto que os abrigasse, a quadrilha agrupava-se em volta da fogueira fumarenta, alimentada com troncos de pinheiros arrancados pela raiz ás mattas proximas. Era então todo um rememorar melancolico das noites de outr'ora, passadas á lareira, a ouvir os casos que a velha avó sabia do tempo dos francêses... Ou como as bruxas se reuniam nas encrusilhadas para

as suas festas e malefícios, e da *certeza* que havia de que a ultima criança da vizinha fôra sugada por aquelles *trasgos*... Santo nome de Jesus!... — E as velhas acreditavam naquellas!... E os guerrilheiros riam escarninhos de taes credices; mas suspiravam pensando no momento em que na lareira o caldo verde levantava fervura e todos acorriam galhofeiros, com as tijellas meadas de brôa, para a mãe fazer a distribuição.

No entanto nenhum se queixava dessa vida aventureosa e bravia, que por gosto procurára, e tinha compensações para essas rudes criaturas que a desmoralisação da politica tinha arrancado á terra para os lançar, mal armados e mal preparados, na sangrenta lucta civil.

Só o terror que espalhavam pelos casaes e aldeias quando entravam em chusma, ao toque da corneta e ao rufo do tambôr, pelos povoados indefesos, era de fazer rir os mais bisonhos!

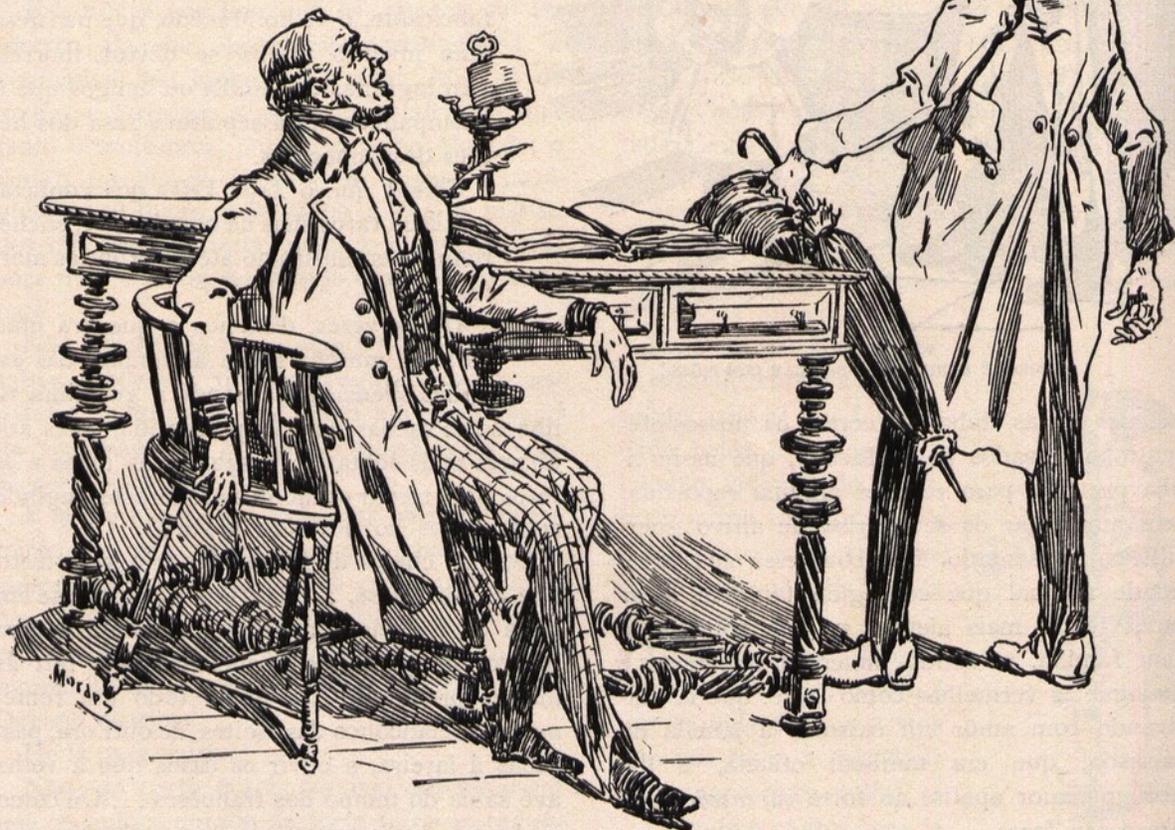
Alguns, menos embotados pela asperesa dessa existencia de luctas e de perigos, ainda por vezes se surprehendiam com os olhos resumbrando lagrimas quando numa *alta*, em terra amiga, viam ás tardinhas as moças que recolhiam da fonte com os cantaros cheios de

agua sobre as cabeças airosas, no passo dolente que lhe dá a herança dos moiros, que tanto, ou mais, do que nos campos de batalha, deixaram o seu sangue nas veias do povo português.

Mas o Macêdo, então um rapazote de olhar vivo e negros cabellos ao vento, pensava lá nessas coisas!... Familia não a tinha, não a tivera talvez nunca; pequeno, filho do acaso, que a guerrilha em qualquer azinhaga encontrára a colher amoras e levára numa hora de bom humôr para os guiar com o som estridulo da corneta, que outro petiz havia pouco largara, para morder a terra embebida no sangue do coração desfeito por uma bala.

E melhor guia não encontrariam decerto; que o pequeno, á frente do batalhão, galgando montes e descendo precipicios, impávido e forte, era o primeiro na arremetida e o ultimo na retirada. Tocando sempre, indiferente á dôr e á morte, elle seria capaz mesmo de tocar quando dos seus não restassem senão cadaveres.

Pobre *Leão Velho*!  
Como ia longe esse tempo de lucta e gloria, quando o conheci.



Mas ficára-lhe dessa vida livre e aventureosa uma altivez que o tornava soberbo quando, ao de lève que fosse, alguém tentasse menosprezá-lo.

Tinha raptos de orgulho, que passavam de bôca em bôca, entre sorrisos complacentes, e se recontavam anecdoticamente como coisas de uma outra idade.

Esta que me lembra é das melhores. Depois de grandes sacrificios e trabalhos, desmembrada a guerrilha que já não era necessaria, e podia tornar-se um perigo aos homens que raro conhecem a vontade, os gostos e as esperanças do povo de que se dizem salvadores, o governo houve por bem premiar os seus modestos auxiliares.

Os cofres publicos abriram-se, numa generosidade excepcional, para premiar o Macêdo com dois *pintos* por quinzena. Feliz homem, que em vida conheceu a delicia de vêr recompensadas as suas fadigas!

Ora esse dinheiro devia ser dado todos os quinze dias pelo recebedôr, que era ao tempo o maior sovina da terra.

Vêr o Macêdo receber os grossos patacões e dirigir-se para a taberna, com um amigo, onde pagava o pão que trazia fiado e os quarti-

lhos apontados a giz, era coisa que sobremaneira agoniava o homem.

Até que um dia não se poudo conter e disse-lhe, sentindo engulhos com o esbanjamento dos governantes:

—«Ó Macêdo, has de me dizer uma cousa: o que fazes tu a tanto dinheiro que aqui te dou todos os quinze dias?!...»

E olhava, cubiçoso, as moedas que o Macêdo com indiferença ia metter na algibeira, calculando porventura quanto podiam render ao juro de sessenta por cento ao anno...

O outro, como se em plena batalha lhe dessem uma bofetada, deu um passo atraz, ergueu o pobre busto arqueado, e, olhando tórvo o empregado publico, perguntou e respondeu com ironia mordente:

—«O que faço eu a tanto dinheiro?!... Olhe, é isto!!...»

E teve um soberbo gesto de orgulho: levantou o braço e arremessou pela janella fóra o *prét* que acabava de receber.

Voltando as costas sahiu com ar marcial, enquanto o outro se enterrava pela cadeira abaixo pensando com horror num homem que assim despresava o grande soberano do mundo.

---

## ENCHENTE

Das chuvas torrencias, pelos despenhadeiros,  
A agua ligeira desce e as planicies alaga,  
E vão do escuro céo cahindo os derradeiros  
Prantos do inverno atroz, como terrivel praga.

Esfuma-se a montanha entre os densos nevoeiros,  
Brame do rijo vento a musica presaga;  
E o rio contornando a falda dos outeiros,  
Tristemente a rolar bate de fraga em fraga.

A parasita em flôr que entre as arvores medra  
E a arvore secular correm sinistramente,  
Na cachoeira que geme em seu leito de pedra.

E á dubia luz do sol brilha como recamos  
Verdes, boiando á flôr da celere corrente,  
A triste procissão das folhas e dos ramos.

Maceió.

LUIZ FRANCO.



MOSIOTUNYA (CATARACTA VICTORIA DE LIVINGSTONE)

## A grande ponte de "Victoria Falls"

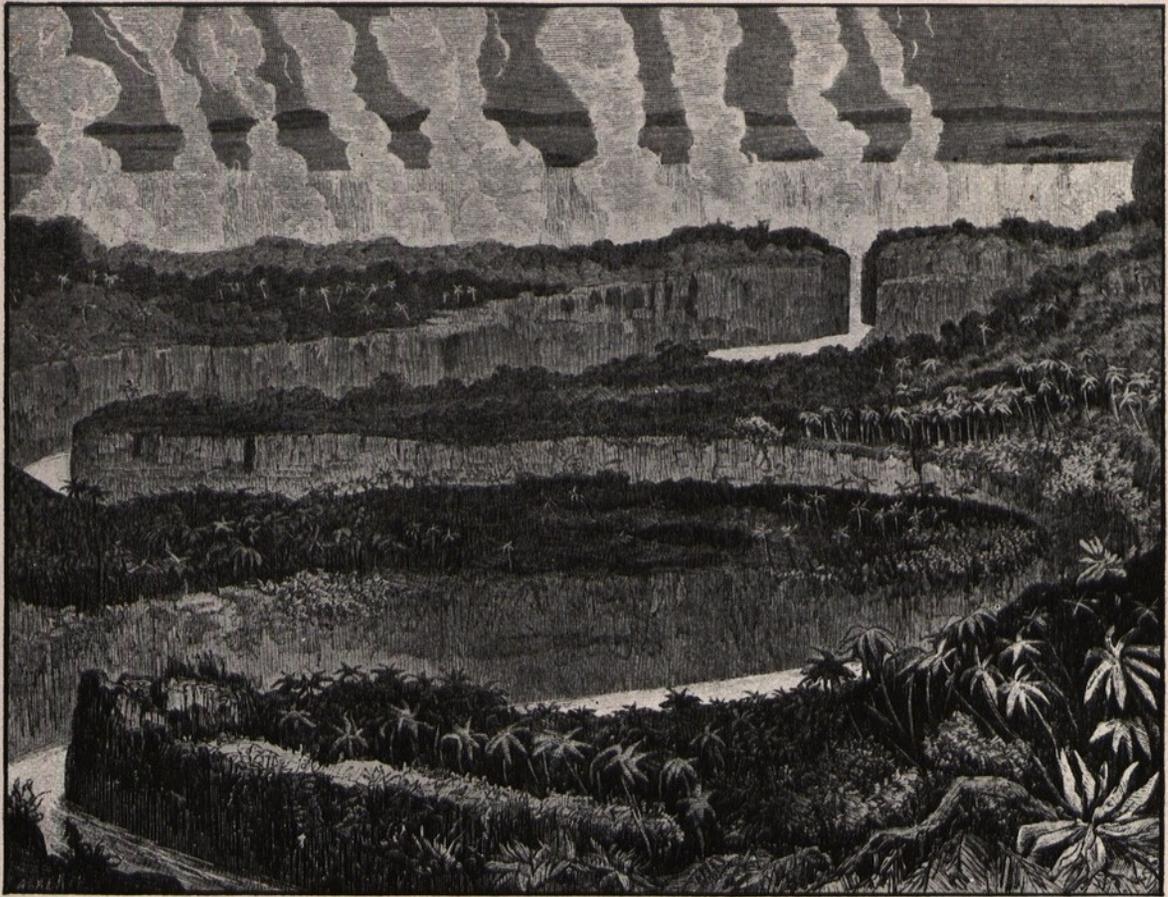


REPRODUZINDO hoje nos *Serões* algumas photographuras da monumental ponte do caminho de ferro do Cabo ao Cairo, destinada a vencer os rapidos do Zambéze, denominados *Victoria*

*Falls*, decerto a maior obra de arte que hoje existe no continente africano, documento vivo da prodigiosa actividade ingleza, temos que dar ideia da sua grandeza e ao mesmo tempo recordar alguns factos historicos que se ligam ás celebres cataractas que lhe deram o nome. A ponte sobre o Zambéze tem de comprimento total 650 pés e é formada por um grande arco principal de 500 pés e dois lateraes. Estão nella assentes duas vias da linha

ferrea. A parte metalica péza 1:650 toneladas. Fica 400 pés acima do nivel do grande rio. Os trabalhos começaram em outubro de 1904, a conjugação do arco principal fez-se em abril de 1905. A inauguração realizou-se em 12 de setembro ultimo pelo celebre professor Darwin e pela missão scientifica ingleza, que ha poucos mezes visitou a Africa Oriental, tendo entrado pelo Cabo e sahido pela Beira, onde teve hospitalidade a mais calorosa e sympathica.

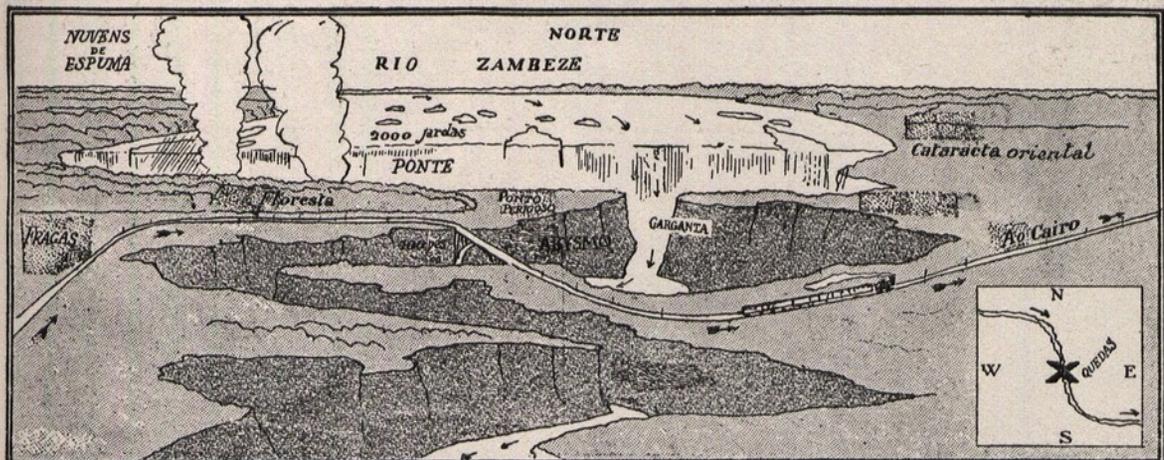
O illustre explorador inglez o dr. Livingstone, no celebre relatorio das suas viagens, pertendeu chamar a si a descoberta das cataractas a que chamou *Victoria Falls* e que eram conhecidas pelo nome gentilico de *Mosiotunya* ou Shongue. O nosso eminente geographo o



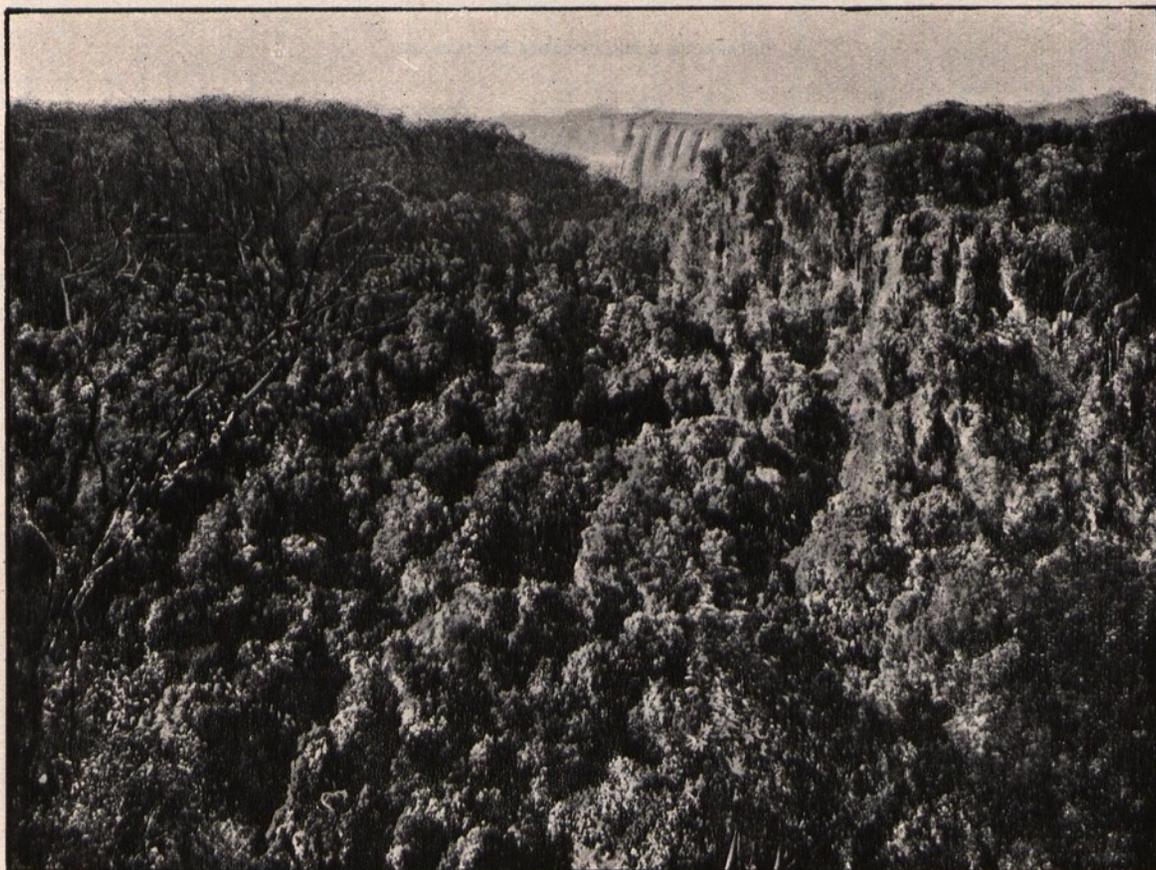
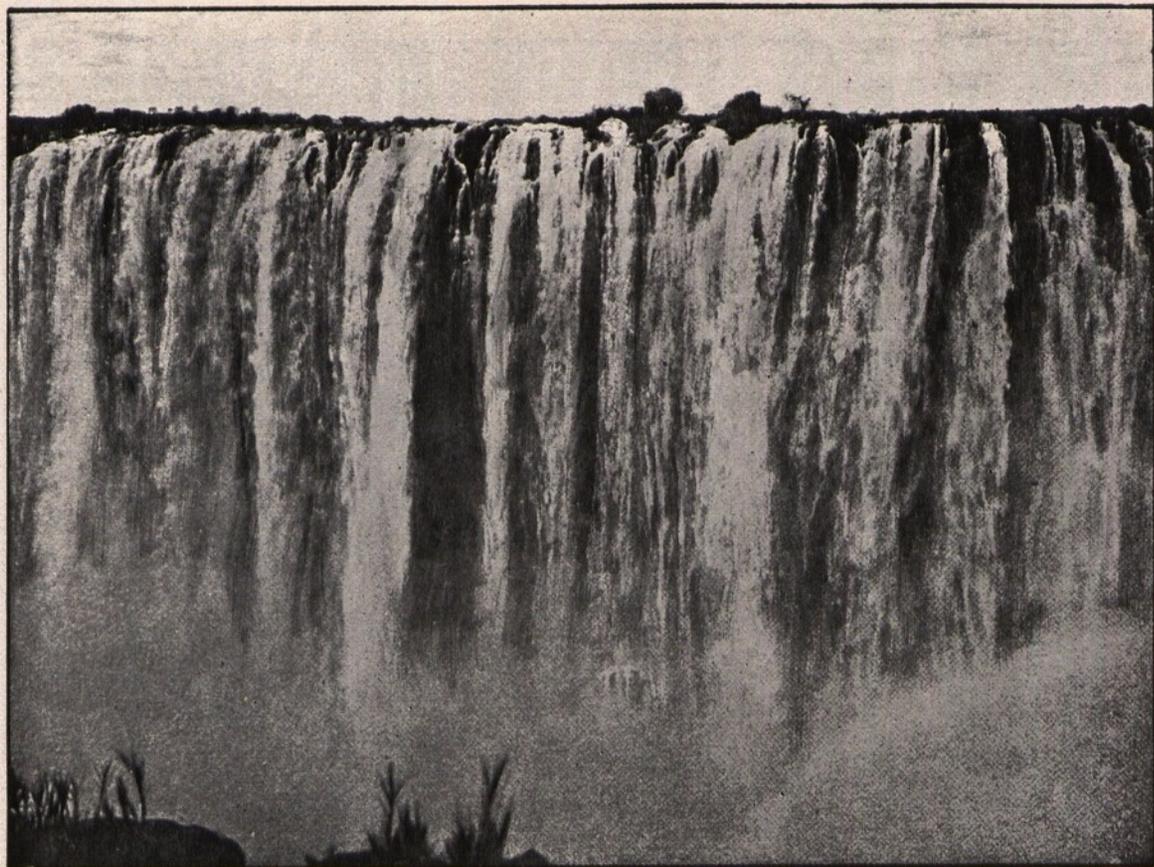
CATARACTA E SINUOSIDADES DO ZAMBEZE

dr. José de Lacerda, que tam eruditamente discutiu aquelle relatorio, demonstrou que as cataractas do Zambéze, pela sua posição, tam proxima de territorios desde longos annos frequentados pelos portuguezes, lhes não podiam ser desco-

nhecidas. O proprio dr. Livingstone, referindo-se á acção commercial dos *Mambari*, que nas excursões iam geralmente de companhia com portuguezes, tendo chegado á ilha de *Kalai*, onde se ouvia distinctamente o fragor das quedas d'agua



VISTA DIAGRAMMÁTICA MOSTRANDO A DISPOSIÇÃO DO CAMINHO DE FERRO E DA PONTE



DOIS ASPECTOS DA CATARACTA



ILHEU NAS IMMEDIAÇÕES DA CATARACTA

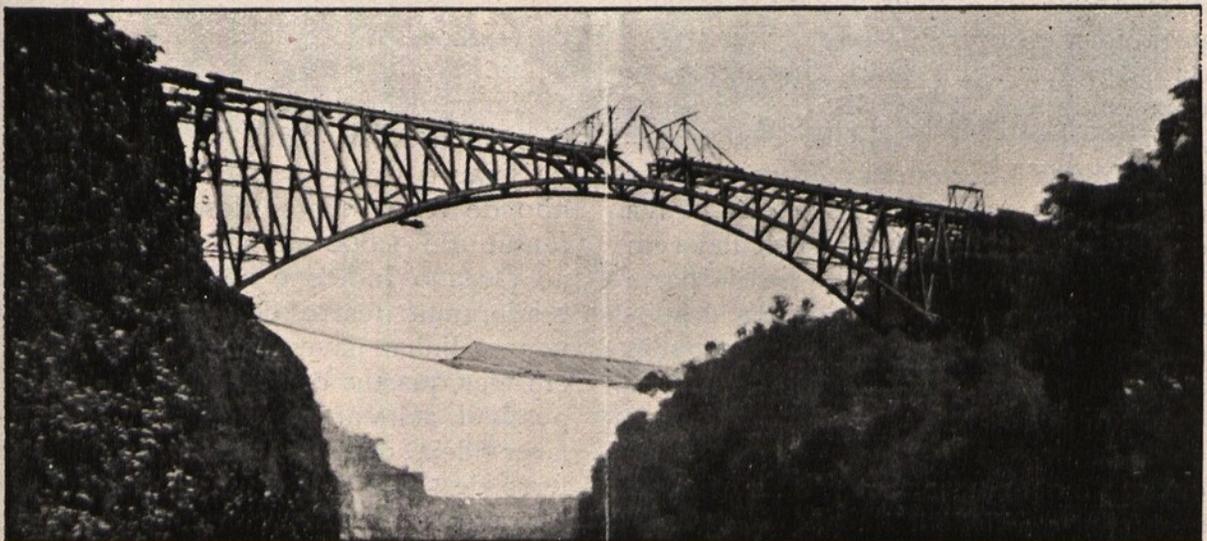
de *Mosiotunya*, tacitamente indica que ellas não eram, nem podiam ser, des-

conhecidas dos portuguezes.

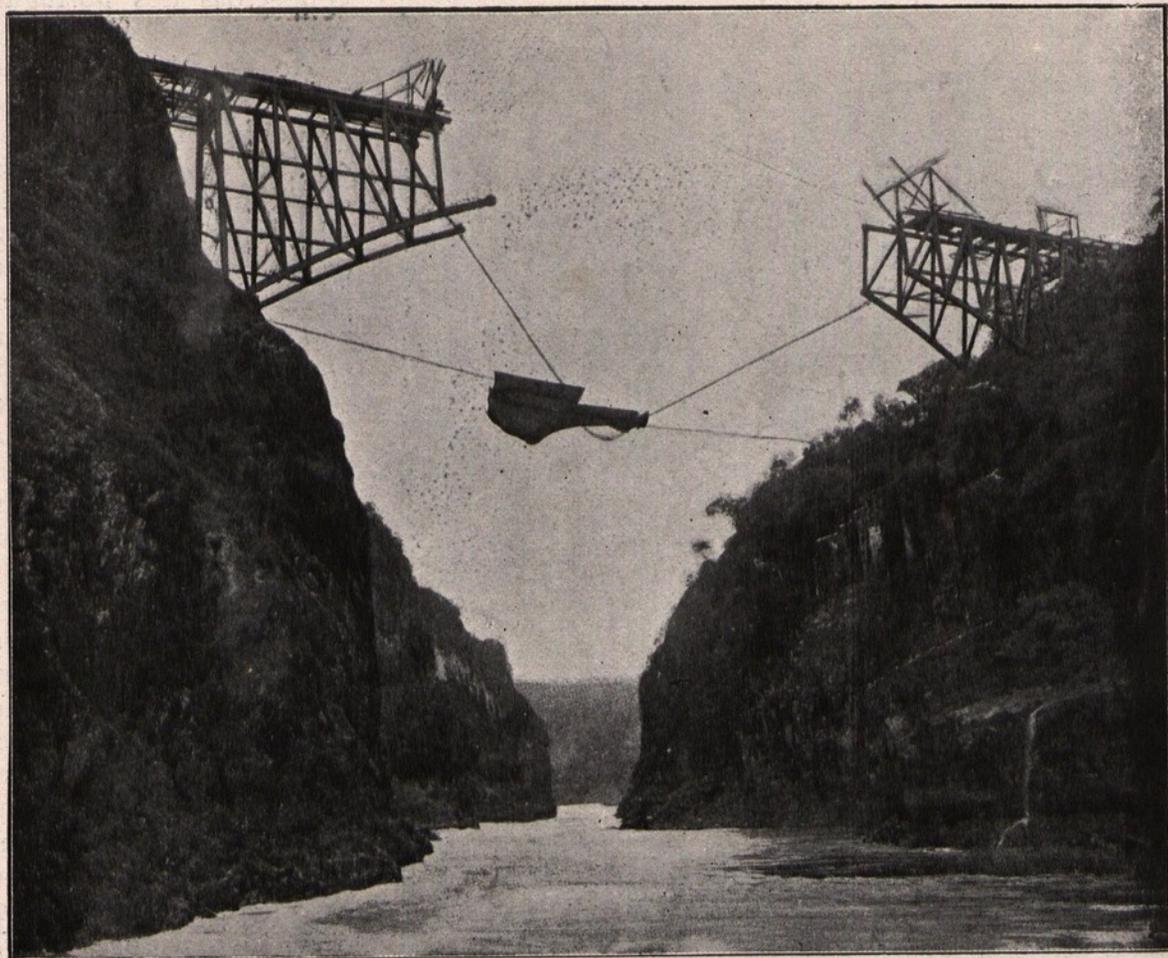
Ao dr. Livingstone deve-se, sem contestação, a primeira e minuciosa descripção da famosa cataracta, conseguindo que ella fosse precisamente marcada na carta do continente africano e de justiça era que a ponte ora lançada sobre ella recebesse o nome do grande e glorioso explorador, que sendo uma das mais lidimas glorias da Inglaterra, é ao mesmo tempo um dos mais brilhantes exploradores africanos.

Não seja, porém, olvidado ou esquecido o trabalho dos portuguezes no continente africano, que foram os primeiros a percorrer em todos os sentidos e a estabelecer com as tribus indigenas relações commerciaes. Decerto os portuguezes viram primeiro do que o dr. Livingstone a *Mosiotunya*, que elle affirmava nenhuns olhos europeus tinham contemplado antes d'elle, o que não impede

que seja justificada a sua affirmação de que esse fôra *o espectáculo mais maravi-*



A PONTE EM VIA DE CONSTRUÇÃO — APPROXIMAÇÃO DOS DOIS TROÇOS



GUINCHO SERVINDO PARA TRANSPORTE DE MATERIAL E DE PESSOAL ENTRE OS DOIS TROÇOS DA PONTE

*lhosos que presenciára em Africa.* As cataractas *Victoria* tem por limites dos tres lados colinas de 300 a 400 pés de altura. O córte por onde se despenha o Zambéze, segue da esquerda para a direita, prolongando-se por este lado umas 30 ou 40 milhas. Do lado direito rompe uma columna de vapor, que sobe a uns 400 ou 300 pés e então, condensando-se, muda a côr densa e esbranquiçada na de fumo negro e desce em chuva continua. O dr. Livingstone calculava em 1:000 jardas a largura do rio na parte superior das cataractas. A agua despeça-se em fragmentos, que seguem apressados na mesma direcção, arrojando cada um golpes de espuma, exactamente como laminas d'aço, quando, incendiadas em gaz oxigenio, lançam de si series de scintillas. O lençol de branca neve — falla sempre o dr. Livingstone — semelha myriades de pequenos cometas que

se apressuram de tropel para o mesmo ponto, deixando cada um apoz de si sulcos espumosos. Foi esta a prodigiosa obra da natureza que a prodigiosa obra dos homens coroou n'um audacioso lanço de esforço potente de iniciativa e de trabalho.

Na verdade nada de mais grandioso do que o audaz plano de Cecil Rhodes de ligar o Cabo ao Cairo por um caminho de ferro, que se desenvolve na extensão de 5:600 milhas parallelamente ao Oceano Indico e ao Mar Vermelho, tendo num quarto do seu percurso de vencer linhas navegaveis e de percorrer em tres quartos della regiões onde é impossivel aclimar-se o europeu. Para se fazer ideia do que é este caminho de ferro de 5:600 milhas é preciso dizer que o transcontinental americano de New-York a S. Francisco tem apenas 2:266 milhas, isto é, o caminho de ferro do

Cabo ao Cairo é 71 % maior do que o que atravessa o territorio dos Estados-Unidos do Atlantico ao Pacifico. Só do Cabo a *Victoria Falls* a extensão da linha ferrea é de 2:500 kilometros. Entre *Alexandria* e *Khartum* a distancia dominada é de 2:000 kilometros, 640 kilometros a da travessia do *Lag Tanganika*, 500 kilometros a do *Lago Victoria*. O traçado entre *Bulawayo* e *Khartum* foi modificado. Assim a partir de *Victoria Falls* o caminho de ferro attingirá a

*Bay* no sudoeste africano em troca da zona oriental necessaria á passagem do caminho de ferro do Cabo ao Cairo. Deve dizer-se que, depois de uma entrevista que Cecil Rhodes teve em Berlim com o imperador Guilherme, em 1898, o governo allemão concedeu, mediante compensações, o estabelecimento da linha telegraphica transcontinental atravez o protectorado oriental allemão. No entretanto a passagem do caminho de ferro sobre o terreno oriental allemão foi for-



INAUGURAÇÃO DA PONTE

rica e prometedora região mineira do *Kafue* e chegará a *Tanganika* por *Abercorn*.

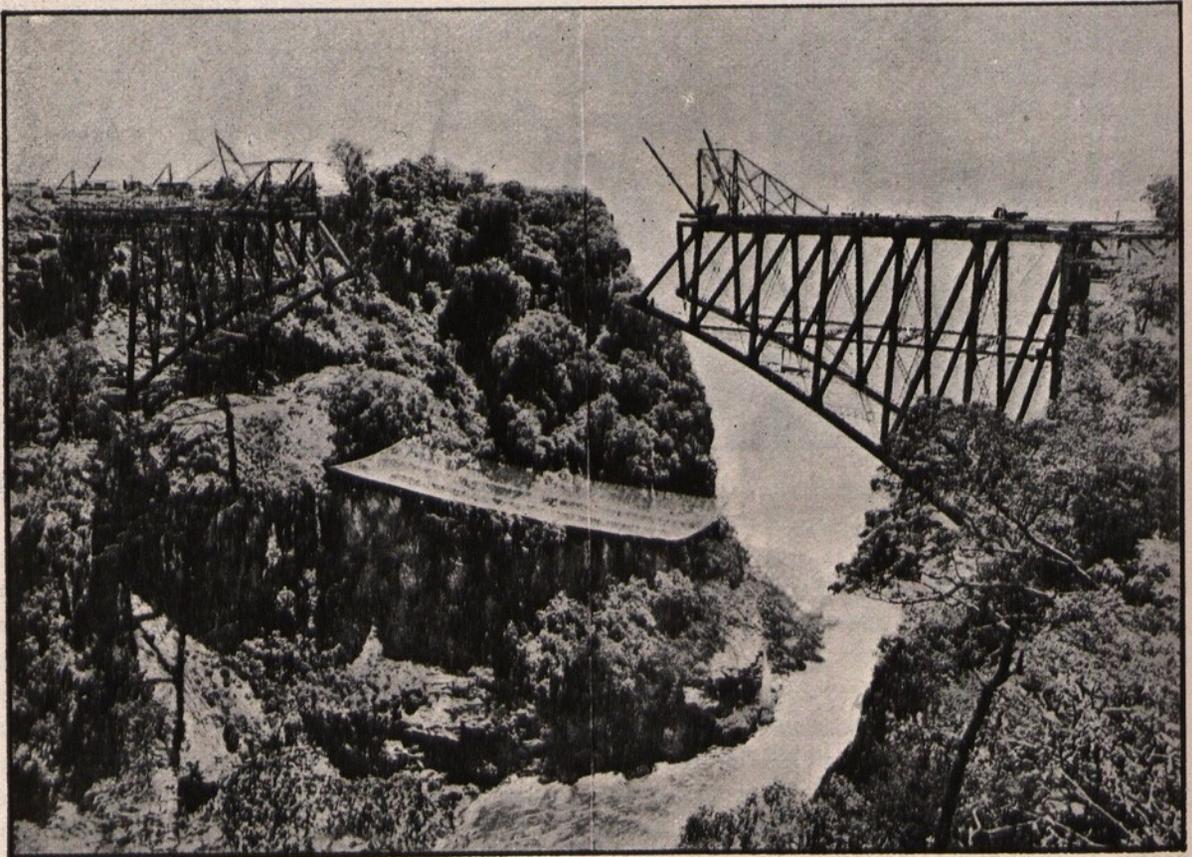
O *Lago Victoria* terá de ser attingido ou atravez o territorio do Estado Independente do Congo ou pelo da Africa Oriental Allemã. Ha poucos annos affirmou-se que num accordo conservado secreto, a Inglaterra, dadas certas circunstancias, cederia á Allemanha *Walfish*

temente combatida nos centros coloniaes allemães, chegando o *Tagliche Rundschau* a publicar, n'aquella época, que a ligação da Africa do Sul Ingleza com o Soudan por um caminho de ferro inglez seria a ruina premeditada do dominio colonial allemão. Facil é de comprehender, vendo o traçado do grande caminho de ferro, que elle poderá ser o *centro* de todas as linhas africanas numa e noutra costa.

Devemos dizer que se o grande caminho de ferro do Cabo ao Cairo assegura á Inglaterra, mais do que a influencia politica, o dominio commercial no continente africano, elle interessa immediatamente Portugal, senhor de todos os portos do litoral, que mais directa e utilmente podem servir o *hinterland*, assegurando-lhe rapida communicação com a enamorada Europa. Na costa occidental temos o *Lobito* com o seu caminho de ferro até á *Katanga*, Loanda com o caminho de ferro de *Malange*, Mossamedes com o caminho de ferro *prolongavel* do planalto. Na costa oriental, temos Lourenço Marques com os caminhos de ferro do Transvaal e da Swasilandia, com os projectados caminhos de ferro de Quelimane ao Chire e com o indicado de *Porto Amelia* ao *Nyassa* e ainda com o caminho de ferro de exploração da Beira á Rhodesia, com o previsto desenvolvimento da Beira ao Zambéze. Já se vê, por esta simples exposição, a extensão do plano de Cecil Rhodes, de que a famosa ponte de *Victoria Falls* é, decerto,

o mais bello e grandioso monumento de arte. Se as famosas cataractas — *nuvem retumbante* — podem recordar as exclamações admiradas de sertanejos portugueses, a grande ponte, prodigioso esforço da actividade ingleza, afirmação poderosa de sua iniciativa e de sua alta capacidade colonial, como nenhuma outra prestigiosa e dominadora, não fallará menos ao espirito, nem influirá menos nos interesses de Portugal do que a velha tradição gloriosa dos seus peoneiros, invocada com desvanecimento e com saudade.

Se não foi dado aos nossos leitores contemplar ainda o maravilhoso espectáculo das famosas cataractas, nem admirar a arrojada obra d'arte da grandiosa ponte, poderão elles, comtudo, pelas photogravuras, que acompanham este artigo, fazer, pelo menos, uma ideia approximada da sua magnificencia. O lançamento da celebre ponte não foi isento de difficuldades technicas consideraveis pela grande altura em que os trabalhos se tinham de realizar. Todas venceu a capa-

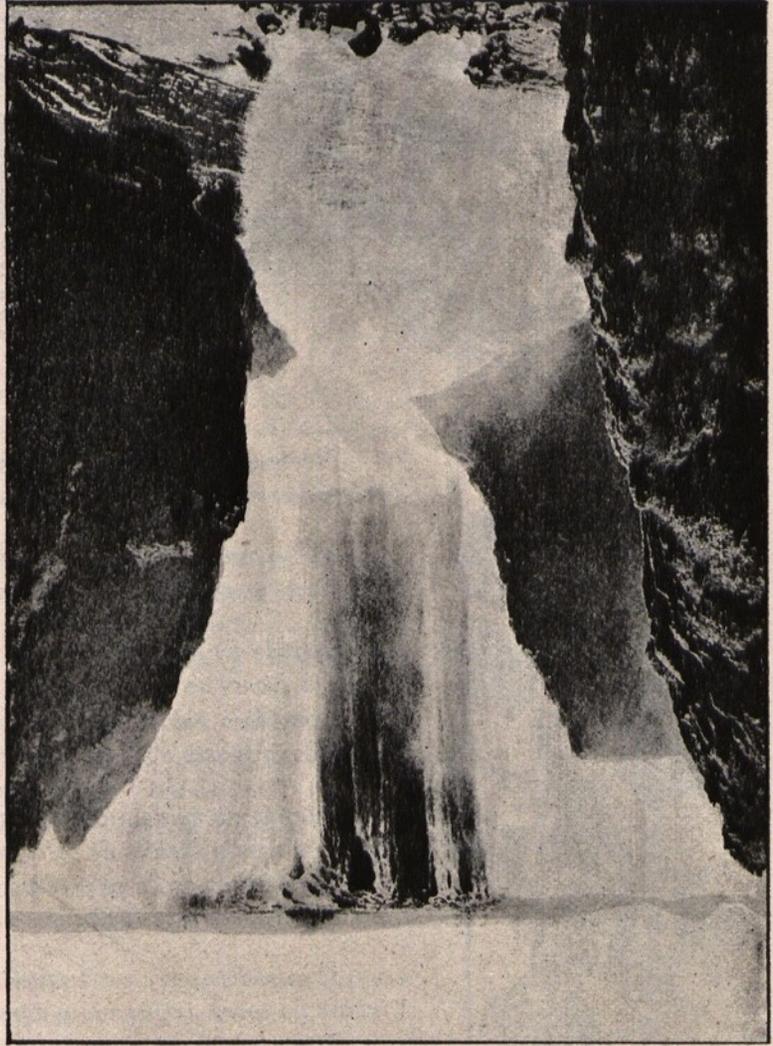


A PONTE EM VIA DE CONSTRUÇÃO COM A REDE QUE AGUENTAVA A QUEDA DAS FERRAMENTAS E DOS OPERARIOS

cidade e a constante firmeza dos engenheiros encarregados da construção e a admirável *endurance* dos seus operarios. Foi decerto dominado, pela dupla e inolvidavel impressão do magestoso quadro, que o numeroso grupo de homens de sciencia, representando illustres aggremações scientificas inglezas e tendo á sua frente o eminente professor M. Darwin, herdeiro d'um dos nomes mais gloriosos da sciencia moderna, atravessou a grande ponte procedendo assim á sua inauguração official, que assignalou de um modo perduravel a missão ingleza de 1905 ás possessões inglezas da Africa Oriental.

Opportuno será recordar quanto o desenvolvimento e engrandecimento da Inglaterra no continente africano devem á iniciativa e ao esforço de M. Cecil Rhodes, o *Napoleão do Cabo*, extraordinaria organização de politico e de trabalhador, que concebeu, e energica e firmemente poz em execução, o mais audacioso plano de dominio e acção colonial dos modernos tempos, envolvendo e interessando nelle os mais poderosos elementos da vida nacional. Esqueçamos, visto que o homem passou, o que, n'um dado momento, as suas ambições puderam representar sentimentos de menos justiça para a velha e gloriosa nação, que fôra a primeira a levar ao *dark continent* a animadora e rehabilitadora luz da civilização, mas lembremo-nos de que elle foi, ao mesmo tempo, um dos admiradores mais entusiasticos e dos cultores mais

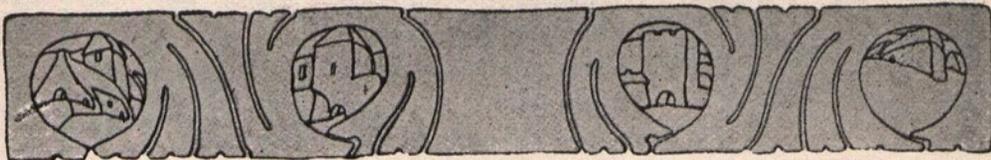
apaixonados da nossa historia, tendo reunido na sua opulenta bibliotheca, não sómente exemplares preciosos das nossas velhas memorias coloniaes, mas ainda traducções especiaes de muitas d'ellas, em edições de verdadeiro amator, mui-



A CATARACTA VISTA DA MARGEM OCCIDENTAL DO RIO

tas das quaes serviram para interessantes e valiosos estudos, ha annos publicados em Inglaterra, como os intitulados *The Portuguese in Monomotapa*, *The Portuguese in South Africa* e outros que representam uma grande homenagem de justiça a Portugal e aos portuguezes.

RUY ALVAREZ.



# CAVADOR MORTO



*Morto, cavando em plena terra,  
Junto da enxada, ao sol ardente, exausto e velho...*

*Ah! quando elle ia, serra em serra,  
Inabalavel como as torres d'um castello...*

*Quando no sonho d'alvorada  
Erguia a fronte ao ceu tranquillo, á luz primeira,  
Casando a vida á sua enxada,  
Ante o florir, vasto e subtil, da terra inteira...*

*Quando na encosta erma e bravia,  
Seu braço erguia alviões de ferro coruscantes,  
Cujo éco ao longe se perdia,  
Cavo e profundo, entre a colina e o valle distantes...*

*E quando a neve e a tempestade  
Vinham da serra arqueando o dorso tenebroso?  
Mas vento é vento e o ferro é que ha-de  
Rasgar viadutos, cavar montes sem repouso.*

*Jámais, jámais o sol do estio  
O detivéra á sombra fresca da devesa.  
Do rosto o suor tombava em fio?  
Mas se era o pão, mas se era a vida e a fortaleza*

*Viver! Nas suas mãos possantes  
O alvião e o masso, a barra e a pá, o malho e a enxada,  
Iam e vinham relumbrantes,  
Traçando curvas no ar luzente d'alvorada.*

*E cavou ermas penedias,  
Lavrou cerros, plantou montados e olivaees...  
E agora morto! As alegrias  
Do cavador foram com elle, não voltam mais...*

*E nunca mais, ai, nunca mais,  
Risos d'amor hão-de florir no teu caminho,  
Nem em teus sonhos virginaes  
Tornarão a descer as noivas de mansinho,*

*A depor beijos no teu rosto !  
Alma de luz, feita na dôr e na inclemencia,  
Por todo o amor que em ti hão posto  
Os que vivem na noite immensa da inconsciencia ;*

*Por todo o auxilio que lhes deste  
Bemdito sejas, cavador! bem dita seja  
A fome e a dôr que tu soffreste.  
Teu braço, teu ideal d'amor bemdito seja.*

*Que é d'elle, o sonho e a paz sideria?  
Foi-se contigo, o pão sagrado e a luz querida.  
Noite de luto e de miseria  
Para os que tinham no teu braço o ideal e a vida.*

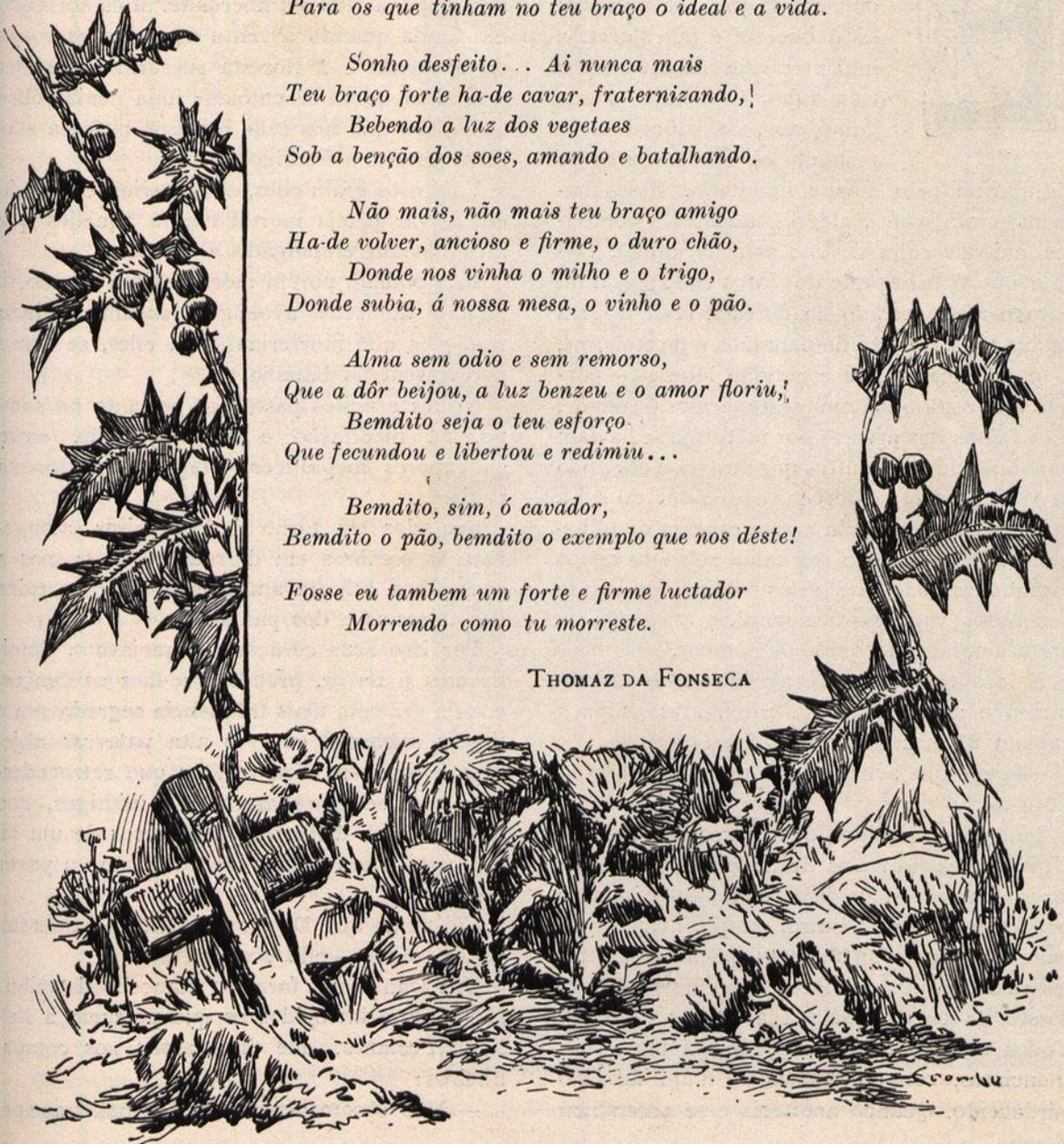
*Sonho desfeito. . . Ai nunca mais  
Teu braço forte ha-de cavar, fraternizando, !  
Bebendo a luz dos vegetaes  
Sob a benção dos soes, amando e batalhando.*

*Não mais, não mais teu braço amigo  
Ha-de volver, ancioso e firme, o duro chão,  
Donde nos vinha o milho e o trigo,  
Donde subia, á nossa mesa, o vinho e o pão.*

*Alma sem odio e sem remorso,  
Que a dôr beijou, a luz benzeu e o amor floriu, !  
Bemdito seja o teu esforço  
Que fecundou e libertou e redimiu. . .*

*Bemdito, sim, ó cavador,  
Bemdito o pão, bemdito o exemplo que nos dêste!  
Fosse eu tambem um forte e firme luctador  
Morrendo como tu morreste.*

THOMAZ DA FONSECA





# O coração resplendente

CONTO ESCLAVONICO



Em tempos antigos vivia, não sei onde, uma raça de homens; só o que sei é que florestas impenetráveis rodeavam por tres lados as tendas d'essa gente, ao passo que do lado restante os seus olhares se alongavam pelo steppe illimitado. Esses homens eram fortes, alegres, audazes e contentes, até que ruim destino os acabrunhou. Vieram outras tribus que dos lares os expulsaram para o mais cerrado da floresta, onde a terra estava toda coberta de pantanos e de atoleiros, e onde reinava uma escuridão lobrega — porque a floresta tinha um rôr de seculos de idade, e os ramos das arvores por tal forma se haviam enredado uns nos outros que atravez d'elles não se via uma nesga de ceu, e os raios do sol a custo penetravam pela massa espessa de folhagem. Mas quando o sol cahia sobre as aguas estagnadas dos paúes e dos brejos, erguiam-se venenosos vapores da superficie anegrada, e, um a um, iam morrendo os homens.

E levantou-se grande alarido entre as mulheres e as creanças da tribu, mas os paes cahiam n'um scismar profundo:

—«Urge que achemos caminho para fora da floresta».

Tinham a escolher duas direcções apenas. Uma d'ellas levava-os de novo aos primitivos lares, mas esses, havia-os invadido o inimigo poderoso e cruel; o outro, sempre ávante, por onde as arvores gigantescas lançavam as fortes ramadas umas em volta das outras, afundando na terra apaúlada as raizes nodosas. Todos os dias ellas se quedavam immoveis, silenciosas, como petrificadas, n'um diluculo pardacento. Quando anoitecia e se accendiam

fogueiras, ellas pareciam pesar mais rudemente sobre essa gente habituada á expansão do steppe, á vida e á liberdade. Mais horrendo era ainda quando o vento açoutava as copas do arvoredado e a floresta sussurrava soturna e terrivel, como se entoasse uma ñenia sobre esse povo que nos seus recessos buscara acolhida contra o inimigo.

Valorosos eram elles, e não teriam vacillado em travar peleja mortal contra aquelles que lhes haviam empolgado a patria.

Não podiam porém morrer. Uma missão tinham; de seus avoengos haviam herdado tradições que morreriam com elles, se acaso percessem na batalha.

Noites e noites passavam portanto no somno, na meditação e na ociosidade, entre os vapores mephiticos, emquanto a floresta rugia.

Sentados em torno das fogueiras, alongavam as sombras em derredor d'elles; mas a seus olhos, afiguravam-se ellas espiritos ruins das florestas e dos pantanos.

Por isso seus corações fraquejavam, dominava-os o terror, prendiam-se-lhes os braços, e cada vez com mais frequencia segredavam e depois soltavam em voz alta palavras abjectas e ignobeis. Era melhor que retrocedessem, que se entregassem aos inimigos, que renunciassem á liberdade. O terror de um viver captivo era menor n'elles do que o pavor de morte.

Foi então que Danko se adeantou, e os salvou a todos — elle sósinho.

Era Danko um formoso mancebo da tribu; são sempre intrepidos os que possuem a belleza. Portanto, elle disse assim aos companheiros:

—«Não é com pensamentos e palavras ape-

nas que podemos remover os estorvos que se erguem no nosso caminho. De que serve perder tempo e força e queixumes vãos? Senhores: embrenhem-nos pelas profundezas da floresta, até que a atravessemos. Algures deve ella de acabar. Tudo na terra tem um termo. Partamos. Vinde!»

Todos o encararam, e convenceram-se de que era elle o melhor e o mais valente, porque em seus olhos viram coragem e entusiasmo.

—«Guia-nos tu!» bradaram.

E foi assim que elle os guiou.

Adeantaram-se ousadamente, por isso que n'elle confiavam. Era difficil deveras o caminho. Cerração á volta d'elles; e a cada passo os paúes enguliam homens, e as arvores obstruíam-lhes a marcha, em fileiras cerradas; intrincavam-se as ramadas á laia de serpentes, as raizes alongavam-se por toda a parte, e cada passada para a frente custava suor e sangue.

Largo espaço jornadeiaram. Mais e mais espessa lhes surgia a floresta. Até que por fim lhes falleceu o animo; começaram a murmurar que o juvenil e inexperto Danko ós guiava de balde para a densidão da floresta. Elle porem caminhava sempre ávante com tenacidade e cheio de esperança.

Mas eis que se levantou uma tempestade, esbravejando sobre a floresta; um rugido agourento percorreu o arvoredo. Desabaram trevas, como se alli se houvessem condensado todas as noites desde o inicio da criação. Os miseros marchavam por entre as arvores colossaes, atravez dos ribombos do trovão. Troncos gigantes, curvando os topos, rouquejavam sinistros cantos funereos.

Por sobre a floresta dardejavam relampagos sinuosos, e envolviam-na por um instante n'uma luz fria e pallida.

Em taes momentos parecia áquella gente que as arvores viviam, que para elles alongavam os longos braços nodosos; no meio da

treva circumdante, parecia estar de embuscada algo de negro e de gelido.

Era um caminhar cheio de angustias. Estava quasi exausta aquella gente, e seus corações sossobravam.

Todavia, envergonhados de confessar sua fraqueza, accumulavam toda a colera e todo

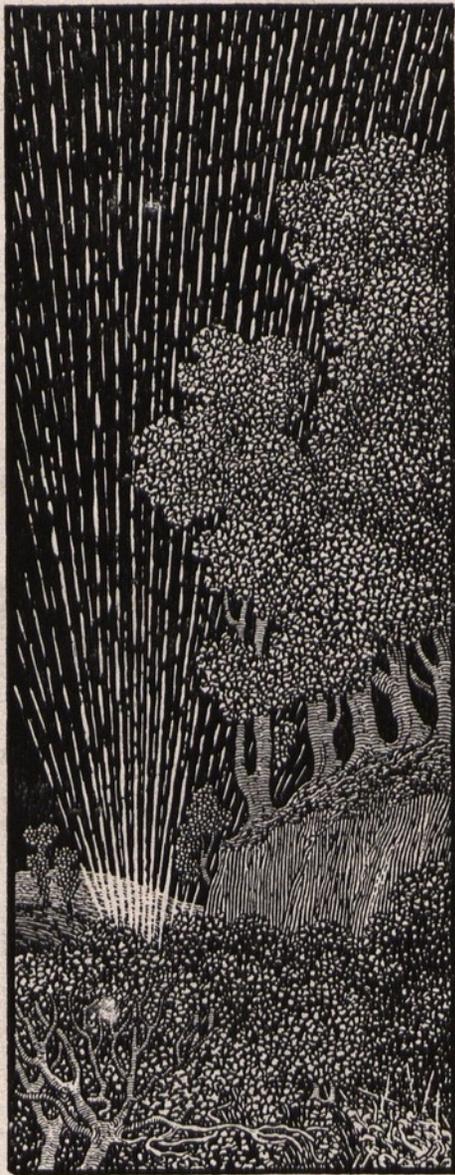


NOITES E NOITES PASSAVAM NO SOMNO, NA MEDITAÇÃO E NA OCIOSIDADE

o rancor sobre Danko, o qual caminhava sempre á testa d'elles, e começaram a accusal-o amargamente:

—«Illudiu-nos; não pode governar-nos».

Detiveram-se, esfalfados, com os corações repletos de odio, enquanto a floresta entoava um hymno de triumpho. E entre as sombras tremulas da noite, fizeram-se juizes de Danko.



ENTÃO O CORAÇÃO DESPEDAÇOU-SE EM MILHARES DE SCENTELHAS

E disseram assim:

—«És infame e malvado. Levaste-nos ao desastre; e agora deves morrer».

Os coriscos e os trovões ratificaram a sentença.

—«Vós dissestes-me: Guia-nos! e vosso guia eu fui», clamou Danko, pondo o peito a

descoberto. Força e coragem me assistem para ser chefe, e foi por isso que vos guiei. E vós que fizestes? Nem força, nem constancia, vos coube para uma longa jornada. Seguiste-me como um rebanho de ovelhas.

Estas palavras atiçaram o furor de todos.

—«Deves morrer! Deves morrer!» gritaram elles.

Em unisono com elles cantava a floresta, e os relampagos esfarrapavam as trevas.

Danko olhou para aquelles por amor de quem tantas fadigas curtiara; cercavam-no todos em circulo cerrado, e os semblantes eram ferozes. Viu então que não lhe era dado esperar por piedade, e o peito inflou-lhe de colera.

Mas logo este sentimento se dissipou; amava aquelles homens, e parecia-lhe que sem elle o seu destino era a morte. Abrazou-lhe o coração o lume do amor puro, e esse lume reflectiu-se-lhe no olhar limpido.

Mas ao ver isto, os outros julgavam que elle enlouquecera, e que por isso os seus olhos assim rebrilhavam. Como lobos se encarniçaram em redor d'elle, para mais facilmente lhe lançarem as garras e o matarem.

Danko porem adivinhou-lhes os pensamentos; mais intenso cresceu o lume ao seu coração. E entretanto a floresta inteira cantava o seu hymno de morte, o trovão rugia, e a chuva desabava em torrentes tremendas.

Mas Danko gritou com voz que sobrepujou o ribombar da trovoadas:

—«Que me cumpre fazer pelo meu povo?»

Então de subito elle escancarou com as unhas o proprio peito, e arrancou de dentro o coração, erguendo-o muito alto acima da cabeça. E o coração radiou como o sol, e a floresta ficou silenciosa, illuminada pelo facho de illimitado amor. A cerração occultou-se na espessura e cahiu, a tremer, sobre os lodações e os pantanos. Os homens quedaram-se, porem, como se se houvessem tornado em pedra.

—«Segui-me!» clamou Danko, precipitando-se para a frente, segurando sempre bem alto o coração ardente, e illuminando a vereda com seus raios.

Os outros foram-lhe seguindo no encalço, cheios de assombro. Então a floresta recommçou a sussurrar, como apavorada, mas a restolhada dos passos cobriu-lhe a voz. Caminhavam ávante, rapidos e resolutos, impelli-

dos pelo esplendor do coração flammejante. Também agora muitos d'elles pereciam, mas esses morriam sem queixumes nem lagrimas. E Danko marchava sem parar á frente d'elles, e sem cessar o coração resplendia.

De repente, a floresta sumiu-se-lhes de um e de outro lado; tinham-na atraz de si, negra e silenciosa. E Danko e todos os mais mergulharam n'um oceano de luz e de ar, fresco e puro, após a chuva.

Rugia sobre a floresta a tempestade, lá para traz d'elles. Aqui brilhava o sol, arquejava o steppe, como se o impregnasse a vida, scintillava a relva com perolas de orvalho, lampejava um rio como se fôra de ouro.

Era ao cahir da tarde; e, aos raios derradeiros do sol, o rio avermelhou, como a torrente de sangue que jorrava do peito aberto de Danko.

Vaguearam seus olhos mortaes pelo extenso steppe.

Lançou um olhar de orgulho e de alegria sobre a terra de liberdade, em seguida deixou-se cahir e expirou.

Brandamente, como assombradas, as arvores da floresta segredaram após elle, e a relva, carminada por seu sangue, fez-se echo do susurro.

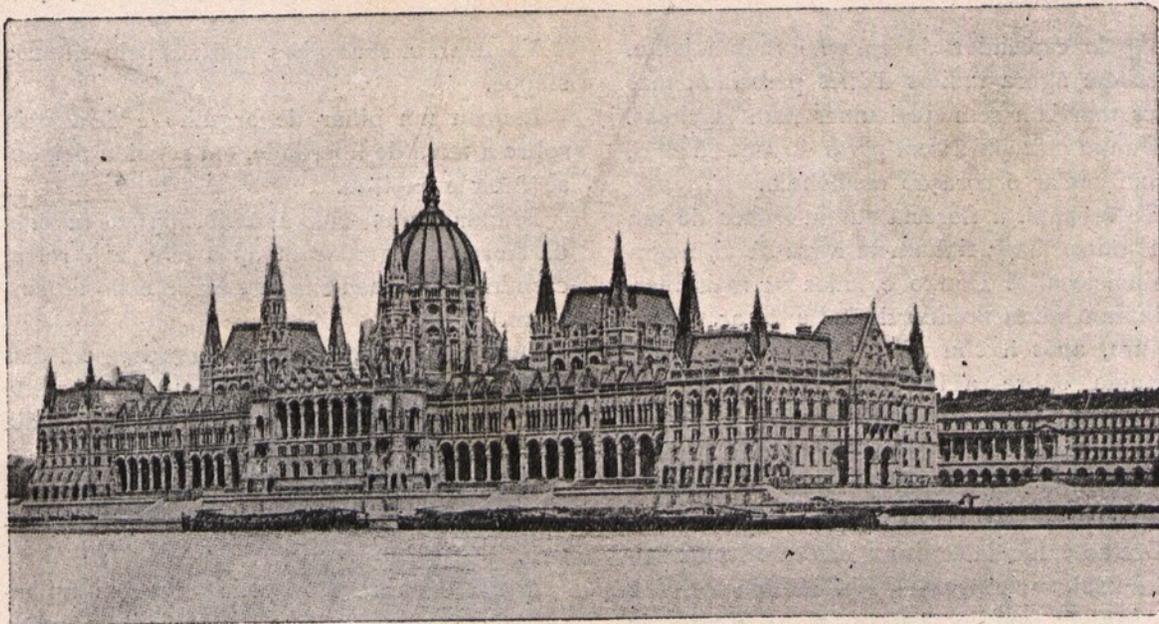
O povo, porem, feliz, esperançado, nem deu pela sua morte, nem percebeu que ao lado do corpo sem vida de Danko ainda resplendia seu valoroso coração.

Só um homem mais acautelado o viu, e, como se algo receiasse, calcou o coração altivo.

Então o coração despedaçou-se em milhares de scentelhas, que se esparziram pelos ares e se extinguiram por fim.

MAXIMO GORKI.





O PARLAMENTO HUNGARO EM BUDA-PESTH

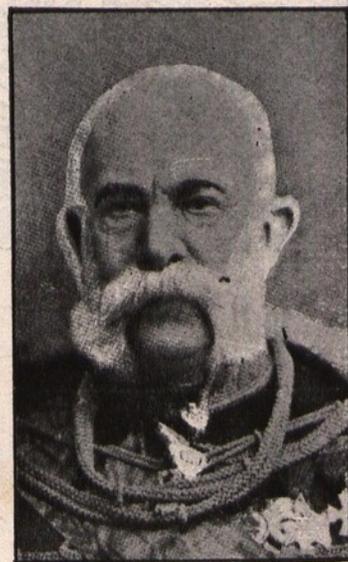
# Um imperio ameaçado de desmembramento

## A crise Austro-Hungara

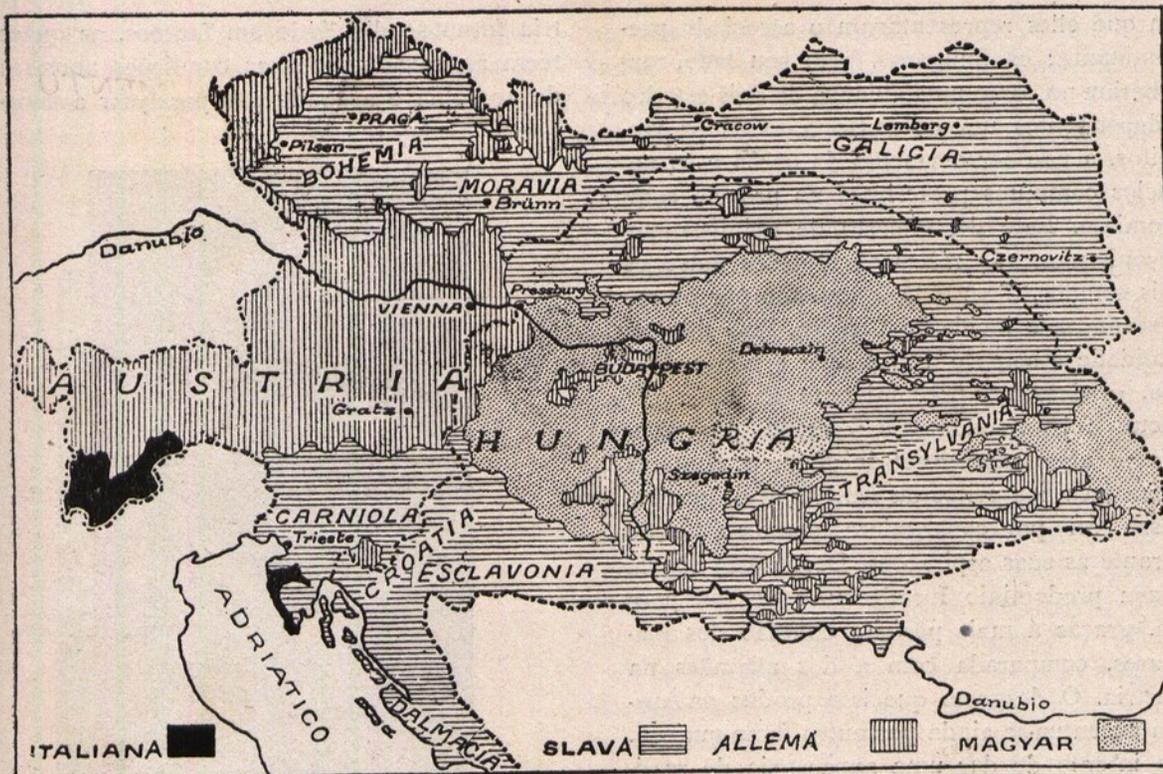
*Na imprensa portugueza resoam ecos frequentes da discordia que lavra actualmente na monarchia austro-hungara. É certo que a maioria dos nossos compatriotas só muito de relance conhece a momentosa questão que se debate nas margens do Danubio. Essa questão é todavia interessante pelas suas origens e pelas consequencias possiveis. Bastante complexa para se tratar pormenorizadamente em artigos ephemeros de jornaes diarios, ella merece ser apresentada de uma maneira clara e incisiva a todo o mundo civilisado, que importantes remodelações politicas de uma grande potencia podem affectar gravemente. Por isso não queremos perder a oportunidade de elucidar sobre o assumpto os leitores dos Serões, adaptando um artigo em que, por forma concreta e assaz nitida, se expõem as circumstancias do problema e as suas soluções eventuaes.*



SOBRE a questão do Schleswig Holstein disse uma vez Lord Palmerston que só uma pessoa, na sua opinião, a tinha entendido: era um erudito professor allemão, fallecido d'ahi a pouco n'um hospital de doidos. É duvidoso que haja actualmente algum, fora de um circulo estreito de especialistas viennenses, capaz de comprehender o problema austro-hungaro, o qual é muitissimo mais complicado do que a intrincada questão dos ducados dinamarquezes. Esta ultima, em todo o caso, dizia respeito a condições politicas dentro da esphera da lei natural, ao passo que o problema austriaco pertence áquella cathegoria de impossibilidades, de que é typo classico a quadratura do circulo. É um esforço para estabelecer harmonia e união politica n'nm meio em que todos os elementos estão em conflicto fundamental, e esse esforço exerce-se por meio de uma alliança entre duas constituições ostensivamente liberaes, cuja base é a oppressão da maioria da população por



FRANCISCO JOSÉ  
IMPERADOR DE AUSTRIA E REI DA HUNGRIA



MAPPA DO IMPERIO AUSTRO-HUNGARO, MOSTRANDO A DISTRIBUIÇÃO DAS DIVERSAS RAÇAS NO SEU TERRITORIO

duas minorias mutuamente antagonicas. Estes extraordinarios factores operam tambem em condições que são absolutamente excéntricas, e nas quaes nem o decurso da historia nem a evolução do caracter nacional conduzem a qualquer processo logico.

Para perceber minuciosamente a anarchia que hoje domina a monarchia dual, temos de recuar ao famoso compromisso de 1867, pelo qual se suppõe regularem-se as relações modernas entre a Austria e a Hungria. Antes d'esse compromisso, a unidade do imperio estava assegurada por um absolutismo tão real e centralizador como o que existe ainda hoje na Russia. Este estado de cousas foi porem subitamente abalado até aos alicerces pelo golpe cruel de Sadowa. A dynastia dos Hapsburgos, com a sua oligarchia germanica, viu-se á mercê dos Magyares e das varias nacionalidades slavas, cada uma das quaes se apresentava a fazer em estilhas os detestados oppressores. N'este dilemma, a dynastia, com o seu cortejo allemão, não teve remedio senão vir ás boas com os mais poderosos entre os seus inimigos, e assim se effectuou o pacto com a Hungria. A sua ideia radical foi expressa com brutal franqueza pelo conde Beust, quando disse a Franz Deak:

— Acautelem-se com as suas hordas, que nós nos acautelaremos com as nossas.

As taes «hordas» eram, para os húngaros, os croatas, os servios, os roumaicos e os slovacos, e para os austriacos, os tseques, os slovenos, os dalmatas, os polacos, e os ruthe-nios. Em cada um dos países, estas nacionalidades extranhas — acrescentando-se a mais para a Hungria os habitantes allemães—formavam, e formam ainda, uma maioria de população, posta sempre em cheque pela coalisão das duas mais importantes minorias, os allemães na Austria e os magyares na Hungria. Ao mesmo tempo aboliu-se o regimen absolutista, e a Austria foi dotada com instituições parlamentares analogas ás da Hungria, sob a presumpção que por esta forma o funcionamento da dupla machina politica seria mais suave.

Não haveria difficuldades no systema, se acaso se houvessem realizado as razoaveis previsões em que elle se baseiara. Não succedeu assim em dois pontos essenciaes, e é força admittir que a culpa foi principalmente dos austriacos. Logo desde o começo, as duas partes contratantes interpretaram differentemente o compromisso. Os austriacos consideraram-no como o mecanismo de uma união

em que elles representavam o associado predominante; os húngaros, pelo seu lado, consideraram-no como uma alliança de dois estados independentes um do outro a todos os respeito, a não ser o vinculo da corôa e os negocios communs prescriptos no proprio compromisso. Este desconcerto de opiniões empeçonhou até ás raizes as relações entre os dois estados. Tem sido aggravado por outras desavenças e incidentes. Assim, tem sido na realidade e sempre a Hungria, e não a Austria, o elemento predominante de união. O pacto foi virtualmente dictado por ella. N'esse anno tenebroso de 1867, a Hungria poz a faca aos peitos da Austria, e o compromisso foi por conseguinte uma capitulação perante as suas aspirações. Desde essa época, o seu predomínio fortaleceu-se de dia para dia, graças á mais perfeita cohesão dos magyares, comparada com a dos allemães na Austria. O desgosto que isto produz na Austria accentua-se ainda por outro facto curioso. No intento de dar uma apparencia de realidade á illusão do seu predomínio, ella comprometteu-se a pagar dois terços das despezas communs, pagando a Hungria apenas o terço restante. Assim são os Magyares que mandam tocar, e são sempre os austriacos que pagam ao gaiteiro.

O outro assumpto essencial em que o compromisso cinco é em atraiçoar a presumpção de que em ambas as metades de monarchia as minorias dominantes deveriam proseguir identica derrota. Foi o contrario exactamente que succedeu. Ao passo que os magyares teem geralmente permanecido unidos e a sua constituição tem funcionado com sufficiente regularidade, os allemães da Aus-

tria foram-se dividindo em facções, as quaes teem aggravado todas as condições normaes de anarchia e acabado por paralyzar a cons-



BARÃO BANFFY

tituição inteira. O resultado é que não só o compromisso deixa de se executar legalmente, mas nas circumstancias difficeis em que na Austria se encontra a corôa, os húngaros teem conseguido exercer sobre ella uma influencia muito alem da que lhes competia, quer pelo seu numero, quer pelos seus direitos legaes.

Á luz d'estes factos capitaes, não será difficil comprehender a crise presente. Desde 1875 que as pretensões dos magyares, animadas pelos embaraços crescentes da Austria,

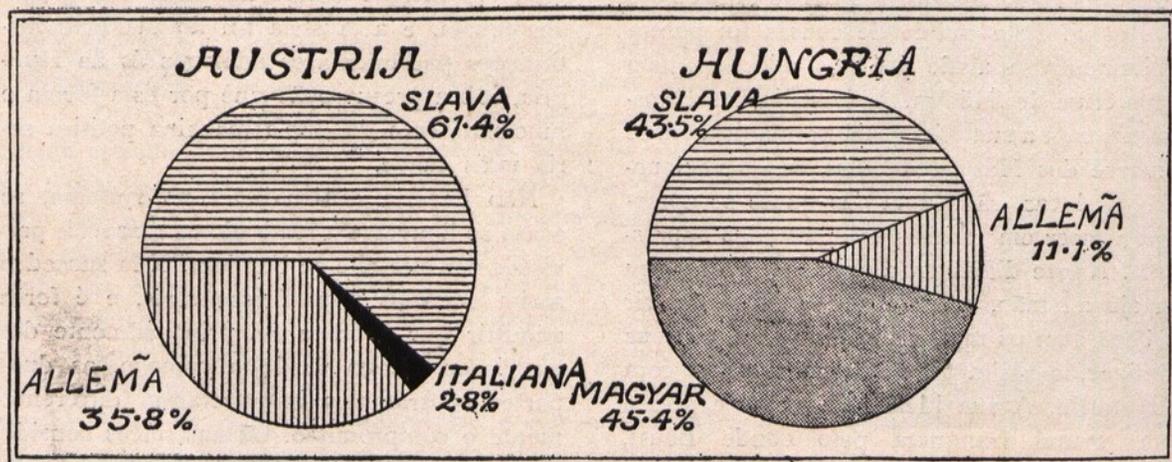


DIAGRAMMA MOSTRANDO A PROPORÇÃO DAS DIVERSAS RAÇAS NA POPULAÇÃO DA AUSTRIA E DA HUNGRIA

se vão expandindo gradualmente, até tenderem actualmente nada menos do que para a completa independencia da Hungria, sujeita apenas a uma dynastia commum. Desde 1867 até 1875 estiveram os Deakistas em maioria na dieta com uma politica conservadora es-



CONDE APONYI

crupulosamente moldada no compromisso. Este partido foi derribado pelos liberaes dirigidos por Koloman Tisza, que defendia reformas internas e um nacionalismo mais forte nas relações com a Austria. Mais de um quarto de seculo se sustentaram os liberaes no poder, consolidando o reino e tornando-o mais poderoso de anno para anno. Continuaram comtudo fieis tanto á letra como ao espirito do compromisso, e a isto deveram a sua queda.

A consciencia da força nacional pareceu a certos patriotas incompativel com as restricções do compromisso, e por isso em 1898 surgiu um partido da independencia, o qual procurou attingir os seus fins por um systema de obstrucção na dieta. Durante alguns annos, pouco mais fez este partido do que levar a dieta a um estado de confusão, analogo ao do Reichsrath de Vienna; mas em 1902 achou uma plataforma sobre a qual conseguiu fazer um apello effectivo ao povo. Foi a proposta de um exercito nacional, em que as ordens de commando fossem dadas em magyar em vez de serem, como até hoje, em allemão. Os liberaes oppozeram-se á ideia, com o fundamento de que a unidade do exercito era

um dos principaes vinculos entre os dois estados, e n'esta attitude foram vigorosamente apoiados pela corôa. Seguiu-se um longo periodo de obstruccionismo por parte dos independentes, e o ministerio viu-se forçado a introduzir uma reforma de regimento parlamentar, afim de fazer passar o orçamento e outras leis indispensaveis. As consequencias foram desastrosas. Attribuiu-se a instancias da corôa uma interferencia inconstitucional na liberdade de expressão, e d'ahi proveiu um silencio no proprio partido liberal; e quando no começo do anno corrente o ministerio apellou para o paiz, soffreu uma derrota esmagadora. A maioria da dieta passou para os independentes e os dissidentes liberaes, que fizeram uma alliança com um programma nacionalista baseado na creação de um exercito essencialmente magyar.

N'este projecto convergem as aspirações dos dois partidos. Por dois motivos se lhe oppõe a Austria — um d'elles unionista, o outro exclusivamente germanico. Os unionistas declaram que o exercito é a unica instituição do imperio que se tem mantido livre da lucta de nacionalidades, e isso deve-se principalmente á restricção linguistica. Argumentam tambem que esta unidade do exercito é indispensavel para a protecção effectiva do imperio e para a manutenção da sua dignidade entre as grandes potencias. O argumento germanico, esse não pode apresentar-se com egual franqueza, por isso que é germanico em vez de ser patriotico. A «magyarisação» do



CONDE ANDRASSY

exercito hungaro representaria o ultimo golpe na illusão do predominio allemão na monarchia dual, e d'ahi deriva o anathema vibrado em Vienna.

Vê-se por consequencia que n'esta discórdia a alienação de ha muito crescente entre magyares e allemães attingiu o ponto de ruptura. É duvidoso que o poder militar da Austria-Hungria soffre realmente se acaso o exercito magyar fosse reorganizado segundo os planos dos independentes hungaros, visto que nem mesmo os Kossutheitas extremos sonham em abolir o systema dual de governo; mas o que é indubitavel é que esta reorganisação seria fatal não só á hegemonia germanica do imperio, mas até á egualdade das duas monarchias. Uma concessão n'esta materia significaria o tornar-se a Hungria absoluto dictador do imperio, tanto em poder militar como em influencia politica.

Seria temeraria qualquer prophesia sobre as soluções do conflicto. Não é nada verosimel que elle traga consigo o desmembramento do imperio, por isso que nenhuma das nacionalidades deseja a absoluta independencia ou com ella beneficiaria; mas afigura-se inevitavel que elle conduza a uma profunda modificação de todo o systema em que está baseado o imperio. O projecto de suffragio universal, apresentado pelo ultimo primeiro ministro, o general Fejervary, parece indicar os termos em que se effectuará a solução. Appellar-se-ha provavelmente para os elementos slavos; e,

sendo inadmissivel a submersão dos magyares e dos allemães por aquellas hordas, como lhes chamava desdenhosamente Beust, chegar-



FRAUZ KOSSUTH

se-ha naturalmente a um novo compromisso em Vienna e Budapesth. Mas para que esse compromisso venha a ser duravel, tem que ser muito differente do pacto de 1867. A unica probabilidade favoravel estará na franca acceitação do principio de federalismo equitativo.





UMA CASA ANTIGA, PROXIMA DO LOCAL ONDE FORAM MORTOS OS CINCO MARTYRES

## Episodio da segunda invasão franceza



STAVA-SE em plena invasão franceza. Sault, duque de Dalmacia, entrara em Portugal para vingar a honra das aguias imperiaes, cujas pennas haviam ficado, mezes antes, pelos campos da Roliça e do Vimieiro, arrancadas num assomo de patriotismo e de heroica abnegação, pelos bisonhos soldados de Portugal.

A's tropas da segunda invasão não competia, portanto, sómente o papel de conquistadoras: traziam consigo designios terriveis, feitos de sangue e de pilhagem, de vingança e de incendios. O immenso orgulho de Napoleão não podia conter-se perante as derrotas infligidas ás suas tropas por um povo tão pequeno que mal se enxergava na carta da Europa, mas que em repellões terriveis de desespero heroico, num amor

immenso pela sua patria, conseguira o que, até então, nenhuma nação europeá lograra obter: oppôr-se com vantagem ás desmedidas ambições do côrso, que pretendia cobrir a Europa com a sombra sinistra das aguias napoleonicas. Estavam ainda muito vivas as scenas de vandalismo que caracterisaram a primeira invasão. A palavra *francezes*, soava aos ouvidos do povo como symbolo de destruição e barbaridade, e todos se preparavam para oppôr uma barreira á invasão das hostes napoleonicas. As atrocidades de Loison repercutiam no animo dos portuguezes e despertavam-lhes no coração o sentimento da lueta em defeza do seu lar, da sua herdade e da honra da sua familia, d'esse conjuncto de lares, de herdades e de familias que constituíam a patria portugueza.

○ Não havia miliciano, nem ordenança bisonha que não sentisse picar-lhe, nas

veias, o sangue, de entusiasmo e patriotismo, na ancia suprema de escorraçar os francezes.

O duque de Dalmacia entrara no Porto e a população desta cidade, mal soube deste facto, fugiu espavorida em direcção ao Douro, num desvairamento sem precedentes, numa desolação tal, que só pode ser comparada á ancia de salvar a vida. Enquanto uns fugiam nos barcos que puderam alcançar, outros lançaram-se como loucos para a ponte de barcas, a fim de attingirem a margem opposta, onde esperavam escapar ás patas dos cavallos, que nesse momento percorriam, em correrias doidas, as ruas da cidade. Dos primeiros, muitos foram varados pelas balas dos invasores, e dos segundos, alguns milhares tiveram por sepultura o leito do Douro, que parecia entoar-lhes os responsos funebres no marulhar plangente das suas aguas, sempre tumultuosas e rapidas. Foi um desastre de proporções lendarias, que ceifou mais vidas que o fogo duma batalha. A nova destes acontecimentos propagou-se com a rapidez com que se transmittem as noticias graves, sempre a avolumar-se nos pormenores, a inocular no coração do povo o odio aos francezes e a accender-lhe na alma o fogo patriótico. Soult estabeleceu-se na cidade do Porto, e sonhando realezas, fantasiando, talvez, uma côrte espaventosa de generaes-cortezãos, pensamento que lhe aguilhoava a ambição e a vaidade, mandou que as suas tropas seguissem na direcção de Coimbra, assenhoreando-se do territorio até ao Vouga. O povo inerme, á aproximação dos francezes, fugia, como de bandos de barbaros, sempre promptos a roubar e assassinar, e escondia nos sitios mais reconditos os seus haveres, não perdendo occasião de cevar nos inimigos o odio que lhe refervia na alma. E' um destes factos que passamos a narrar, conforme nol-o pinta a tradição transmittida por pessoas ainda existentes, que o ouviram da bocca dos contemporaneos dessas scenas de sangue.

\*

Corriam os ultimos dias do mez de abril de 1809. A seiva primaveril inun-

dava de vida a natureza, que havendo despido ha pouco o seu manto diaphano de neve, parecia sorrir por entre as primeiras flôres que desabrochavam pelos campos e pelos valles, numa alegria edenica, que contrastava singularmente com o manto de negrumes que pesava sobre o paiz e com a tristeza que se desenhava profunda na physionomia acabrunhada do povo. As arvores que ha pouco estendiam os seus ramos hirtos e regelados, floriam já, e apresentavam-se cobertas do seu vestuario de gala, recamado de flores que perfumavam os caminhos com a sua fragrancia deleitosa. Pelas beiras das veredas, as giestas formavam uma ramada densa coberta de flores que se preparavam já para a tradicional corôa, que em breve seria collocada á porta da choupana aldeã, com o fim de afastar, durante o anno, a fome, da morada rustica do lavrador pobre.

Por uma destas manhãs, alguns cavalleiros francezes haviam partido do Porto levando comsigo despachos de Soult e seguiam a estrada de Coimbra, por entre uma paisagem de verdura, despreoccupados, recordando talvez os amores que lhe ficavam na patria distante. Pelas alturas d'Arrifana alguém houve que, presentindo-os, lhes tomasse a dianteira de alguns kilometros e se collocasse d'emboscada sobre uma barreira que dominava a estrada, e alli os esperasse para os matar. Era uma manifestação de patriotismo, mas um patriotismo feroz, desvairado; era uma manifestação de odio ao estrangeiro invasor, que calcava o terreno sagrado da patria, era uma manifestação da revolta latente que dominava o animo do povo. Desgraçadamente o plano surtiu o desejado effeito. Mal os francezes se approximavam, da emboscada partiu uma descarga que lançou por terra um dos cavalleiros, que nunca mais se levantou do solo, onde cahira mortalmente ferido. Os restantes abandonaram o cadaver e seguiram até Oliveira d'Azemeis, á excepção d'um, que desvairado, esquecidas as gloriosas tradições dos veteranos d'Arcole e Freidlond, fugiu atravez de mon-

tes e valles pelas veredas mais escusas, até parar na residencia parochial, onde, a essas horas, talvez o velho reitor de S. Thiago, encarnando-se no mistér de sacerdote de uma religião de fraternidade e amor, levantava as suas preces, implorando gloria para Deus, no ceo, e paz, na terra, para os homens. Despertou-o das suas longas meditações a inesperada appareição do fugitivo, e ao ouvir-lhe a narração do que se passára no outro extremo da sua parochia, logo pelo espirito lhe passou a ideia da revindicta de sangue, que, em breve, alagaria os campos da sua aldeia natal e querida. Não hesitou um momento. Seguiu sem delongas para a villa, na tarefa mil vezes santa de dissipar da mente dos subordinados de Soult, a ideia de que a aggressão partira dos seus parochianos. Procederam os francezes a indagações e chegaram á conclusão de que os auctores do attentado eram d'Arrifana. Sobre os habitantes desta freguezia cahiria a vingança, terrivel de atrocidades e de sangue, vingança horrivel como a de Morgaron, em Leiria, ou a de Loison, em Evora. Cahiram sobre a povoação como um bando de abutres famelicos, sedentos de sangue e de vidas, resfolegando atrocidades, respirando odio e latrocinios. Foi horrroso, indiscriptivel.

Arrebataram todos os homens que não conseguiram fugir e encerraram nos na egreja, transformada de templo de uma religião augusta, em carcere horroroso, symbolo duma invasão de barbaros, que nem aos recintos sagrados guardaram respeito e decôro. Houvê scenas patéticas de desespero e desolação. Filhos arrancados dos braços das mães, debulhadas em lagrimas, maridos arrebatados dos lares á vista dos filhos e da esposa que se estorciam em arrancos duma dôr pungente e sem limites. Era uma verdadeira batida ao homem, que em parte alguma encontrava asylo seguro. E quando os algozes haviam completado a caçada, transportaram as vïctimas da egreja para um campo vasto, onde os enfileiraram. Algumas dezenas d'espingardas apontadas sobre aquelle alvo inerme, completaram a obra.

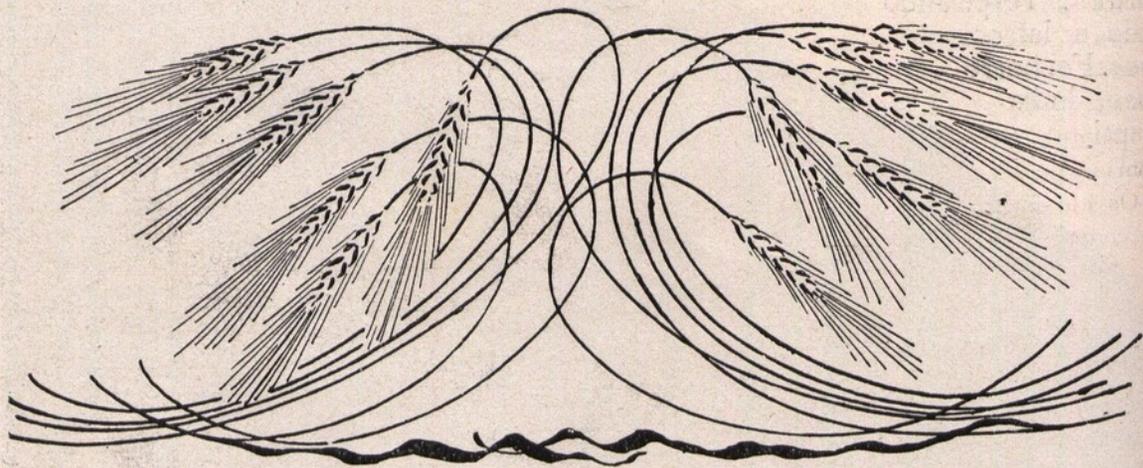


O LOCAL DA EMBOSCADA, COMO ELLE SE ENCONTRA ACTUALMENTE. O NICHOS DAS ALMAS É UMA REMEMORAÇÃO EM PEDRA DA MORTE HORROROSA DOS CINCO PORTUGUEZES SUPPLICIADOS EM OUTRAS TANTAS ARVORES.

Resoou uma descarga, que teve por repercursão um grito unico, unisono.

O sangue tingiu a herva do campo, e esses corpos que ha momentos se conservavam de pé, erectos, estendiam-se no solo, como arvores robustas que o raio fulminasse. Mas era necessario ainda mais um requinte de atrocidade. Levaram alguns que haviam ficado da matança, cinco, segundo a tradição, junto do local onde havia sido morto o francez, inflingindo-lhe, pela via dolorosa de alguns kilometros, os supplicios mais atrozes, de modo que dois só, arrastados, é que attingiram o logar do sacrificio. E este não podia ser mais barbaro. Collocaram-nos, pendurados, de cabeça para o solo, em uns carvalhos, e nelles foram sacrificados aos manes da patria livre. E lá estiveram, com a bocca desmedidamente aberta por um pau que lhes afastava as maxillas, durante alguns dias, estes martyres da patria, expostos aos olhares compungidos dos transeuntes. Mãos

piedosas houve que gravaram, em cada uma das arvores propiciatorias, uma cruz, que muitas pessoas vivas se recordam de ser em cinco arvores, que tantos foram os martyres que alli exhalaram o derradeiro alento. E o povo olhava para ellas com tanta devoção e respeito como para os altares de Deus, pois que representavam, aos seus olhos, um sacrificio sanguinolento, consummado em holocausto da patria, que gemia escrava. Mas a picareta do progresso arrancou esses symbolos augustos, sem respeito pelo drama que nelles teve o epilogo, com o fim unico de rasgar uma estrada — a real numero dez. É esta uma das paginas mais luctuosas da historia destes sitios. Pagina cheia por um unico facto, em que, como sempre que a patria está em perigo, o povo representa o principal papel, ou colhendo a mais farta messe de glorias e triumphos, ou experimentando o maior numero de desgraças e soffrimentos.



# Se a mocidade soubesse...

## IV

### A MELODIA DAS VIOLETAS

**T**INHA a burgravina Betty um brilho singular nos olhos, que geralmente excitavam o pasmo de quem os via pela primeira vez, em razão do seu aspecto de mimosas flores azues desabrochando n'aquelle rosto levemente atrigueirado. As faces quasi sempre descóradas ostentavam um rubor escuro, ao mesmo tempo que expandiam sorrisos, aliás naturalissimos por ser n'aquelle dia o casamento da baronezasita Sidonia, sobrinha do burgrave.

No velho burgo de Wellenshausen, poisado no alto da penha, que sussurro e azafama durante os ultimos tres dias!... Por circumstancias especiaes e em virtude da inabalvel resolução que tinha manifestado o noivo — estava no caso de dictar condições e havia-as dictado — apressou-se o casamento de um modo sem precedentes. O desejo do conde de Waldorf-Kilmansegg era deixar de ver o seu desagradavel amphytrião, e escapar aos olhares prescrutadores da burgravina. Conspirava com este sentimento, levando-lhe grande vantagem na intensidade, a impaciencia em que Estevam se debatia, esperando o momento de gosar a deliciosa solidão *à deux* com a sua encantadora noiva.

Os chefes das casas mais importantes das cercanias estavam na corte de Jeronymo, passando vida alegre, absolutamente despreocupados da guerra, que assolava toda a Europa, e das ameaças de imminente revolta, que de quando em quando se notavam no pequeno reino. Ainda, porém, que estivessem disponiveis, difficilmente poderiam ter sido convidados, em razão da estreiteza do tempo. E comtudo era a principal herdeira da região que ia casar n'aquelle dia, e o noivo — o conde de Waldorf-Kilmansegg — não lhe ficava atraz em nobreza, aspecto e cabedaes. A despeito da grande pressa, tudo correu muito bem, revestindo um caracter de encan-

tadora simplicidade a cerimonia effectuada no interior das muralhas do burgo. O noivo ostentava porte viril e todo se revia na meiga Sidonia, em quem a dignidade infantil brilhava a par de certo recato verdadeiramente delicioso. O burgrave tinha a perfeita apparencia de «pae nobre» e orvalhou de algumas lagrimas o bigode, ao passo que os olhos da burgravina chispavam como nunca. Depois, ao almoço, tudo correu tambem placidamente; e se nem os noivos nem a gentil dona da casa responderam, como a pragmatica exigia, aos brindes entusiasticos, propostos e abundantemente regados pelo burgrave, ninguem tinha que dizer das olhadellas trocadas entre os noivos, nos rapidos instantes das libações. Pelo que respeita á burgravina Betty, justiça é dizer que chegou quasi a rivalisar com o esposo no afan de emborcar pela sua delicada garganta copos e copos de Silery.

Notavel pressa mostrou a nova condessa de Kilmansegg em ir da sala do festim para o seu pequenino aposento da torre, sob o pretexto de se vestir para a jornada. Acompanhou-a o noivo com um longo e profundo olhar, o que, visto pela burgravina, lhe fez abanar a cabeça e retirar-se tambem da sala.

Apenas se viu só com a sobrinha, Betty arrancou-lhe da loira cabeça o veu de noiva, com movimentos tão bruscos e febris que Sidonia se voltou para ella, muito admirada. Vendo-lhe nos olhos aquelle extraordinario fulgor, perguntou:

— O' que é, tia Betty?

— O que é, Sidonia?... Ah! Perdão! Devia dizer: sr.<sup>a</sup> condessa.

— Eu fiz-lhe alguma coisa? Está zangada comigo?

A pobre creança tinha o coração a transbordar de ternura e a sua vontade era repartil-a por quantos em casa tinha conhecido.



SIDONIA BALBUCIOU... — NÃO COMPREHENDO...

—Zangada! Eu!—disse a mulher do burgrave. N'isto foram interrompidas por uma aia, que entrou muito azafamada, mas que Betty despediu logo dizendo-lhe com desabrimento:

—Vá-se embora, que eu mesma ajudo a sr.<sup>a</sup> condessa a mudar de vestido.

E continuou a falar á sobrinha, com affectada brandura:

— Não, meu amor. Porque havia eu de estar zangada? O que posso estar é envergonhada pelo meu sexo. Confesso que ainda me não passou a terrível impressão causada pelo escandalo, que tornou necessario este humilhante casamento, mas...

— Explique-se, pelo amor de Deus! — interrompeu a noiva.

Arrancou das lindas tranças a grinalda de murta, e, aproximando-se da condessa, com o rosto singularmente alterado, disse-lhe:

— Deve explicar tudo claramente, tudo!

— Ainda que tivesses a innocencia que apregoas, — replicou a burgravina, com o seio a arfar — eu seria cruel para contigo, creança, se te deixasse partir ignorando a verdade. Parece impossivel que leves a cegueira até o ponto de não ver que o pobre rapaz te desposou unicamente para lavar a mancha do teu nome, da tua honra!

Sidonia, n'uma pallidez mortal e com os olhos dilatados pelo terror, balbuciou:

— Não comprehendo...

— Será preciso dizer-te — redarguiu a outra, en-

clavilhando as mãos com desespero — que se uma rapariga da tua idade passar uma noite dentro de uma caverna e a sós com um homem, ficará com a sua reputação totalmente perdida?

O sangue affluio de novo ás faces da noiva.

— Pois a tia censura-me por eu lhe ter salvado a vida... que digo eu?... a reputação! Ah! Mas não acredito! Meu marido não tem a vileza que a tia lhe attribue. Disse-me que me ama, e eu confio n'elle.

A burgravinã soltou uma gargalhada estridente, e logo, por uma rapida transição, apertou a sobrinha contra o peito, n'um movimento hysterico.

— Ai! Minha pobre cordeirinha! Fui muito cruel para contigo. Sim! Sim! Continúa n'essa tocante confiança. Não te digo nem mais uma palavra. Seria barbaridade arrancar-te a venda dos olhos um dia mais cedo do que é preciso.

Esta manifestação de sympathia impressionou, muito mais do que o escarneo, a nova condessa. Agarrando os pulsos da burgravina com as suas mãos pequeninas, mas fortes como se fossem de aço, bradou:

— Ha de explicar-me tudo, ha de explicar-me tudo!

— Nunca! — exclamou Betty, soltando quasi um grito, e protestando implicitamente que não cederia áquella intoleravel violencia.

Esfregou ambos os pulsos, e murmurou, la-grimejante, que sentia o coração dilacerado.

— Ingrata creança! — soluçou.

— Não vêes que me sacrifiquei por ti? Aah!... Se elle me jurou o seu amor! (A quem a sangue frio não podemos mover, excitam-se-lhe as paixões). — Ha quatro dias, no terrapleno da torre, — e apontou dramaticamente para a torre de leste, cujo vulto sombrio se lobrigava atravez da esguia janella — ha quatro dias apenas que me entregou o seu coração e me consagrou a sua vida, esse marido em quem tanto confias.

— Não acredito — repetiu Sidonia. Mas o seu rosto fresco e juvenil parecia que de repente se tinha tornado de marmore.

— Olha! — gritou-lhe Betty.

E tirando do seio um bilhete já muito amarratado, pôl-o deante dos olhos da sobrinha.

— Vê isto! Vê o que elle me escreveu, pedindo-me que fosse ter ao logar onde me esperava. Lê estas palavras: «Está tudo prompto». O que querem dizer? Não sabes?... Que a sua carruagem me aguardava, para nos levar a salvo até ao nosso paiz, onde gosariamos a felicidade.

— Então porque não foi? Porque me mandou em seu logar? — perguntou Sidonia, impassivel.

— Porque fui uma tola! — retorquiu Betty, com voz estridula, dando ás suas palavras um tom selvatico de tão completa verdade, que Sidonia acabou por acreditar. Recebeu das mãos tremulas da burgravina o pedacito de papel. Mas as suas mãos não tremiam.

— Está bem. Peço-lhe que diga ao meu marido que venha falar-me. Já sei o que devo fazer.

E, ao dizer isto, guardou o bilhete no corpete do seu vestido de noiva.

O exito completo de uma vingança nunca deixa de assustar ligeiramente a quem se vinga. Foi o que sentiu a burgravina Betty, quando fechou a porta que a separava d'aquella extranha e desconhecida Sidonia. Mas tendo avançado muito, já não podia recuar e decidiu colher a recompensa final.

\*

\* \* \*

O noivo entrou com ares respeitosos, embora sentisse a mais viva alegria. Logo, porém, que viu a noiva, parou estupefacto.

Sidonia estava sentada n'uma cadeira de elevado espaldar, e com aspecto de juiz que vae proferir a sentença. Posto que tivesse a frieza estampada no rosto, os olhos, inconscientemente, lampejavam censuras.

— Mandei-o chamar, *Monsieur* de Kilmansegg — disse ella, articulando as palavras com grande nitidez — a fim de participar-lhe que resolvi não o acompanhar.

Para onde fugira a harmonia crystalina d'aquella voz? — Estevam era orgulhoso e irritavel, e o seu espirito não se distinguia pela rapida intuição.

— Não comprehendo — disse elle, como Sidonia tinha dito alguns minutos antes, mas o seu tom traduzia a raiva. Talvez Sidonia esperasse uma attitude diversa, imaginando, pobre creança! que o noivo lhe cahisse aos pés, chorando amargamente. Á sua vaidade ferida vinham juntar-se outros sentimentos desconhecidos, que de repente quasi degeneravam em odio. Não desceria a explicações e muito menos a queixumes.

— Baste-lhe comprehender que d'ora ávante viveremos separados. Não o acompanho. Vá-se embora, esqueça-me.

— Sidonia! — gritou Estevam com desespero, e deteve-se por instantes, olhando-a fixamente.

Acabava de ter uma horrivel suspeita. Seria possivel que aquella creança tivesse estado a representar com elle uma torpe comedia? Teria fingido um amor casto e ingenuo, havel-o-hia acceitado por marido com ternura virginal, unicamente para salvar a honra ameaçada do seu nome?... Mais ainda: não seria tudo aquillo um conluio infame?... Apossou-se d'elle uma furia repentina, e uma onda de sangue tingiu-lhe as faces. Em duas

passadas chegou ao pé de Sidonia, e curvou-se para ella ameaçador, dizendo-lhe, voz em grita:

— É minha mulher! É minha! Pertence-me! Ha de fazer o que eu lhe mandar! . . . E tudo o que eu quizer!

O olhar que o marido lhe deitou, encheu-a de novos e desconhecidos pavores. Creança que mal acabava de tornar-se mulher, recuou instinctivamente, como para fugir a alguma coisa que não discernia bem, mas que a magoava infinitamente. Ao chegar as mãos com força ao peito, para conter as palpitações desordenadas do coração, sentiu estalar debaixo dos dedos o papel do traiçoeiro bilhete da burgravina.

Espicaçada outra vez pelo resentimento e desdem, apumou a cabeça e mediu Estevam com a vista. Alguma utilidade havia de ter para a baroneza Sidonia o pertencer a uma alta raça, nobre ha muitos seculos.

— Se quizer pode levar o meu dinheiro . . . tudo o que é meu . . . Dizem que sou muito rica . . . Só exijo que me deixe para sempre.

Como se a pequenina mão da noiva, queimada pelo sol, o tivesse ferido mortalmente, Estevam Lee, conde de Waldorf-Kilmansegg, recuou alguns passos, e o ardente sangue da mocidade fugiu-lhe das faces, deixando-as lividas.

Permaneceu silencioso durante momentos. Depois cumprimentou, rodou sobre os calcanhares e encaminhou-se para a porta. Quando ia transpor o limiar, voltou-se para traz e fitou os olhos em Sidonia: era um olhar de despedida, em que manifestava orgulho tão indomável e tão cruelmente ferido, como o d'ella, e a mesma censura pungente. Tinha os labios a tremer, o que não passou despercebido á noiva.

A porta fechou-se suavemente entre elles, separando-os, e foi a pouco e pouco esmorecendo a bulha dos passos. Sidonia olhou de relance para o seu anel de casamento e julgou que o coração se lhe despedaçava; mas deixou-se ficar sentada e não fez a minima tentativa para chamar o noivo.

\* \* \*

N'aquelle dia o ceo estava mosqueado de nuvens e a brisa enregelava. Longos charcos reflectiam o azul e o branco ao longo das



SIDONIA OLHOU DE RELANCE PARA O SEU ANEL DE CASAMENTO.

rodeiras abertas nas mal cuidadas estradas de Sua Magestade o rei Jeronymo da Westphalia. Eram largos e fundos os sulcos, vestigios deixados pelo que fôra «grande exercito»: até

uma creança de aldeia poderia dizer que grandes peças de artilharia e carros tinham passado por aquella estrada, antes que a varresse o temporal da ultima primavera.

Porém o cavalleiro, no seu alentado cavallo ruço escuro, ia patinhando a lama em descuidosa corrida. Extranho ao sitio — inglez por educação e por herança chefe de uma importante casa nobre da Austria — consagrara-se a viagens para desenvolver o seu espirito juvenil no estudo da emmaranhada politica internacional, visto que, em razão do seu nascimento, ainda havia de tomar logar entre os legisladores do paiz a que pertencia. E afinal de contas a sorte armara-lhe uma cilada, em que elle se deixara cahir arrastado pelo incauto coração.

Verdade é que o homem pode libertar-se dos laços do amor, como a avesinha da floresta se escapa da armadilha, mas ferido, mutilado, com signaes indeleveis do que soffreu. Que importava a Estevam que o vento de oeste, ao bater-lhe na face, viesse embalsamado com o aroma dos pinheiros verdenegros, que á direita escalavam a encosta? Que lhe importava que as viçosas campinas, que á esquerda iam descendo, descendo, fossem de um vivo tom verde, doirado pelos raios do sol, ou que sombras passassem por ellas como alados e mysteriosos mensageiros? Os seus ouvidos estavam surdos para o canto sussurrante dos pinheiraes, para a alegria estridente da cotovia, que echoava repercutida pela abobada azul. Impassivel, ia trotando por meio das miserri-mas aldeias e dos casaes desertos, que já tinham respirado abundancia, e á beira dos tri-gaes devastados. De quem estava sendo, como elle, tão maltratado pela vida, não podia esperar-se a esmola de um pensamento compassivo em favor dos soldados lavradores, que penavam, longe d'ali, inteiriçados sobre as neves da Russia, ou arrastando-se, vencidos, nos pedregosos desertos da Hespanha; nem tão pouco das familias a morrer de fome, que de balde esperariam a volta de quem lhes ganhava o pão. Se nem sequer sabia para onde caminhava com tamanha pressa, na ancia de atravessar á fronteira! Era esta a paixão que o absorvia inteiramente.

\*

\* \*

Com a cabeça curvada para a banda d'onde soprava o vento e a rabeca deitada para as costas, o musico ambulante contemplava o

outeiro onde a estrada imperial, que orlava a floresta thuringiana, pendia para o valle fertilissimo banhado pelo Fulda. Tão aspera a subida que até fazia esmorecer os rijos tendões do cavallo ruço, de modo que o cavalleiro teve de moderar a impaciencia e resignar-se a avançar lentamente. Foi assim que ficou a par do humilde viandante, que jornadaeva a pé. Reconheceu-o de prompto, mas a sua vontade foi estugar o passo. Realmente era crível que n'uma vasta região deserta e n'uma estrada solitaria, o destino o fizesse encontrado com o homem que mais desejava evitar, o homem que acabava de ter influencia — tão desastrosa, julgava elle — na sua vida?

N'aquelles dias, a roda da fortuna parecia girar com caprichosa phantasia, derrubando os poderosos e exaltando os de humilde nascimento. Que mysteriosa tragedia se haveria dado na existencia do musico errante, no meio do cataclysmo universal? Os que o conheciam como vagabundo, e o viam percorrer as estradas tirando o sustento do favor com que era acolhida a sua rabeca, só podiam fazer conjecturas. As suas maneiras, porém, eram as de quem está habituado a mandar, o seu temperamento o do estudante e do philosopho: tinha um poder singular sobre todas as pessoas cuja intimidade escolhia. Era bem-vindo tanto para os ricos como para os pobres, mas ninguem lhe sabia o segredo.

Estevam, que a sorte parecia collocar por capricho no caminho d'este homem singular, vendo-se agora humilhado e com o coração despedaçado pela amargura, accusava-o secretamente de mau conselheiro.

O rabequista Hans — como na terra conheciam o vagabundo — estremeceu ao ver a face juvenil do austriaco surgir do capote e exclamou:

— O sr. conde!

— Eu mesmo.

Ambos pararam, e ficaram a olhar um para o outro, com expressão de profunda censura.

— Para onde vae sósinho, montado n'esse cavallo ruço? — perguntou afinal o musico, n'um tom de ironia, sob o qual disfarçava sentimentos mui diversos.

— Para onde fique o mais longe possível da minha noiva — respondeu o conde, com um pallido sorriso.

Hans franziu as sobranceilhas, carregando muito o aspecto do semblante, e disse a meia voz:

— *Peste!* Não será cedo de mais? O casamento, se não me engano, foi hoje de manhã. Ouvi de muito longe o alegre repicar dos sinos. Se ao menos se tivessem passado uns quatro mezes... mas agora...

A expressão era cynica, comtudo nos olhos havia anciedade e dir-se-hia que a tisonada face de repente se emaciava e envelhecia.

— Mezes! — repetiu o cavalleiro, rindo com azedume. — A Sidonia bastaram poucos minutos para calcular o que eu valia.

— Sidonia! — exclamou com força o rabequista.

Embora o outro quizesse ostentar frieza, a

— bradou o rabequista com impaciencia. — Se ella representou de mulher, tanto maior razão para o conde representar de homem... Pois é possível que a deixasse? Deixou-a realmente?... Bastaram algumas palavras desagradaveis, qualquer mal entendido?... Se ella lhe pertencia, porque não a trouxe comigo, ainda que fosse na garupa do cavallo?

— Assim mesmo justamente — replicou Estavam — quiz eu proceder, apesar de não ser muito fertil em expedientes. Tanto procedi como homem, que lhe declarei terminantemente que havia de acompanhar-me por sua vontade ou á força, na carruagem preparada para a nossa viagem de nupcias e não na garupa do cavallo. Sabe o que me respondeu?... Que eu tinha casado com ella e com o seu dinheiro.

— Ah! fez o rabequista, profundamente impressionado.

— Parece que é muito rica. Offereceu-me os seus bens, todos os seus bens, contanto que eu a deixasse para sempre. Hum!... Que

responderia a uma coisa d'estas? Diga!... Tratei de comprar o primeiro cavallo que se me deparou, e metti-me á estrada, deixando-lhe a carruagem, e os creados, por isso que menor estado não pode ter a condessa de Waldorf-Kilmansegg. Emfim, está encerrado o episodio.

O cavalleiro afrouxou as redeas e fez com que o animal, já refeito da fadiga, continuasse na trabalhosa ascensão do outeiro.

Depois d'isto, o musico ambulante, que tinha estado de olhos fitos nas pedras do chão, curvou-se como quem mette a cabeça ao vendaval e caminhou a passo, junto do cavallo.



O CAVALLEIRO NO SEU CAVALLO RUÇO IA PATINHANDO A LAMA

ira transparecia-lhe no rosto ordinariamente impassivel, e vibrava-lhe na voz como o primeiro rouquejar da tempestade.

— Deveras julgou que me casei pelo simples passatempo de fazer um escandalo e de abandonar a minha esposa de uma hora? Seria, na verdade, um optimo gracejo. Não, meu caro. A situação é obra d'ella e de mais ninguem. Usando do seu privilegio de mulher, mudou de ideia.

— Ainda hontem era uma pura creança — objectou o musico ambulante.

— Já tinha deixado de o ser hoje de manhã!

— Valha-nos Deus!... E que assim fosse?

Dir-se-hia que os hombros se lhe curvavam ao peso de enorme carga, embora fosse evidente que os logros terríveis a que a sorte o sujeitara, já o haviam tornado pouco accessivel ao espanto. Passados instantes levou a mão ao pintalgado pescoço, e, de olhos erguidos para o cavalleiro, disse-lhe:

— Estas mulheres... estas creanças... insultam um homem, porque não sabem mais. Alguem lhe fez mal aposto. O mal está sempre de atalaya, quando os sinos repicam para um noivado. Vá ter com Sidonia.

— Eu!

— Vá ter com ella, sim! Tenha generosidade.

Estevam soltou uma gargalhada, mostrando que a ferida era muito mais funda do que suppunha o companheiro, e disse rapidamente:

— Vou para Vienna, mas socegue, pois hei de regular tudo de maneira que nem a honra de Sidonia nem a minha soffram menoscabo.

— Não! — interrompeu o outro, encarando-o fixamente. — Um casamento nas condições do seu é facilimo de annullar, desde que os noivos estejam arrependidos.

As mãos de Estevam contrahiram-se, apertando as redeas.

— Parece-lhe? — perguntou elle, com a cara muito afogueada. Sim. Tem razão. É o melhor de tudo. Nem ella deseja outra coisa.

Estas ultimas palavras foram entrecortadas por uma risada.

O musico observou-o e a physionomia desannuviou-se-lhe um pouco, e, ás occultas quasi, chegou a esboçar um sorriso. Puxou a rabeça para deante, encostou-a ao peito, e, como se estivesse immerso em cogitação profunda, foi tirando sons estridulos do instrumento.

— Quando chegarmos ao cimo d'esta ladeira, separamo-nos — disse o conde.

— Quem sabe? Está a parecer-me que não. Ouça, meu fidalgo.

Começava a levantar-se uma viração vernal, trazendo nas azas um rumor distante, de maneira que o musico impoz silencio, com aquelles dedos que nunca paravam, e estacou apurando o ouvido.

O conde fez logo com que o cavallo tambem

estacasse. Não ha nada tão contagioso como a curiosidade do ouvido. Amainou a brisa, apenas os dois pararam, e então os sons que ella trouxera por sobre a crista do outeiro, pareceu que se repetiam mais nítidos, partindo do fundo do valle situado para além.

— Que é isto? perguntou o cavalleiro.

Era um som como de chuva torrencial a cahir sobre a folhagem de um bosque, mas só com a differença de que o entrecortava a miude um tinir cadenciado. Ainda Estevam não tinha acabado de fazer a pergunta, quando sentiu o aspero tropear de cavallos, emergindo d'aquelle encadeado susurro: após o estalar de duas palavras ditas com intimativa, o tropel da gente que avançava calou-se de repente e do meio do silencio rompeu o crepitar de tiros, tão seguidos que pareciam o cahir de contas escapando-se de um cordão.

— Desvie-se para traz! — bradou o rabequista.

E juntando a acção á palavra, tomou o cavallo pelo freio e obrigou-o a recuar e a metter-se no fosso que do lado das campinas orlava o carreiro.

— Mas que é isto? — perguntou Estevam outra vez, ao tempo que o clamor, que reboava no interior do bosque, de novo se erguia confusamente, n'um medonho fragor, em que á vozearia humana, semilhando berros de animaes enfurecidos, se juntava o rinchar dos cavallos, o estalar dos ramos e as pancadas seccas das ferraduras nas pedras. Dilataram-se as narinas do musico. Espicado de encontro ao lado esquerdo do cavallo ruço, o vagabundo continuava a segurar o freio com mão firme.

Um tenue vapor azul e um cheiro penetrante principiavam a coar-se por entre os sombrios abetos.

— Oh! innocente, pois nunca tinha aspirado este aroma? — perguntou elle, erguendo a cabeça para o cavalleiro e mostrando-lhe a tinada face allumiada por extranhos clarões. Talvez não haja em toda a Europa uma só geira de terra que, n'estes ultimos doze annos, não tenho conhecido o fumo de semelhante holocausto. Homem, isto é a batalha!

(Continua)

AGNES E EGERTON CASTLE.

# Fabulas do Afghanistan



**C**OMO outros povos do mundo, os afghans usam de fabulas passadas entre animaes para d'ellas extrahir uma moralidade e illustrar regras de proceder. É possivel que a moral nem sempre esteja muito de accordo com as convenções do Occidente, e que os methodos applaudidos não sejam ás vezes os mais aptos para se popularizarem n'um meio civilizado. Mas que querem? As características de uma raça é que dão côr á sua litteratura, e quanto mais comezinha é a litteratura, tanto mais vivo é o colorido. Succede por isso que as fabulas do Afghanistan refletem frequentemente a admiração respeitosa concedida ao exercicio bem logrado da manha e da fraude, qualidades em que são afamados os habitantes d'aquelle paiz.

## O VIAJANTE, A COBRA E A RAPOSA

Quem conhece os habitos afghans de guerra apreciá bem a verdade da maxima, fornecida pela fabula seguinte:

Um homem, viajando no seu camello, passou por um sitio em que havia incendio no juncal. Estava uma cobra no meio das chamas, que desatou a pedir soccorro. O homem, sem fazer caso

do odio da cobra á raça humana e attendendo apenas ao seu perigo imminente, consentiu em salva-la. Poz o alforge no chão, e a cobra, enrolando-se dentro d'elle, foi levada para logar de salvamento. Então o homem abriu o alforge e disse á cobra que se fosse embora, advertindo-a a que d'alli por deante se portasse

melhor para com os homens. A cobra deu a seguinte resposta:

— Emquanto não te morder a ti e ao teu camello, não me vou embora.

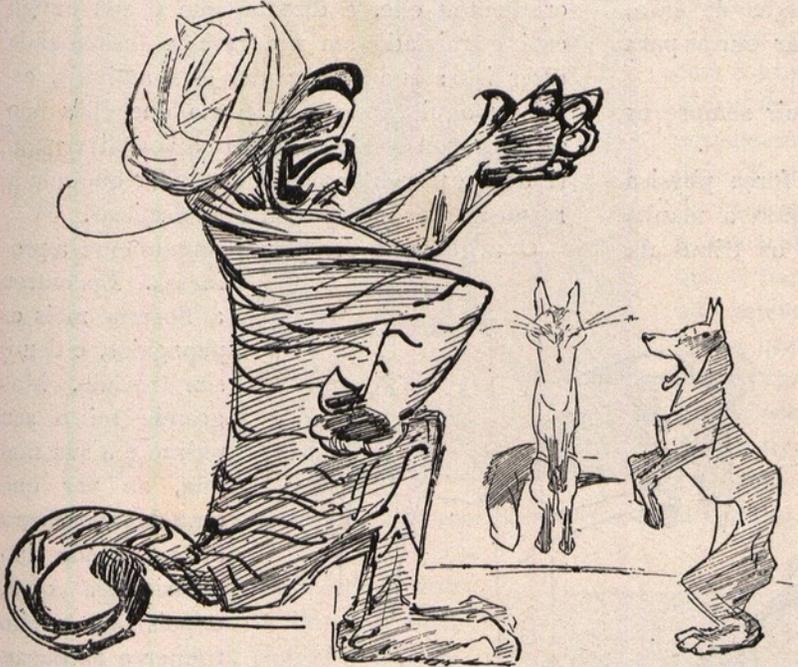
O homem, magoador por tão negra ingratidão, poz em relevo o serviço que acabava de prestar. A cobra reconheceu a sua divida, mas mostrou ao homem o disparate que tinha feito em a salvar, visto a inimidade hereditaria existente entre as cobras e os homens. Continuou entre os dois a discussão em termos moderados. A cobra fazia fincapé no costume que tinha a humanidade de pagar sempre o bem com o mal; e o homem, negando tal, concor-



«EMQUANTO NÃO TE MORDER A TI E AO TEU CAMELLO, NÃO ME VOU EMBORA.»

dou finalmente em se sujeitar á mordidella, se a cobra podesse achar testemunha que corroborasse a verdade do seu asserto.

Encontraram uma testemunha na pessoa de uma vaca (rigorosamente, uma femea de bufalo). Examinada pela cobra, a vaca fez o summario da sua vida, e foi de opinião que o credo do homem era pagar sempre o bem com o mal. Assim, o seu dono, mal ella deixou de lhe dar leite, mandou-a para a engorda afim de a matar depois.



«É ESFANTOSO QUE TU NA MINHA PRESENÇA OUSES ATTRIBUIR QUALQUER COUSA A TI PROPRIO»

A cobra exigiu logo que se cumprisse o contracto. Mas o homem insistiu pela necessidade de duas testemunhas, e, por consentimento da cobra, foi chamada uma arvore para dar a sua opinião.

A arvore, em poucas palavras, recordou que durante um ror de annos ella tinha dado generosamente sombra a todos os homens que a reclamavam ás horas do calor; mas queixou-se de que elles, depois de se regalarem a descansar, levantavam os olhos para ella e, sempre que podiam, cortavam-lhe um ramo para cabo de enxada ou de machado. Chegáram ainda mais longe; houve tal que calculou quanto lhe poderia render a sua generosa protectoria se acaso a reduzisse a tabuas. Em summa, a arvore era completamente do parecer da vaca. O homem, perplexo e angustiado, estava a parafusar como poderia ganhar tempo, eis

senão quando apparece uma raposa e pergunta com o seu ar sarcastico:

—Que beneficio fizeste tu a esta cobra, que está com tanta vontade de te fazer mal?

Contaram-lhe a historia toda, mas a raposa recusou-se a dar-lhe credito.

—O alforge é muito pequenino, disse ella. Uma cobra d'este tamanho podia lá caber dentro!

A cobra, para a convencer, viu-se obrigada a provar-lhe com a pratica. A raposa abriu-lhe obsequiosamente o alforge, e quando a pilhou encafuada, entregou-a ao homem para que a matasse.

—Uma pessoa de juizo não deve acudir a um inimigo que pede soccorro. Aliás arrisca-se a alguma desgraça.

Esta moral suggestiva dos afghans está afinal substanciada no proverbio portuguez: Quem o seu inimigo poupa, ás mãos lhe morre.

#### O TIGRE, O LOBO E A RAPOSA

A raposa, como sempre, figura nas fabulas afghans como a personificação da astucia e da manha. No seguinte conto apparece ella

cortezão discreto e sagaz.

Foram uma vez de companhia á caça o tigre, o lobo e a raposa. Mataram uma cabra montez, um veado e uma lebre, e levaram-nos para a cova do tigre afim de se regalarem com o banquete. Assentaram-se todos, e o tigre ordenou ao lobo que repartisse as peças como mais conveniente lhe parecesse. Vae o lobo, distribuiu a cabra, que era a maior peça, ao tigre, reservou o veado para si e deu a lebre á raposa.

—É espantoso que tu na minha presença ouses attribuir qualquer cousa a ti proprio! exclamou o tigre. Quem e que cousa és tu n'este mundo, e que opinião formas tu de mim?

E levantou a temivel garra, e estendeu o lobo morto em terra.

Depois virou-se para a raposa e disse-lhe

que fizesse a distribuição. A raposa replicou immediatamente que a cabra seria para o almoço de Sua Majestade, o veado lhe daria um bom jantar, e a lebre ficaria para a ceia de Sua Majestade. O tigre perguntou então, com fingida curiosidade:

—Onde é que tu aprendeste essa maneira sagaz de fazer a distribuição?

A raposa respondeu que costumava tomar aviso no exemplo alheio. O tigre, que decerto não estava muito esfaimado, expoz então o que lhe parecia a justiça recta: que a sagaz raposa ficasse com todas as peças de caça, enquanto elle tigre iria apanhar outras para si.

—E d'ora ávante hei de seguir sempre os teus conselhos.

Por aqui se mostra como a força physica anda prudentemente, aproveitando a manha dos mais fracos. Voga entre as tribus da

astucia se alcança o que não se alcança por outros meios.

Um certo negociante estava em vespuras de fazer uma viagem á India. Antes de partir, reuniu a familia e pediu a cada individuo que indicasse o presente que desejaria elle lhe trouxesse. Por ultimo fez identica pergunta ao papagaio, que era natural do Indostão. O papagaio pediu-lhe logo que fosse visitar uma certa floresta, onde provavelmente encontraria outros papagaios.

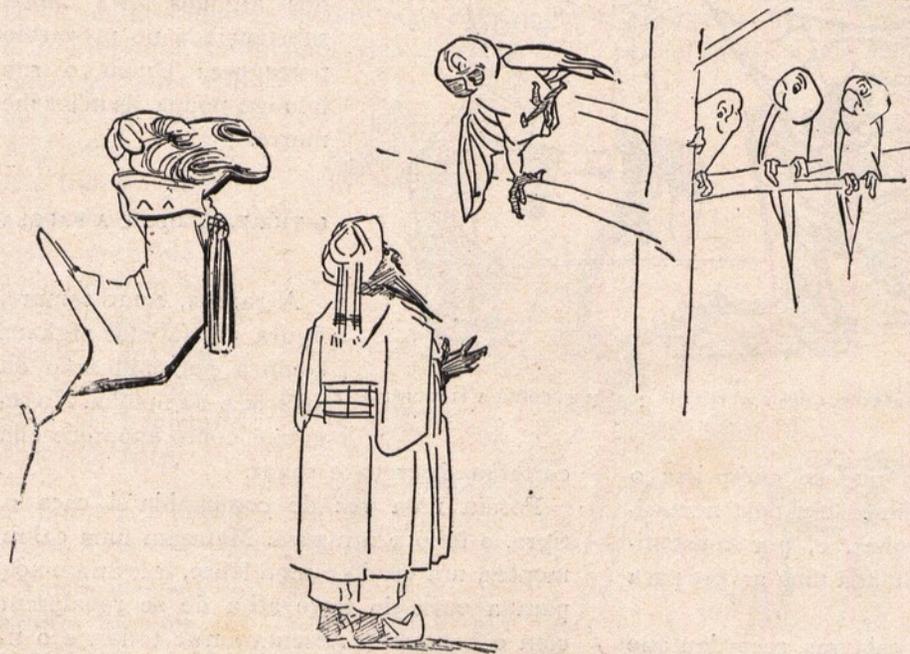
—Apresenta-lhes os meus cumprimentos, acrescentou elle, e dize-lhe que o seu amigo está engaiolado em tua casa, e lhes manda dizer isto: que é extranha esta amizade, estar eu aqui captivo, ao passo que elles não se importam comigo e andam a voar livremente de um para outro lado. Qualquer que seja a resposta, peço-te que m'a transmittas.

O negociante cumpriu pontualmente a pro-

messagem. Encontrou a floresta mais os papagaios, e deu o seu recado. Mas grande foi o seu pasmo e a sua magua, ao ver que uma das aves ficara de tal modo impressionada que, depois de muito tremer e esvoaçar, cahiu sem vida no chão.

Quando voltou para a sua terra, o negociante distribuiu os presentes que trouxera para a familia. O papagaio perguntou-lhe se tinha alguma cousa que lhe dizer.

O homem tergiversou, com medo de desgostar o bicho, mas o papagaio enxofrou-se todo, de forma que o negociante não teve remedio senão narrar-lhe com muita tristeza as consequências fataes do recado. Mal o papagaio soube da morte do amigo, desatou tambem a tremer e a esvoaçar e não tardou que tombasse do poleiro abaixo, morto tambem. O negociante fartou-se de chorar por elle, e com grande lastima tirou o cadaver de dentro da gaiola. Mas apenas o papagaio chegou ao



DEPOIS DE MUITO TREMER E ESVOAÇAR, CAIU SEM VIDA NO CHÃO

Africa septentrional uma fabula muito parecida com esta, mas em que o leão desempenha, como é natural, o papel aqui desempenhado pelo tigre.

#### O NEGOCIANTE E O PAPAGAIO

Um dos contos mais engenhosos é o do papagaio e seu dono, que serve para exemplificar a grande maxima dos afghans, que pela



O TIGRE POZ O OUVIDO Á ESCUTA E SENTIU OS BERROS DOS PEQUENOS CHACAES

chão, tornou de repente á vida e voou para o telhado da casa. O negociante, cheio de assombro, pediu-lhe explicações do caso. Então o papagaio explicou o recado que lhe mandara o amigo: «Finge que estás morto, e ficarás livre».

— Ora eu, continuou o papagaio, percebi logo a significação do que me contaste, e assim recuperei a liberdade. Agora o que te peço, visto que me alimentei á tua custa (notem os melindres de cortezia de um papagaio creado em casas afghans), é que me perdoes. E adeus.

— Estás perdoado, disse o angustiado negociante. Deus te proteja.

E o papagaio safou-se gritando:

— A paz seja contigo!

#### O TIGRE E O CHACAL

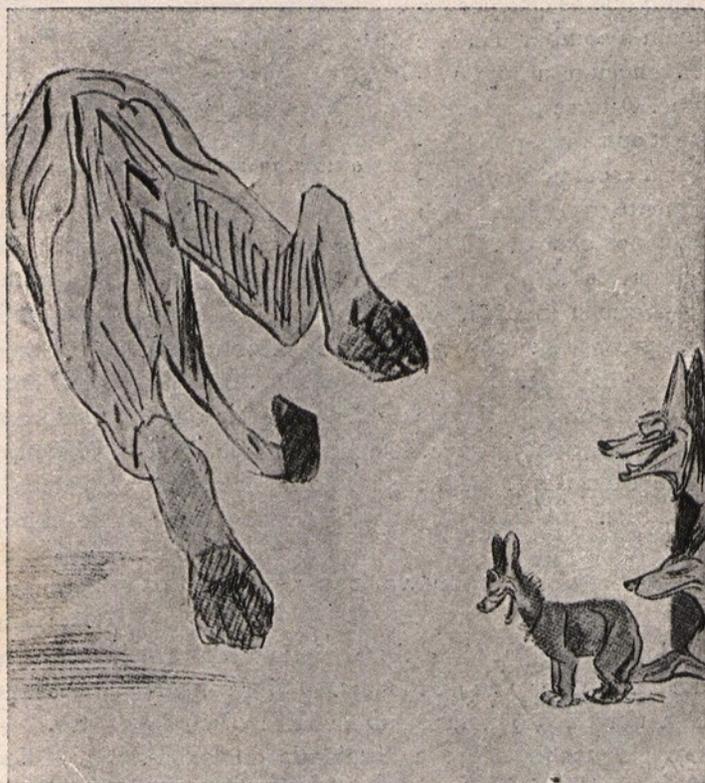
Como é de esperar n'um animal tão temido e detestado, o tigre nunca figura nas fabulas como heroe, mas

sempre como um fanfarrão estúpido e arrogante, logrado por qualquer bicho, embora fraco, que tenha um bocadinho de manha.

Bom exemplo é o conto do tigre e do chacal.

Um certo tigre, com uma liberdade de escolha desconhecida na historia natural, tinha tomado por companheira e governanta uma macaca. Um bello dia sahio, ordenando á macaca que não puzesse pé fóra de casa e não deixasse entrar ninguém.

D'ahi a pouco appareceu um chacal, com a esposa mais os filhos, que andavam á cata de casa. O amigo chacal ficou logo entusiasmado com a bella residencia do tigre. Entrou por alli dentro e tomou posse da casa sem se importar com os protestos e ameaças da governanta. A esposa ainda instou para que elle sahisse, mas o chacal não esteve por isso. Enquanto os dois estavam questionando, sentiu-se a approximação do tigre. A macaca foi a toda a pressa ao seu encontro e contou-lhe o succedido. Mas o tigre não podia acreditar que o chacal fosse tão descarado e insolente que se atravessasse a apañhar-lhe a casa.



O TIGRE DEU ÁS DE VILLA-DIOGO, SEM SEQUER AO MENOS OLHAR PARA TRAZ

—Deve ser algum outro bicho, muito mais temível, disse elle.

E por mais que a macaca protestasse que conhecia o chacal como os seus dedos, o tigre não lhe deu ouvidos. Entretanto o chacal tinha formado o seu plano. Quando o tigre se acercou da casa, ouviu os chacaesinhos a bramir e a mãe a dizer para o marido:

—O que elles querem é carne de tigre.

E o chacal replicava:

— Ainda hontem matei um tigre de todo o tamanho. Já se lhe acabou a carne? Não pode ser.

A esposa insistiu que os filhos queriam carne fresca. Então o chacal disse aos filhos que esperassem um bocadinho.

—Não tarda que por ahí venha um tigre descommunal. Eu dou cabo d'elle, e já vossês têm carne fresca.

Apenas ouviu isto, o tigre desatou a fugir com medo, mas a macaca seguiu-o, tratou de lhe dissipar os terrores, explicando que os chacaes estavam a zombar d'elle, e convenceu-o a que voltasse. O tigre lá se aventurou outra vez, poz o ouvido á escuta e sentiu novamente os berros dos pequenos chacaes. E d'esta vez ouviu o chacal a dizer aos filhos, com toda a brandura:

—Aquella macaca, que é muito minha amiga, prometteu trazer-me hoje mesmo um tigre, sem falta.

O tigre não se deteve senão para dar cabo da desgraçada macaca. Depois do que, deu ás de Villa Diogo, sem sequer ao menos olhar para traz.

#### O TIGRE E A LEBRE

N'outra fabula, é o tigre victima da astucia da lebre, como expomos. O tigre manifesta um talento notavel no debate; discursa com eloquencia sobre a dignidade do trabalho, para justificar as suas devastações no junca, e só depois de uma prolongada discus-

são com os outros animaes, é que elle accede á proposta d'estes: deixar-se ficar em casa, que elles lhe fornecirão uma victima por dia.

Durante algum tempo corre tudo ás mil maravilhas; até que chega a vez da lebre, que não está disposta a sacrificar-se e exclama:

—Quanto tempo durará esta pouca vergonha?

Os outros animaes revoltam-se contra ella por querer romper o contracto, mas ficam meio satisfeitos quando a lebre lhes insinua ter um plano para acabar com o tigre. Desejam conhecer o plano; mas a lebre, em resposta, cita-lhes um ditado do Afghanistan que põe bem a claro a falta de segurança da vida e da propriedade dos viajantes n'aquelle paiz.

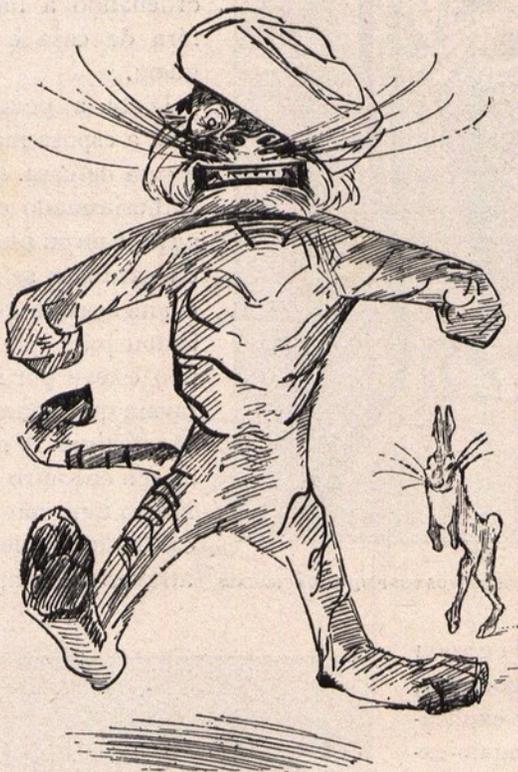
—Tres cousas ha, recorda a lebre, que devem conservar-se em segredo: primeira, o dinheiro; segunda, a occasião da partida; terceira, o caminho que se tenciona seguir.

N'uma palavra, a lebre, regulando-se apenas pelo seu bestunto, vae tão tarde para a cova do tigre, que este já está esfomeado e furioso com a demora do jantar. Ape-

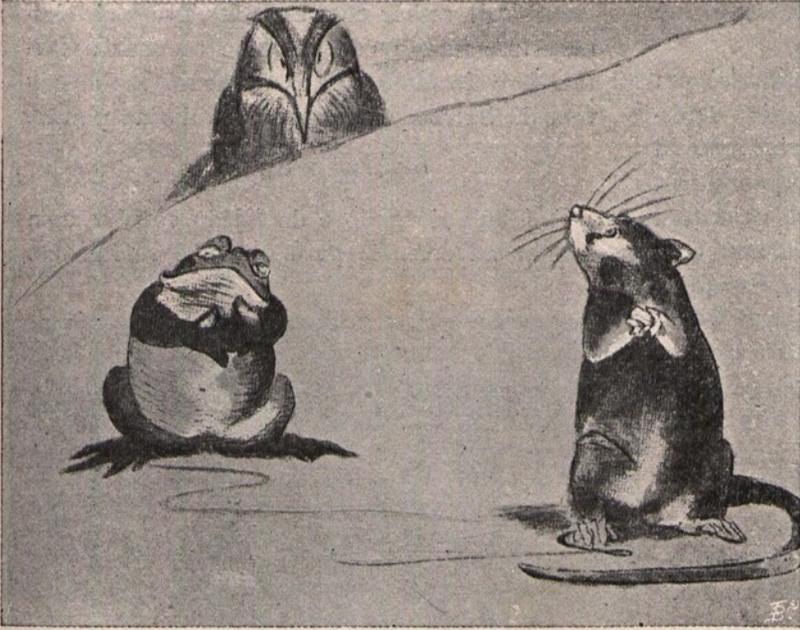
nas ella entra, toda esbaforida, o tigre dá-lhe uma descompostura tremenda e a muito custo dá ouvidos ás suas justificações.

Ella então conta que, vindo de caminho para alli em companhia de uma amiga sua, tinham sido ambas agarradas por outro tigre que as encontrou. A lebre preveniu o captor de que estava reservada para regalo do seu rei, mas o tigre adventicio redarguiu-lhe que faria o rei em postas. Até que afinal, a lebre conseguiu persuadir o captor a que lhe concedesse uma tregua para ella poder vir dar explicações sobre o caso; e assim fazia agora, tendo deixado a amiga nas garras do outro.

—Escusas de esperar mais victimas, concluiu ella. O tal tigre não deixa passar viva alma. Se não dispensas a tua razão quô-



O TIGRE. TRANSTORNADO DE RAIVA, DESATA AOS PULOS



«SE MORRERMOS JUNTOS, TANTO MELHOR.»

diana, o que tens a fazer é correr quanto antes, para desembaraçares o caminho.

Ao ouvir isto, o tigre, transtornado de raiva, desata aos pulos, ordenando á lebre que lhe mostre o sitio onde se acoita o seu rival. A lebre obedece. Chegam ambos á vista de um poço que fica ao pé da estrada.

Então a lebre deixa-se ficar para traz, e mostra-se assustadissima. O tigre não vê como ella está pallida? Não ha nada que a convença a chegar-se ao poço, porque está lá dentro o tigre, com a sua amiga nas unhas. O tigre insiste com ella para que se approxime e lhe mostre o outro tigre.

— Pois sim! accede a lebre. Mas com a condição de que Vossa Majestade me ha de ter bem agarrada.

Assim faz o tigre. Debruça-se no poço e vê na agua o reflexo dos dois. Então põe a lebre no chão, e, como uma fera que é, salta para dentro do poço para cahir sobre o inimigo, e afoga-se n'um prompto.

#### A RÃ E O RATO

Uma das historias mais familiares é a da amizade entre a rã e o rato. Tão intimamente se ligaram os dois animaes que já não podiam passar um sem o outro. O rato, sobretudo, lastimava-se de não poder ver a rã senão uma vez ao dia, e, como ella estava no regato, de não o poder ouvir quando elle a chamava. A rã, cuja amizade não lhe tinha

obstruido de todo o bom senso natural, contestava que a affeição entre dois amigos crescia quando só se podiam vêr uma vez por outra. A este argumento, embora innegavel, objectava o rato que, no caso presente, era indispensavel encontrar quesquer meios para estabelecer mais intima comunicação entre ambos.

A rã convenceu-se. Combinaram os dois atar a uma das pernas de cada um d'elles os extremos de um cordel, de forma que, quando um quizesse falar ao outro, não tinha mais senão puxar pelo cordel. Acudiram outras rãs, que mostraram os inconvenientes obvios de dar ás suas ligações affectuosas o supplemento de um cordel, mas os dois não se importaram com o conselho.

— Assim mesmo é que é! disseram elles. Se morrermos juntos, tanto melhor.



O TIGRE, JÁ VELHO E INVALIDO, DEPENDENTE DAS MANHÃS DA RAPOSA...

E ficaram atados um ao outro, conforme se combinara.

Ora um dia precipitou-se um milhafre em cima do rato, o qual não pode fugir por estar preso ao cordel; e o milhafre, levando pelos ares o rato, levou tambem pendurada a rã. Os momentos supremos da rã foram amargurados com o côro de applausos com que os camponeses saudavam o milhafre, por conseguir apanhar rãs. A desgraçada bem sabia que a façanha não era devida á esper-teza do milhafre, mas antes á sua propria to-leima.

#### O TIGRE, A RAPOSA E O BURRO

Outra historia mostra o tigre, já velho e invalido, dependendo das manhas da raposa, sua humilde serva, para arranjar o sustento diario e insiste na estupidez do burro.

Uma velha raposa, para saciar a propria fome, combina attrahir um boi ou qualquer outro animal ao alcance do tigre decrepito. Vae pelo campo fóra e encontra um burro a pastar.

Chega-se a elle com respeitosa sympathia, perguntando-lhe porque é que elle se atira a tão pobre pasto.

O burro, que por signal fala pelos cotove-los, replica impingindo á raposa uma longa dissertação sobre a conveniencia de cada um se contentar com a sua sorte.

A raposa escuta-o com toda a pachorra e responde-lhe, á moda oriental, com uma bre-ve parabola, cuja moralidade é que ninguem deve desperdiçar ensejo algum de se regalar, com cousas boas. A parabola da raposa sug-gera ao burro outra parecida, mas muito mais comprida e levando a moral differente, toda cheia de pormenores e de incidentes. Depois de uma grande questão, a raposa perde a pa-ciencia, lança em rosto ao burro a sua falta de resolução, e descreve-lhe com vivas côres os attractivos de uma certa pastagem que ella conhece.

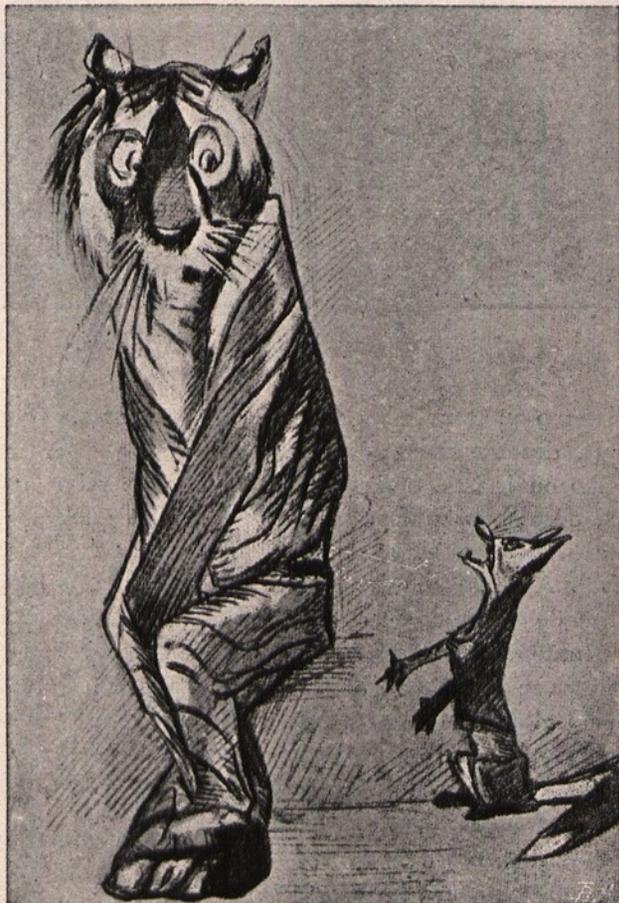
O burro deixa-se tentar, perde toda a pru-dencia, e segue a raposa até que chegam á vista do tigre.

Como está morto de fome, o tigre não es-pera que o burro lhe chegue ao alcance das garras. Precipita-se antes de tempo, o jumen-to assusta-se e desata a fugir. A raposa fica naturalmente furiosa pelo mallogro causado á sua astucia pela soffreguidão do tigre, e

farta-se de ralhar com este. O tigre pede des-culpa. A raposa consente em renovar a ten-tativa, e de facto, tantos discursos faz ao pa-teta do burro que consegue leval-o ao patrão.

#### O GALLO E O FALCÃO

A fabula do gallo e do falcão envolve uma salutar advertencia para que não se fale em



A RAPOSA FARTA-SE DE RALHAR COM O TIGRE.

cousas de que não se entende. As duas aves eram muito amigas, e passavam juntas que tempos. Um dia o falcão tomou ares de peda-gogo e censurou o gallo pela escandalosa in-gratidão da sua raça. Os homens sustentavam os habitantes da capoeira com saborosos man-jares, tratavam d'elles carinhosamente, e no emtanto não havia gallinha nem frango nem pinto nem gallo, que não desatasse a fugir em se lhe approximando um homem. Por ou-tro lado, o falcão pagava o captiveiro e as crueldades com uma dedicação extrema, apanhando e matando caça á vontade dos donos.

Quando o gallo ouviu isto, quasi que se escangalhou com riso. O falcão, um pouco

estomagado, perguntou que graça achava o gallo ao que elle dizia. E, como o gallo lhe fizesse ver que os homens só engordavam os bichos da capoeira para os matarem e comere-m, o faleão confessou que nunca lhe occor- rera esse pormenor importantissimo.

#### CARACTER GERAL D'ESTAS FABULAS

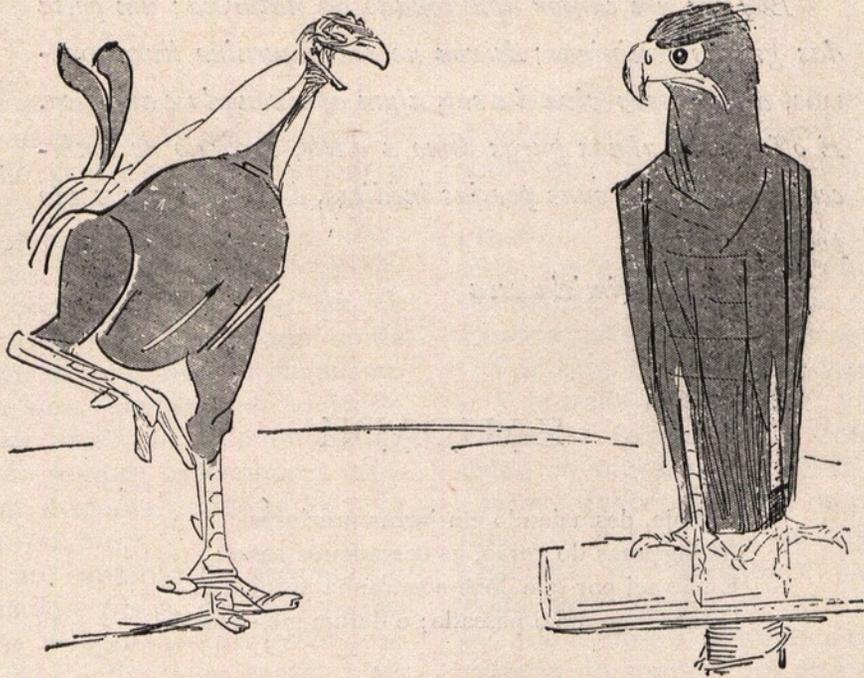
É curioso observar que todas as fabulas de animaes, no Afghanistan, se distinguem pela mesma caracteristica de espirito sardonico, mas teem todas o grande merecimento de uma frizante moralidade, o que nem sempre succede ás fabulas do Occidente.

Se a fabu'la é um drama:inho completo, defendendo uma these de psychologia ou de mo-

ral, convem que essa these appareça nitida e frizante aos olhos do leitor, dispensando glosas e commentarios. Sob esse ponto de vista, parecem-nos realmente muito apreciaveis as fabulas do Afghanistan.

Muitas das fabulas classicas do Occidente, de Esopo, de Phedro, de la Fontaine, de Lesing, prestam-se a duvidosas e multiplas interpretações, o que se nos afigura não acontecer a estas outras, creadas pe'a imaginação oriental.

Suggestivas e luminosas, o seu interesse redobra pela mistura do elemento comico, de que o artista admiravelmente se compenetrrou nas illustrações que apresentamos. E representam por esta forma uma lição effizaz e impressionante para creanças, e ainda para adultos.



QUANDO O GALLO OUVIU ISTO, QUASI QUE SE ESCANGALHOU COM RISO.



# IN MEMORIAM

(Homenagem de D. Margarida Sequeira)

*É do mallogrado poeta Augusto Sequeira, fallecido aos 18 annos, no dia 25 de junho de 1905, o mimo litterario que offerecemos hoje ás nossas formosissimas leitoras.*

*Elle era um cantor apaixonado da natureza; um poeta das graças femininas; deixou no seu pequenino livro IDYL-LIOS, a expressão viva da sua alma apaixonada e angelica. E offerecer a almas puras como a d'elle, o regalo de conhecer algumas das suas poesias inéditas, é tentação a que não podemos resistir.*

*Vae como primicia essa*

## SAUDADE

Vi hoje, desmaiando em jarras preciosas,  
As lagrimas do verão, as derradeiras rosas;  
E não sei por que dôce e estranha affinidade,  
Lembraram-me o passado; e deram-me saudade!

Junho-6-1905.

AUGUSTO SEQUEIRA.



O MONDEGO VISTO DA UNIVERSIDADE

# A Universidade de Coimbra

## QUINTA PARTE

Abundam os factos que provam a desorganização da sociedade portugueza nos fins do século XVIII, com especialidade a da classe escolar. Os que a governavam e tinham de reprimir abusos, ora se mostravam fracos, ora caprichosos; repetiam-se as concessões de perdões de actos, e outras; tudo aggravado ainda pela intervenção rancorosa do fanatismo inquisitorial, que, embora enfraquecido nos *meios de acção*, ia incommodando e perseguindo sempre os melhores espiritos, e, assim, desmoralizando todos pelo terror, como até alli.

Em 1778, por exemplo, era denunciado ao Santo Officio e preso, por motivo das suas opiniões religiosas, o professor José Anastacio da Cunha, que, tendo mais tarde recuperado a liberdade, ficou no entanto privado da sua cadeira na Universidade.

Tive occasião de descrever o estado de Coimbra e da Academia na época da reforma.

Pois, afóra o evidente interesse, despertado em muitos, pelos novos estudos,

e a orientação dada ao ensino superior, d'onde iriam saíndo discipulos e professores que haviam de o alargar e de o impôr— não pôde registrar-se grande progresso e melhoria nos costumes e na vida dos estudantes, a seguir á reforma pombalina. É verdade que era geral, na Europa, este estado de desordem.

Por fim, mesmo ao fechar do século, e á entrada do seguinte, viria tambem influir na Academia de Coimbra a agitação revolucionaria da França, que levantava echo por todos os países, inspirando, a par de uma ou outra tentativa generosa, movimentos e passos de revolta, que assumiam character grave— quando o ensejo da politica não era aproveitado no sentido dos attentados criminosos.

Em 1801 armam os estudantes conflicto com o corpo de milicianos estacionados em Coimbra.

Levanta-se em 1803 novo bando de escolares que infesta a cidade e arredores, e comette violencias semelhantes ás do antigo *rancho da carqueja*. Posto que

de menor vulto, era raro o anno em que não houvesse tumultos e desordens, tanto mais que não cessava o abuso dos perdões de exames, e de toda a ordem de interrupções dos trabalhos academicos.

Resgatariam os estudantes, numa grande parte, esses attentados e turbulencias, pela acção heroica de 1808 — partindo, á voz de commando do vice-reitor Manuel Paes de Aragão Trigoso, contra os invasôres francêzes.

Mas lá vinha outra interrupção na vida escolar. Em 1826, de novo o *batalhão academico* se levantará pela liberdade. Até que venha a vergonha trágica do crime de Condeixa, inspirado e tramado em 1828 pela associação dos *Divodignos* — vergonha que nada fará esquecer. Mas os estudantes liberaes irão afirmar-se em rasgos de valor e de sacrificio, desde 1828 a 1834.

Destes tempos de perturbações politicas e de guerra civil pouco ficou para registar na vida interna da Universidade — salvas as manifestações de professores e de estudantes no sentido d'um ou doutro partido, e as consequentes perseguições e represálias de parte a parte. É tambem este um periodo triste para a Universidade — com especialidade a quadra aguda de 1828 a 1834.

\*  
\* \*

As instituições liberaes — a que se deveram em muitos ramos do serviço publico uteis reformas e vantagens — trouxeram á vida universitaria modificações consideraveis, tanto na parte administrativa como na economia do ensino.

No que respeita á administração geral da Universidade, devo dizê-lo, parece-me que a reforma liberal representou, além duma violencia, um prejuizo grave; demonstrando mais uma vez o inconveniente das mutações rapidas e das substituições radicaes — tão caracteristicas dos povos ditos latinos, quer as dite o despotismo, quer as inspire o espirito simplista dum jacobinismo rectilíneo. Num como no outro caso, pode a intervenção brusca da acção central ir sustar o desenvolvimento normal dos corpos e instituições em que se faça sentir, com-

promettendo-lhes muitas vezes a existencia. É a seducção das ideias verbaes e das formulas — a contrariar a complexidade organica da Vida!

E por esta seducção, aliás sympathica, se explicará a inferioridade activa destes povos quando comparados com o anglosaxão — suprêmo conhecedor das *possibilidades*, e assim certo regulador da existencia, pelo menos nos moldes até hoje conhecidos.

Com effeito, as reformas administrativas do governo liberal em relação á Universidade enfermáram de fervura rápida.

Ao passo que a Inglaterra, por exemplo, mantinha e mantém o patrimonio das suas universidades, a nossa viu-se de tudo despojada, sendo os seus bens incorporados nos proprios nacionaes, e entrando ella na cathegoria commum dos estabelecimentos do Estado.

Para quê?

Para, afinal, engrossar um thesoiro publico que a está mantendo mesquinamente, porque de todos os lados é assaltado e forçado por toda a especie de... ambiciosos...

E, ao mesmo tempo que era engulida pelo Estado a Universidade, extinguíam-se os collegios de S. Pedro e de S. Paulo, que tão bons serviços tinham prestado e prestariam — no recrutamento de professores e na preparação dos doutorandos.

Tambem neste ponto será instructivo comparar a medida portugûesa da extincção de collegios como estes, com a prática da Inglaterra quanto a essas instituições seculares, independentes e prósperas!

Bem sei que a encorporação da Universidade no Estado, e que a extincção dos Collegios foram consequencia da transformação do regime da propriedade, e da abolição de certas formas de rendas e fóros. Comtudo, não insistindo agora em discutir se houve ou não precipitação n'algumas liquidações decretadas — sempre me occorre aventar que um processo de equitativa compensação pelas verbas novas teria talvez resolvido o problema.

Mas...vinha traçado num systema *feito!*

Pelo que se refere ao ensino, não encontro tambem — atravez de toda a legislação academica posterior aos *Estatu-*

tos de 1772 — inteiro seguimento e coherencia nas medidas successivamente adoptadas; effeito, por certo, das alternativas e do movimento oscillante dos partidos, que de ha muito padecem, entre nós, de falta desse espirito de solidariedade patriótica — que devêra sempre dominá-los nos assumptos de interesse geral.

Das reformas ou alterações decretadas desde a reforma pombalina até ao fim do seculo XIX — as mais extensas nas suas disposições são: a de 1836 e a de 1844.

os estatutos pombalinos. À parte, é claro, o desenvolvimento de cada faculdade e disciplina, segundo a crescente exigencia dos tempos.

Quem queira estudar este período sob o ponto de vista dos diplomas officiaes poderá percorrer a legislação de 1772 a 1900, sem que da leitura venha a tirar grande consolação; pois — á parte a reforma de 1845, e um ou outro documento disperso — não concluirá que os governos portuguezes, numa longa quadra de mais



UNIVERSIDADE—OS GERAES

Resumindo, pode dizer-se que destas duas reformas, e das medidas anteriores e subsequentes — ficáram: a redução das faculdades de Cánones e Leis a uma só; a nova disposição dos cursos existentes; e a criação do curso administrativo; o augmento de cadeiras em diversas faculdades; a publicação de regulamentos de policia academica e de formularios para a habilitação á matricula das faculdades; providencias sobre concursos, jubilações, etc.

Nada que represente, como plano e organização, um largo progresso sobre

de meio século, se tenham desvelado pela instrucção do país...

A reforma de 1901 é tão recente, que convirá para a julgar, deixar passar algum tempo e esperar pelos resultados da sua applicação.

Parece-me, no emtanto, que desde já se lhe podem notar, a par de defeitos remediaveis, umas três vantagens: quebra, até certo ponto, a rigidez dos antigos cursos, com a liberdade da matricula por cadeiras, que, por sua vez, poderá representar um ensejo de especialização; creando cursos especiaes — accentúa esta

possibilidade da cultura intensiva, abrindo, consequentemente, destino futuro aos diplomados d'esses cursos; finalmente, poderá vir a estabelecer, entre alumnos e professores, uma ligação mais íntima, como effeito d'essa mesma cooperação determinada á parte.

Poderia ainda considerar a reforma de 1901 sob o ponto de vista da orientação pratica do ensino, que ella sempre favorecerá. (1)

Antes de fazer o quadro da organização actual da Universidade, quero ainda referir-me, posto que de corrida, á academia de Coímbra.

Depois das luctas da Guerra civil, e da implantação do regimen liberal, ainda os estudantes tomaram parte numa revolução popular — no movimento de 1846.

Para cá d'esta data, embora uma ou outra manifestação prenda com casos da vida política, as perturbações a registar dizem sobretudo respeito a interesses e successos ligados com a vida academica.

(1) As disposições relativas á admissão de professores extranhos á Universidade, que quizerem abrir cursos livres e de alumnos vindos de outras escolas (art. 3 e seus §§ e art. 46) com destino ao magisterio universitario, accentuam o seu caracter de liberdade e largueza.

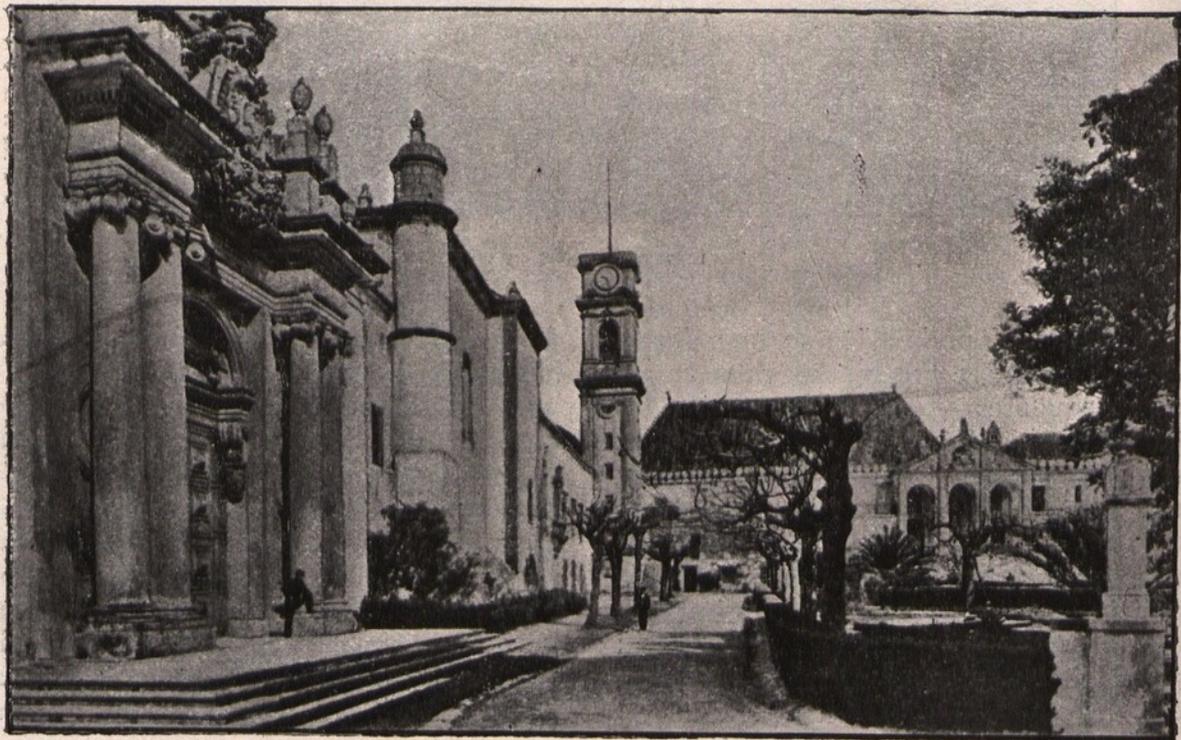
Ahi vão as datas, á falta de espaço para mais: 1854, 1857, 1862, 1864, 1883, 1886, 1892, 1898, 1902 e 1903.

E' difficil e melindroso dar impressões de actualidade. Darei, comtudo, de leve, as que me parecem justas quanto á academia de Coímbra dos nossos dias.

Encáro-a sob três aspectos, que são os que ella me offerece: na sua maioria — affigura-se-me muito mais indifferente á sua propria vida, como collectividade, do que a academia de outros tempos, mesmo recentes. E' claro que esta massa indifferente poderá, uma ou outra vez, ser movida num ou noutro sentido, conforme a força do motivo detereminante, e a sympathia, habilidade ou prestigio de quem a pretenda mover.

Vem aqui a proposito dizer que têm escasseado ha annos — entre a academia — esses iniciadores e propulsores sympathicamente investidos ou acceites, e impulsivamente seguidos.

Poderá ella, pois, mover-se pela força dum motivo de occasião; o que não terá ou não acceitará hoje tão facilmente — será um timoneiro. Isto poderá ser bom ou mau, conforme quizerem. Accusa, em todo o caso: d'um lado falta de cohesão e de solidariedade, do outro falta de ins-



UNIVERSIDADE—PATEO DO LADO DO SUL

pirada confiança. São todos mais da vida que os espera, do que da sua vida académica. E o que valem, valem-no apenas como pessoas.

O segundo aspecto ólho-o, felizmente, numa minoria, ainda assim considerável — representante das tendencias regressivas da troça bruta e da cacetada nocturna.

E indicarei ainda, como uma das variantes curiosas — os que chamarei revolucionarios. Acerca destes, aquí como em toda a parte, tenho a dupla impressão de que podem dentre elles sair os mais bellos e os mais tristes exemplares — moral e intellectualmente falando. O calor apaixonado das ideias, que fará recozer e fortificar a pasta d'alguns d'elles, só acabará de desagregar e destruir a composição impura ou fragil d'outros.

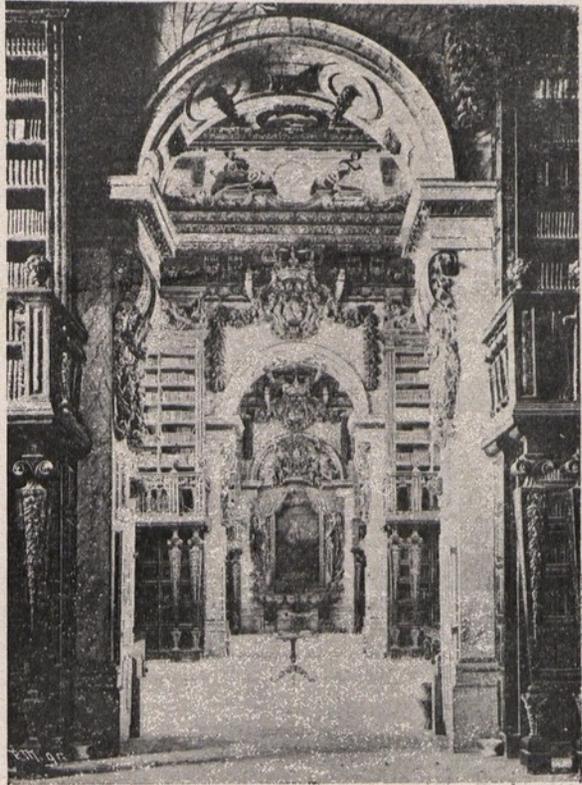
Por ter indicado três aspectos dominantes, não se segue que eu veja tudo por este triplice ponto de observação. Ha figuras e grupos desgarrados, que não é facil classificar. E entre estes, se encontramos quem accentúe a desagregada existencia de Coimbra — num sentido de decadencia ou de depressão — tambem veremos um ou outro, original ou reservado, que, não contando tanto como estudante, já valerá e prometterá valer como individualidade isolada.

Não será talvez facil apontar todas as causas que determinaram e determinam o modo de ser ou antes os modos de ser da academia de hoje. Uma, no emtanto, se impõe, para, explicando aquella indiferença e desagregação, explicar até certo ponto tudo o mais.

Reside na falta de um centro de reunião, centro da vida commum, onde as tradições alimentassem os planos novos, onde os *melhores* pudéssem affirmar-se, sempre vistos e queridos dos outros — onde, a par do applauso á ideia generosa e altiva se erguesse a palavra e a resolução inhibitoria do acto injusto ou da loucura em esboço. Reside emfim, na falta d'um *club* como era o velho *club*, desconfortavel e amigo, feio mas amado por todos os do seu tempo, porque era para todos uma casa-*alma*.

Seria curiosa, nesta altura, uma noticia sobre os edificios da Universidade, em

que especialmente se fizesse a historia e descripção dos que formam a sua parte central. Não disponho, porém, de espaço para o fazer. Era assumpto para artigo



BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE

áparte. Como me referi, comtudo, á capella manuelina e ao observatorio astronomico, darei ao menos a data das construcções, que completam o guarnecimento do vasto pateo jardim. A portaferrada, entrada nobre da Universidade, tem a data de 1634; é, pois, do tempo de Filippe III; a estatua que ostenta é, porém, de Filippe II, cuja memoria não deverá ser muito grata á Universidade, pelo rigor com que castigou alguns dos seus professores, affectos ao Prior do Crato, e pela sordidez do convenio em que ella teve de pagar-lhe pela somma de 30 mil cruzados a cedencia dos passos reaes, para poder continuar a occupalos.

Deve ser da mesma época a *Sala dos Capellos*, que foi restaurada e modificada em 1654 — data da substituição do antigo tecto pelo actual; soffrendo mais tarde outras innovações — como das janellas e tribunas actuaes.

A bibliotheca foi começada no anno

de 1717, no reinado de D. João V, e durante o governo do Reitor Nuno da Silva Telles, ficando terminada alguns annos mais tarde, no governo de Francisco Carneiro de Figueirôa. É da mesma época a desgraciosa torre, bem mais digna de ser notada como miradoiro duma vasta e magnifica paisagem do que pelas suas linhas e massas architectonicas.

A *via-latina* — galeria de columnata jónica, a cujo centro se ergue, fronteiro á escada principal, o retábulo apotheo-tico do rei D. José I — data do reinado deste monarcha.

\*  
\* \* \*

A organização actual da Universidade baséase numa pequena parte dos Estatutos velhos (1654), não revogada pelos de 1772, nas disposições destes, modificadas pelas leis e providencias subsequentes, e na reforma de 1901, que não alterou o desenho geral e os fundamentos da reforma pombalina.

O ensino da Universidade comprehende: a theologia, a jurisprudencia, a medicina, as sciencias mathematicas e as sciencias naturaes.

Como estabelecimento do Estado, a Universidade está subordinada ao Ministerio do Reino, com o qual se corresponde nas questões de administração scientifica, pela Direcção Geral de Instrucção Publica, nas questões financeiras, pela 3.<sup>a</sup> Repartição de Contabilidade Publica.

El-Rei é o *protector* nato da Universidade.

Na sua organização actual, podemos considerar a Universidade sob os seguintes pontos de vista:

- I — Administração e governo;
- II — Estructura escolar e ensino;
- III — Estabelecimentos universitarios.

Cabem: a administração e o governo ao Reitor e aos Conselhos Academicos; ás facultades incumbe o ensino; dos estabelecimentos universitarios, uns são communs a toda a Universidade, outros especiaes das facultades.

O Reitor tem tambem, de ha muito, o titulo de *Prelado*. É funcionario da

confiança e da directa nomeação do Governo. Serve por três annos, podendo ao fim deste periodo ser dispensado do serviço ou reconduzido, por simples decreto do poder executivo.



DR. PEREIRA DIAS—REITOR DA UNIVERSIDADE

Todas as suas prerogativas e funcções, longas de enumerar, se comprehendem na sua multipla competencia — de direcção superior da Universidade; pois se exerce esta na parte administrativa, na disciplina e no regimen escolar.



DR. AVELINO CALIXTO—VICE-REITOR DA UNIVERSIDADE

Nos impedimentos do Reitor exerce as suas funcções o Vice-Reitor, funcionario de nomeação régia, escolhido dentre os lentes jubilados ou cathedra-ticos de qualquer facultade.



ESCADAS DA UNIVERSIDADE, COM O DR. SANTOS VIEGAS, DECANO DA FACULDADE DE PHILOSOFIA

#### PROFESSORES

São de duas cathégorias:

- a) lentes cathedraticos;
- b) lentes substitutos.

Os primeiros, salvo resolução extraor-

dinaria da faculdade, consideram-se fixos nas cadeiras que lhes fôram distribuidas; o mais antigo dos cathedraticos é o *decano* e *director* da respectiva faculdade, com prerogativas especiaes, cabendo-lhe, ao fim de oito annos de

exercício deste cargo — a carta de conselho.

O *decano* de Direito é o Chanceller da Universidade. Os cathedraicos, á falta de substitutos, vão reger, segundo as necessidades e occorrencias do serviço do ensino, as cadeiras que se achem vagas, por impedimento dos respectivos cathedraicos, ou por falta de pessoal no quadro da sua faculdade. São de nomeação régia, sobre proposta da respectiva faculdade, precedendo concurso de provas publicas perante a mesma faculdade.

São promovidos a cathedraicos por antiguidade.

Quem queira conhecer miudamente as condições dos professores da Universidade—relativamente a vencimentos, melhorias, aposentações, etc.—poderá consultar o *Annuario da Universidade* de 1901-1902, secção III, capitulo II.

Mantêm-se os trajos academicos dos doutores: capa e batina, e, nas solemnidades, sobre este habito talar o *capello* que, como a *borla*, tem côr distincta, por faculdade: branca em Theologia, vermelha em Direito, amarella em Medicina, azul celeste com alamares brancos em Mathematica, azul ferrete em Philosophia.

Para os estudantes, o trajo é tambem ainda a capa e batina; já não usam, porém, o calção e meia a não ser nos actos.



DR. FERNANDES VAZ—DECANO DA FACULDADE DE DIREITO

#### CONSELHOS ACADEMICOS

Podem estes ser de três ordens:

- a) Grande conselho ou claustro-pleno;
- b) Conselho dos decanos;

c) Conselho das faculdades.

Compõem o claustro-pleno:

O Reitor, como presidente; e como vogaes, todos os lentes aposentados e



DR. LUIZ DA COSTA E ALMEIDA — DECANO DA FACULDADE DE MATHEMATICA

effectivos, cathedraicos ou substitutos. É secretario deste conselho o da Universidade.

Para que o claustro-pleno funcione é necessaria a presença, pelo menos, de vinte e quatro vogaes.

Presidido pelo Reitor, representa a Universidade, como corporação, em occasões solemnes e em negocios do seu interesse geral. É a este conselho que se dirige o monarcha quando directamente quer communicar com a Universidade. É tambem com o claustro que se correspondem as Universidades estrangeiras, e tomam perante elle posse

os Reitores, que o consultam sobre assumptos de maior gravidade.

O Conselho dos decanos é composto: do Reitor, como presidente, e dos cinco decanos das faculdades, como vogaes.



DR. SILVA RAMOS—DECANO DA FACULDADE DE THEOLOGIA

É secretario do Conselho o secretario da Universidade.

No impedimento de qualquer dos decanos serve o lente immediato da faculdade. Este conselho, presidido como é pelo Reitor, representa a Universidade nos actos publicos que não demandem a assistencia do claustro pleno; vota em processos de policia academica, quando o Reitor queira ouvi-lo; conhece de suspeições em concursos; dá posse aos lentes; julga dos exames dos capellães da Universidade, e tem voto consultivo em questões de administração universitaria.

Os Conselhos das faculdades compõem-se de: presidente, o Reitor; vogaes, os lentes cathedraticos e substitutos da fa-

(Continúa).

culdade; secretario, o substituto mais moderno da faculdade. Reunem, em *congregação ordinaria*, uma vez por semana, e em *congregação extraordinaria*, quando sejam convocados pelo Reitor.

Não posso enumerar todos os assumptos sobre que estes conselhos votam e decidem. Tudo isto se encontra indicado no *Annuario* que citei. Alem do director, que é o *decano*, e do secretario, que é o substituto mais moderno, figura em cada conselho o *fiscal*, que é o substituto mais antigo, servindo por três annos.

O *fiscal* da faculdade de direito representa o Ministerio publico nos processos de policia academica.



DR. COSTA ALLEMÃO—DECANO DA FACULDADE DE MEDICINA

É na congregação final de cada anno lectivo, que as faculdades votam as *classificações* aos estudantes distinctos, e dão as informações finaes de curso aos bachareis formados nesse anno.

MANOEL DA SILVA GAYO.





# O Principe e a Fada

(HISTORIA CELTICA)



Houve ha muitos seculos um principe, que era filho do rei das Cem Batalhas.

Andando uma tarde a passeiar com o pae no meio de um bosque, viu uma rapariga muito linda caminhando para elle, e perguntou-lhe:

—D'onde vens tu?

E ella respondeu:

—Venho de um lugar onde se vive sempre, onde não ha morte, nem tristeza, nem maldade.

O rei ouviu esta voz, mas como só via o principe, perguntou-lhe muito admirado:

—Com quem estás falando, meu filho?

Foi ella que respondeu:

—Com uma linda mulher, que nunca ha de ser velha e que viverá sempre. Eu morro de amores pelo teu filho e quero leval-o comigo para esse lugar, onde todos são felizes. Acompanha-me, ó principe, e lá tambem reinarás algum dia.

O rei das Cem Batalhas, ouvindo aquella voz mas não vendo quem lhe falava, amedrontou-se, chamou muito de rijo pelo seu magico, e ordenou-lhe, depois de lhe explicar o que era passado:

—Quebra-me quanto antes este feitiço. Se não me vales, as bruxas levam o meu filho!

E então o magico fez seus esconjuros, voltado para o sitio d'onde vinha a tal voz, e ninguem mais a ouviu, e o principe deixou de ver a linda rapariga.

Mas no proprio instante em que desapareceu, ella deu-lhe uma maçã.



A partir d'aquelle dia passou-se um mez, sem que na bocca do principe entrasse coisa alguma a não ser a tal maçã. Mas apenas lhe tirava um pedaço com os dentes, a maçã ficava outra vez inteira. E quanto mais o tempo ia correndo, mais crescia no principe o desejo de tornar a ver a linda rapariga.

No dia em que justamente o mez se completava, indo o filho do rei pelos

campos ao lado do pae, viu-a outra vez e ficou muito alegre. E ainda mais se alegrou quando lhe ouviu dizer:

— Porque não obedeces á minha voz? Porque não vens comigo, para o logar onde o prazer dura sempre, onde não existe a morte? Lá conhecem-te bem, ó príncipe, e por isso te mandam chamar. Vem comigo!

O rei ouviu-a e mandou vir outra vez o magico. E então a rapariga disse-lhe:

— O teu magico nada vale, ó rei que venceste cem batalhas, em comparação do poder que me trouxe até aqui.

O rei conheceu que, desde que a rapariga estava a falar, o príncipe não respondia a mais ninguem, e perguntou-lhe:

— Filho, é ao teu espirito que ella diz aquellas coisas?

— Muito pesar tenho — respondeu o príncipe. — Gosto do meu povo acima de tudo, mas sinto em mim um desejo que me leva para aquella mulher.

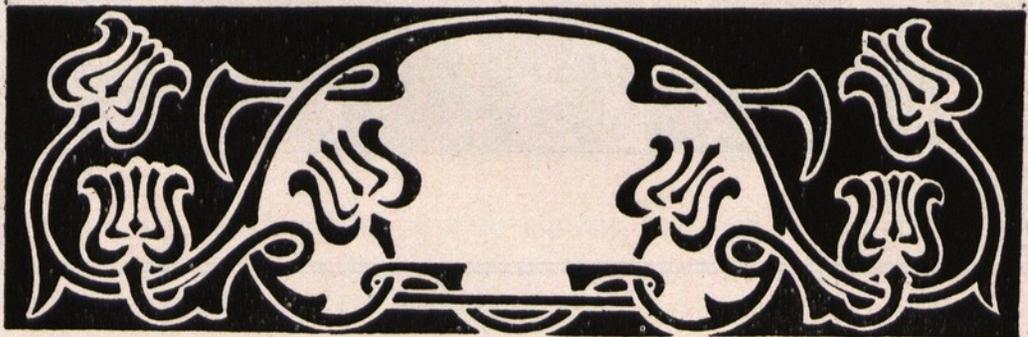
Apenas ella ouviu isto, disse:

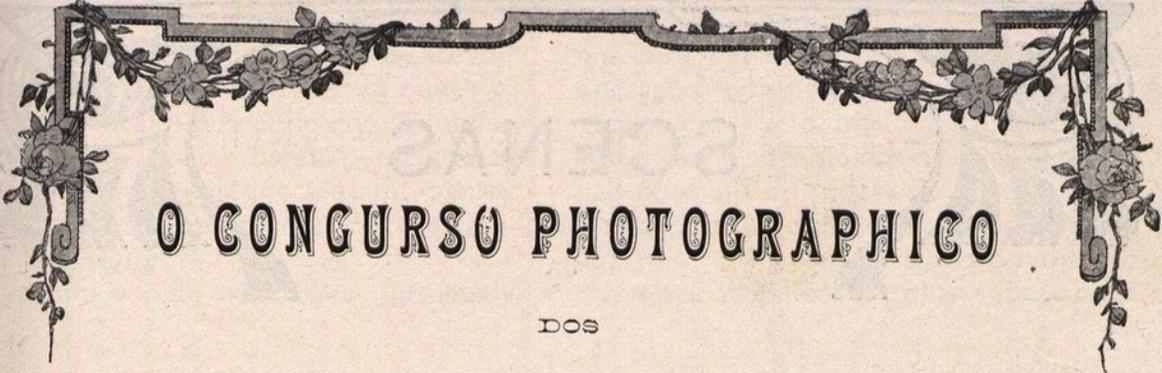
— O mar é muito mais fraco do que as vagas do teu desejo. Anda comigo para a minha resplandecente barca de crystal, que é mais veloz que o pensamento. Vamos para o reino onde a vida não acaba. Olha! O sol já vae a esconder-se, mas podemos lá chegar antes que anoiteça de todo. Anda comigo, e gosaremos eterna alegria!

Mal a rapariga acabava de falar, o príncipe afastou-se dos seus e correu para a barca de crystal, resplandecente e mais veloz do que o pensamento.

E então o rei e toda a côrte viram a barca deslizar por cima das ondas muito brilhantes, direita ao sol que se escondia. E cada vez corria mais, corria mais, até que desapareceu de todo.

E ninguem tornou a ter noticia do príncipe, nem da linda rapariga, que, pelo modo, era uma fada e que o levou não se sabe para onde.





# O CONCURSO PHOTOGRAPHICO

DOS

## SERÕES

---

A somma, respeitavel para o nosso paiz, de 115 provas photographicas, foi recebida pela direcção dos **Serões**, em annuencia ao concurso que abrimos no nosso numero 2. Para se fazer uma selecção tão escrupulosa quanto possivel, foi-nos necessario bastante tempo, o que explica a demora na resolução. O auctorizado jury, que obsequiosamente se prestou a auxiliar-nos n'esta tarefa, viu-se forçado a excluir desde logo alguns concorrentes que não estavam nas condições rigorosamente indicadas, por isso que exerciam profissionalmente a arte photographica, e eliminou varias provas por não estarem subordinadas á clausula de procurarem assumpto nas estações de praias ou thermas do paiz.

Das restantes classificou os tres premios, agrupando as que, do mesmo auctor, estavam em sensivel equaldade de merito e se referiam a assumpto identico. Assim o 1.<sup>o</sup> premio, de 10\$000 réis, coube ao sr. **Paulo de Brito Namorado**, de Ilhavo, pelas suas bellas photographias: Barco de pesca arribando — Barco de pesca esperando a maré.

O 2.<sup>o</sup> premio, uma collecção dos 4 volumes dos «**Serões**», já publicados, pertence ao sr. **Luiz Marques de Sousa**, do Porto, pela interessante photographia: Uma casa de habitação no Gerez.

Finalmente, o 3.<sup>o</sup> premio, uma assignatura de um anno dos «**Serões**», é dado ao sr. **Carlos Paes**, do Porto, por duas encantadoras Paizagens do Rio Vizella.

Todas estas cinco photographias premiadas publicamos nós no presente numero, e por ellas poderão avaliar os leitores o capricho e esmero com que os amadores portuguezes se dedicam á photographia.

Mereceram menções honrosas a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Olympia Saturnino, e os srs. Antonio Antunes dos Santos, Joaquim Severiano Pereira, Thiago Silva, Luiz Marques de Sousa, Alfredo F. de Lemos, Eurico da Silva Balthazar Brito, cujos trabalhos iremos publicando successivamente nos numeros seguintes. Não desmerecem sobremaneira alguns dos outros concorrentes d'estes que o jury distinguuiu especialmente. Ficar-lhes-hemos em extremo agradecidos se elles nos concederem o favor de ir reproduzindo oportunamente algumas das provas remettidas, muitas das quaes são deveras aproveitaveis como illustração de artigos que de futuro publicaremos.

Por ultimo, felicitando-nos com justo orgulho pela nossa iniciativa, mandamos a todos os concorrentes, com a expressão do nosso reconhecimento, cordealissimos parabens.

As duas photographias, que alcançaram o primeiro premio, vinham acompanhadas de um interessante artigo do sr. Diniz Gomes, o qual em seguida gostosamente publicamos, rogando-lhe o obsequio de nos manter a sua valiosa collaboração.

# SCENAS

DA

## BEIRA-MAR

QUANDO o mar é bom, logo de madrugada — o sol ainda em casa do Senhor, e quantas vezes com luar! — o *arraes* iça o signal de que se *vae ao mar*.

Os pescadores vão chegando em grupos, os *enchalavares* á volta do pescoço, fumando nos cachimbos e fallando alto, habitos innatos em todo o homem do mar.

Em seguida *apparelha-se* o barco e faz-se deslizar sobre grandes rôlos de madeira até á *borda*, ao som do monoton e caracteristico canto do *arraes*:

— Ó... vae agora! ó... bota a baixo! ó... chapa!

Esta manobra é muito trabalhosa e motiva sempre grande alarido, pois que o barco, sobrecarregado com o peso da enorme rêde, remos e mais utensilios, *afocinha* na margem, sendo preciso empregar a tracção animal para o arrancar d'alli. Quando o barco toca na agua e sobrenada, saltam quasi todos os da *companha* para dentro d'elle, indo cada um occupar o seu lugar.

O *arraes*, de pé na *ré do barco*, empunha com mão vigorosa o *roçoeiro* — corda que ficando presa em terra serve de governo — e observa com attenção o mar, *esperando a maré*. Quando ella se proporciona, agita então freneticamente o *barrete* no ar, *larga corda*, desfazendo a *laçada*, e dá o signal da partida gritando furiosamente:

— Agora, agora, rapazes! rema, rema!

E toda a tripulação empunha com vigor os remos imprimindo movimento ao pesado barco, atroando os ares com os

seus gritos semi-selvagens. É arrebatador e sublime este espectáculo! O barco atravessa impavido a *pancada do mar*, ora elevando-se a *pino* no dorso de enormes vagalhões — como *castellos*, dizem elles na sua linguagem expressiva — ora desaparecendo á nossa vista nos abysmos que parece o vão tragar.

Na praia, os pescadores e mulheres que ficam, seguem com o coração anciado todos os movimentos do barco. Não raro, uma *volta de mar alaga-o* e fal-o *ir ao fundo*, sendo então o espectáculo aterrorador. Cincoenta a sessenta homens, procurando salvar-se, debatem-se corajosamente com as ondas, alli, a pouca distancia da praia, n'uma lucta titanica entre a vida e a morte, não sendo muitas vezes possivel soccorrel-os!

Em terra tudo grita, principalmente as mulheres que, n'um desespero inqualificavel, arrancam os cabellos, rasgam os fatos, rolam o corpo pelo chão, e tentam atirar-se ao mar, erguendo os filhos nos braços para o ceo, n'uma supplica fervorosa!

Quantas lá teem perdido aquelles que na vida mais amavam e lhes eram amparo e arrimo!

Mas nem sempre estas desgraças succedem, felizmente, e por isso o barco segue o seu rumo, indo *lá fóra*, no mar largo, deitar a rêde a duzentas *cordas*, ou mais.

Na volta é tambem preciso *escolher a maré* para *arribar*, e esperar que uma boa vaga venha *chapar* o barco na praia. Em seguida começam a *puchar* a rêde,

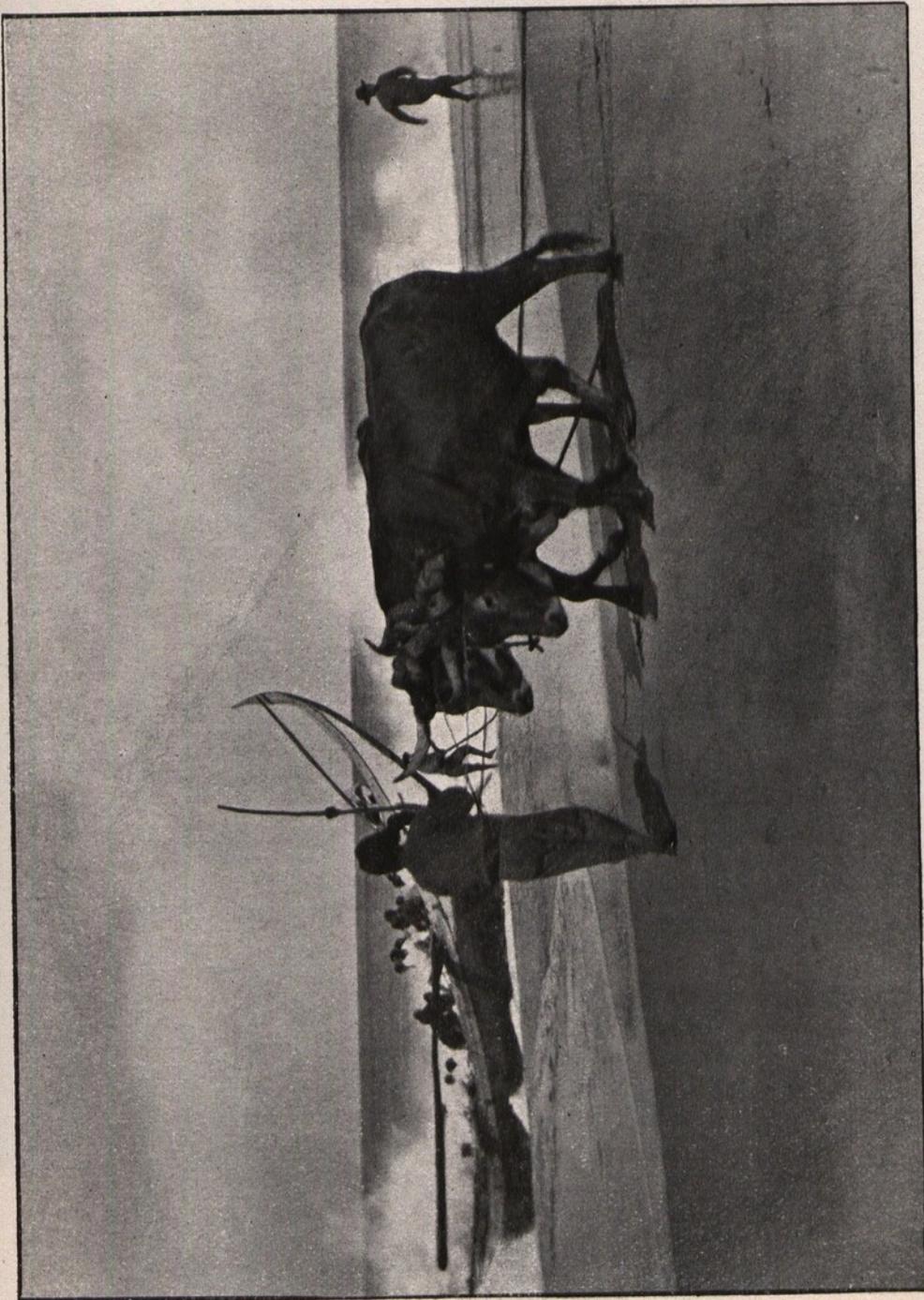
trabalho que leva algumas horas, até que o *saco* começa a apparecer lá muito *ao largo*, subindo e descendo com as ondas, seguido por enorme bando — quando ha *feitio* — de gaivotas que tentam apanhar o peixe miudo que se escapa pelas *malhas* das *mangas*.

Quando a rêde vem á *mão*, arrastam-

n'a para cima da areia e abrem o *saco*, operação feita pelo *arraes de terra*.

Se vem cheio até á *bôca*, a scena é admiravel e encantadora pela alegria que vae no rosto de todos.

O peixe que salta na rêde, produzindo um ruido especial, é transportado nos *enchalavares*, pelos pescadores, para cima



1.º Premio — Barco de pesca arribando

Photographia do sr. Paulo de Brito Namorado

da lomba, onde se fazem *lôtas* que, depois de *arrematadas*, são conduzidas em canastras para a ria pelos *ranchos* de formosas raparigas de Ilhavo.

Muitas vezes, quando a rêde traz muito peixe e o mar *está picado*, o *saco* rebenta antes de chegar á praia, perdendo-se o *lanço*.

Então, homens, mulheres e crianças,

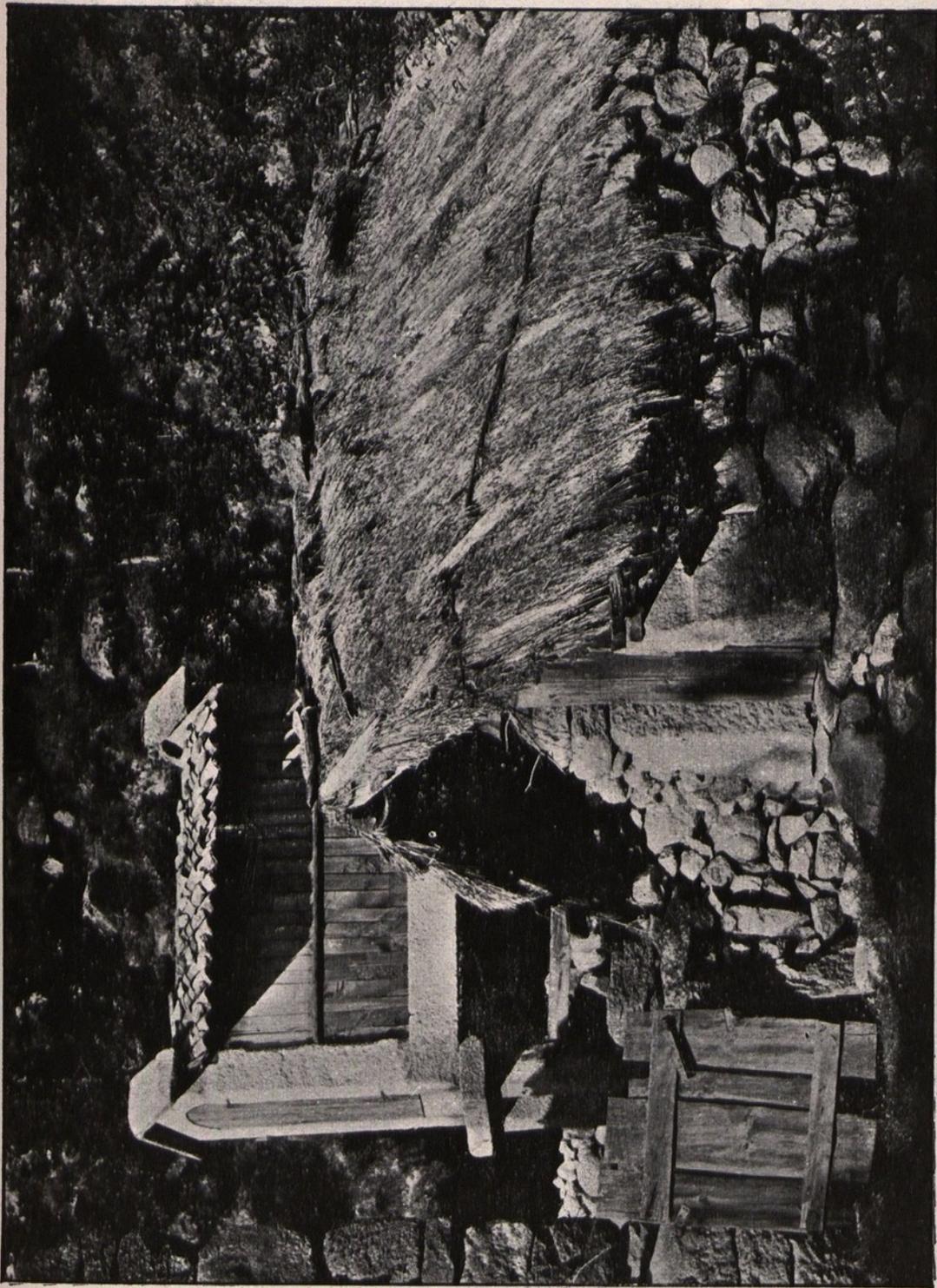
em furia desordenada e desprezando o perigo, todos se lançam á agua *salvando* o peixe que podem com os *enchalavares* e *nassas*. É talvez este o espectáculo mais curioso e emocionante a que na *borda do mar* se pôde assistir.

Ilhavo.

DINIZ GOMES



1.º Premio — Barco de pesca esperando a maré  
Photographia do sr. Paulo de Brito Namorado



2.º Premio — Uma casa de habitação no Gerez

*Photographia do sr. Luiz Marques de Sousa*



3.º Premio — Paisagens do Rio Vizella  
*Photographias do sr. Carlos Paes*



*Continuamos a recommendar esta secção ao interesse dos nossos leitores, pedindo-lhes que a enriqueçam com problemas de varias especies, comtanto que sejam originaes e engenhosos. E ao mesmo tempo agradecemos aos que até hoje tem contribuido para o desenvolvimento do «Quebra-cabeças».*

## Para scismar

### CONTA DE HOTEL

Um certo numero de amigos vão jantar a um hotel, e apresentam-lhes no fim uma conta de 1\$800 réis.

—«Se não faltassem os outros quatro. que tinham promettido ser convivas, pagaria cada um de nós menos tres tostões, e ainda sobejava um quartinho para a gorgeta».

Em vista d'esta observação, pergunta-se quantos foram os convivas e quanto coube a cada um no pagamento?

### PATETINHA!

Um sujeito andou mais doze kilometros que a metade do caminho que desejava fazer, e, apesar de ser o resto apenas um quinto, desistiu e voltou para traz. Não se pergunta se o homem é tolo, o que está sabido, mas quantos kilometros percorreu.

### AO ESPELHO

Recommendamos a seguinte experiencia, pelos seus resultados comicos: Colloquem-se deante de um espelho, com um papel deante de si e um lapis na mão. Olhando exclusivamente para o espelho, tentem desenhar um quadrilatero com as respectivas diagonaes. Dou-lhes um doce se forem capazes de o traçar sem graves atrapalhações. Mas nada de fazer falcatrua: é de rigor que não tirem os olhos do espelho.

### ENIGMA

Dobre 10 e parta ao meio.  
Do tempo com exatidão  
que gastar na operação  
tome metade tambem.  
Prompto, não vá mais alem.  
Logo que o X lhe appareça  
dobre-lhe os pés com a cabeça...  
É esse o x da questão.

### NOTAS 1.<sup>a</sup>

Na 2.<sup>a</sup> operação,  
em vez de tomar metade,  
tome  $\frac{3}{5}$  e ha-de  
ter a mesma solução.

### NOTA 2.<sup>a</sup>

Do tempo tome egualmente  
a mesmissima fracção,  
e sem outra correcção  
dá-lhe o mesmo exactamente.

Aveiro, 10-1905.

X. Psilonn.

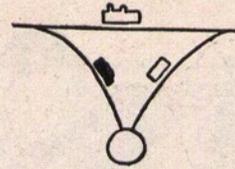
### PROBLEMA DE CAMINHOS DE FERRO.

Um chefe de estação tinha dois vagões,  
cada um dos quaes estava em uma das duas

linhas que eram unidas por uma plataforma girante.

Tinha uma machina, grande demais para poder passar sobre a plataforma. Precisava inverter a posição dos dois vagões, cujo tamanho lhes permittia passar sobre a plataforma, um por cada vez.

Como é que elle consegue o seu intento?



(Veja-se a disposição dos vagões e da machina na figura acima).

## Jogo de damas

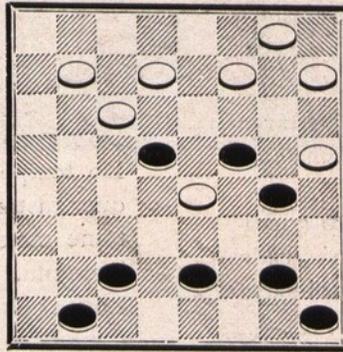
POR JOSÉ SYDER

**Problemas.** — A seguir o n.º 8, que serve para guiar os nossos leitores sobre a fórma por que nos devem mandar as suas respostas.

### Problema 8

Por S. M. El-Rei D. Luiz I

BRANCAS : Collocam-se nos quadrados 1, 5, 6, 8, 11, 13, 18.



PRETAS : em 14, 15, 17, 25, 26, 27, 29, 32.  
Jogam pretas e ganham em 6 lances.

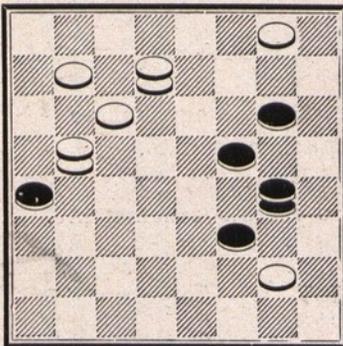
### SOLUÇÃO

26-23, 14-10, 27-24, 25-2, 32-14, 24-19: G.  
13-22, 7-14, 18-27, 11-18, 8-12,

### Problema 9

Por Oliveira — Lisboa

BRANCAS em : 1, 8, 11, 25, Damas em 7, 16.

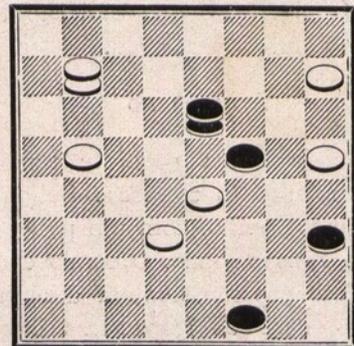


PRETAS em : 9, 14, 20, 22, Dama em 17.  
Jogam pretas e ganham em 3 lances.

### Problema 10

Por Alfredo de Brito

BRANCAS em : 5, 13, 16, 18, Damas em 8, 23.

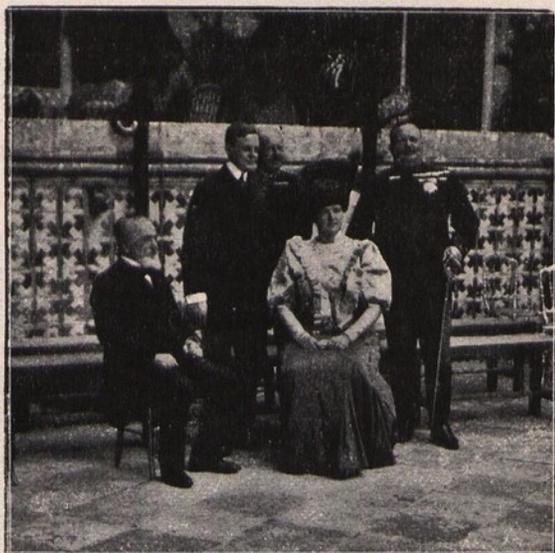


PRETAS em : 14, 21, 30, Dama em 10.  
Jogam pretas e ganham em 4 lances.

(Continúa).

# ACTUALIDADES

## Grandes topicos



O PRESIDENTE LOUBET EM CINTRA COM SUAS MAJESTADES E ALTEZAS

DEPOIS DA VISITA PRESIDENCIAL

o nosso amigo Sol não nos desamparou na festa com que pretendemos celebrar a visita do Presidente Loubet. Foram tres dias admiraveis com que nos mimoseou, esplendido parenthesis entre as chuvadas que o acolheram em Madrid e a carranca que logo começou a embaciar o cariz do ceu, apenas o nosso illustre visitante deixou as aguas do Tejo.

Mais brilhantes por isso foram as aclamações espontaneas e estrondosas com que o Presidente da Republica Franceza foi saudado por essas ruas, sobrepujando pelo seu calor communicativo toda a pompa dos festejos officiaes.

Se os ecos d'esse enthusiasmo alcançaram, como parece, com sufficiente intensidade o coração da França, deve ella adquirir a doce convicção de que

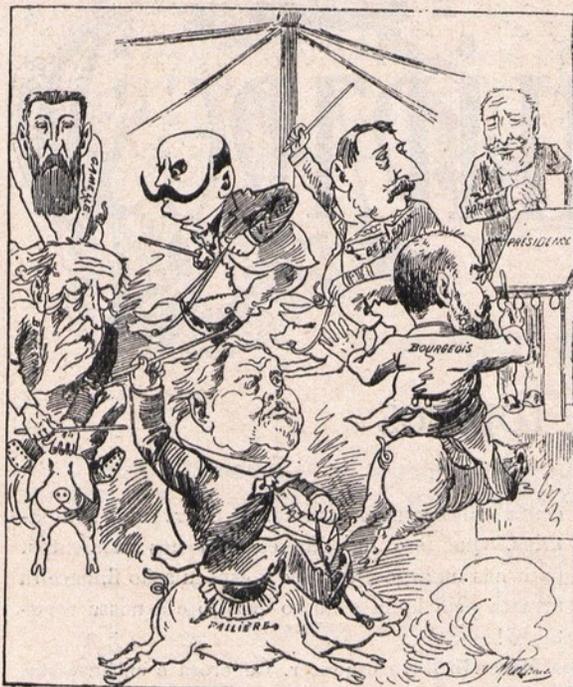
conta em Portugal com fortes e ferventes sympathias. Que isso lhe não esqueça nos momentos, para nós amargos, em que a especulação financeira arrasta pela lama o nosso credito e a nossa reputação!

Mas não deve esquecer. Generosa e entusiasta, estrella guia dos povos latinos, a França deve orgulhar-se d'esta imponente fraternisação que lhe offerece um povo da sua raça, aquelle que, embora pequeno, mais gigantescos passos deu para o descobrimento do planeta e para a civilisação do mundo, occulto ainda aos olhos da Europa.

E agora, diluidos os derradeiros clamores apotheticos em que expandimos o nosso amor e a nossa admiração, é licito perguntar quaes os resultados d'esta evidente approximação das nações latinas, sob a egide do grande imperio anglo-saxonio. Afigura-se-nos que se vae por esta forma organizando a resistencia contra as ambições germanicas, ameaça constante da paz. Pequeno embora, Portugal não é peão para desprezar n'este xadrez internacional, em que se trata de pôr o Kaiser em



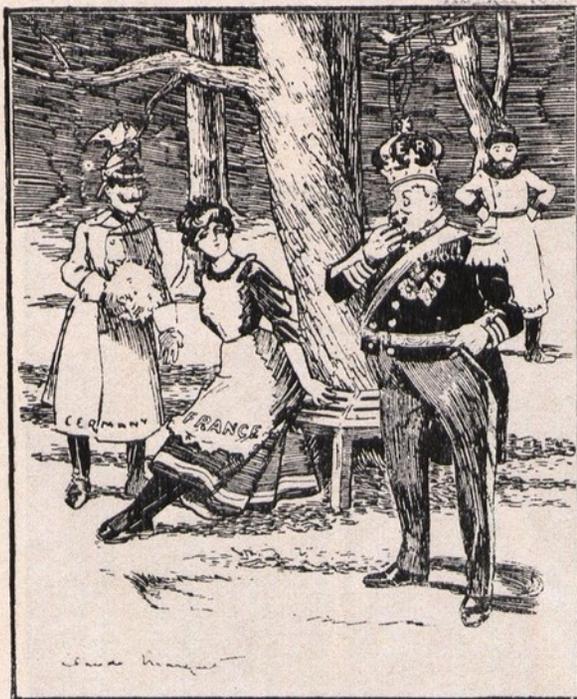
O PRESIDENTE LOUBET Á PORTA DA CAMARA MUNICIPAL



O TORNEIO PRESIDENCIAL  
PREPARAÇÕES PARA A ELEIÇÃO DO SUCCESSOR DE LOUBET  
Caricatura extrahida de «La Silhouette»

cheque. E tanto assim o comprehende o parceiro adverso que, logo a seguir á visita de Loubet, pensou em ameaçar a casa do taboleiro em que se encolhia o peõesinho modesto.

Sem ter a retumbancia do incidente de Marrocos,



KAISER — Não posso entender porque é que a francezinha faz olhos ternos para o tio Ned e a mim me volta as costas.

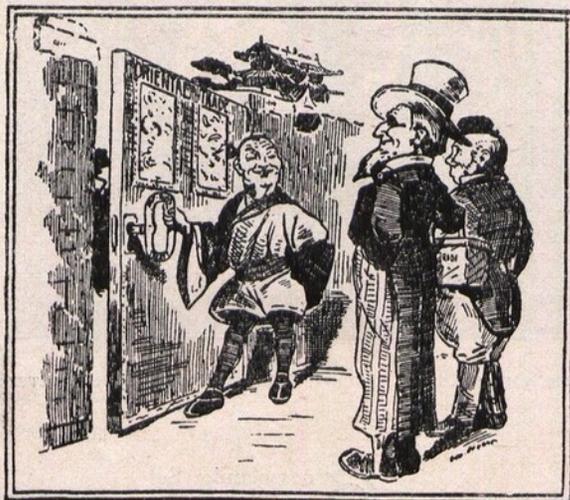
Caricatura extrahida do «Melbourne Punch»

o incidente da Madeira tem porventura uma significação analoga. Esperemos que elle se resolva brandamente, sem que nem sequer tenhamos algum Delcassé a sacrificar. Mas cumpre-nos estar de atalaya para que o jogo se não complique n'algum lance imprevisto. É complexo o movimento das pedras, e o cavallo dá saltos de tremer!

Sua Majestade el-rei D. Carlos vae dar azo a que a França manifeste o seu reconhecimento pela hospitalidade calorosa e festiva que demos ao seu venerando chefe. A visita do rei de Portugal é mais um élo que prenderá entre si as duas nobres nações latinas. A cordialidade entre os chefes de Estado é decididamente, n'este seculo XX, uma das mais seguras garantias da pacificação universal e da confraternização humana.

A SITUAÇÃO  
POLÍTICA  
NA EUROPA

Os ares andam ainda turvos. As irritantes declarações do chanceller allemão a uns jornalistas francezes, parecendo querer impôr á França



A GRÃ-BRETANHA E A AMERICA ESTÃO PROMPTAS A ENTRAR PELA PORTA QUE É ABERTA PELO JAPÃO. A PORTA TEM O LETREIRO «COMMERCIO DO ORIENTE» E A CHAVE É O TRATADO DE PAZ RUSSO-JAPONEZ.

Caricatura americana

a amizade da sua visinha de alem-Rheno, provocaram as revelações sensacionais do *Matin* sobre a sahida de Delcassé, as quaes mostraram que, n'um conflicto eventual com a Allemanha, a França poderia contar com o auxilio effectivo da Inglaterra. Eis o que excitou na imprensa germanica uma campanha de ameaças, que não são porventura mais do que o reflexo da ira official. Essa campanha dura ainda, com invectivas aos politicos francezes adversos á approximação allemã, ao gabinete inglez que promoveu a *entente cordiale*, ao proprio Eduardo VII, amigo sincero da França e da paz.

Ainda não estão pois dissipados os receios de uma



O PARLAMENTO RUSSO

Curiosa casa! O cossaco é que surde por todos os lados!  
*Caricatura extrahida do «Neue Glühlichter»*



A RATOEIRA

O CZAR—Meu caro Pobedonostzeff, esperemos que os ratos sejam tão estúpidos que venham pegar na nossa isca.

*Caricatura extrahida do «Jugend»*

guerra temerosa que ensanguentaria grande parte da Europa. O Kaiser parece deseioso de aproveitar o ensejo em que a Russia, enfraquecida por uma colossal derrota, se debate n'uma revolução tremenda, para apressar o conflicto fatal. É sua rival a Inglaterra; mas, não podendo medir-se com a formidável força naval d'esta nação, é de temer que a Alemanha se arremesse sobre a França, considerando-a como reféns da lucta. É isto pelo menos o que claramente se deduz da linguagem das gazetas.

#### A REVOLUÇÃO NA RUSSIA

VAE seguindo victorioso caminho, apesar da resistencia feroz da burocracia autocratica, o movimento liberal na Russia. Como previramos, estamos assistindo a uma revolução que deixará porventura a perder de vista, pelo aspecto tragico, a revolução franceza de 1789.

As classes da burguezia e da plebe, oprimidas durante seculos, lançam mão dos meios extremos. E á teimosia das classes preponderantes, mais porventura do que á vontade oscillante do Czar, se deve lançar a responsabilidade dos excessos commettidos pelos revolucionarios. A ignorancia e a triste boçalidade do povo russo, cuidadosamente mantida para fins despoticos, são a causa directa da confusão e da barbarie que caracteriza o movimento revolucionario.

Já demasiado tarde, pretendeu o Czar ir de encontro ás aspirações nacionaes. As suas transigencias, incompletas, impostas pelo terror, não surtiram outro effeito senão o de augmentar a irritação e accentuar na alma do povo a consciencia da sua força. A autocracia tem de se submeter completamente; de con-

trario, os seus representantes serão sacrificados ou pelo menos escorraçados, entre ondas de sangue, do solo do imperio.

Ninguém acredita na sinceridade das concessões arrancadas pela força, e que nem sequer satisfazem as ancias de liberdade de um povo gasto por seculos de soffrimento. O scepticismo geral está bem expresso pela caricatura allemã que publicamos, attribuindo ao cossaco toda a preponderancia brutal na projectada *duma*. Aos termos a que chegou o colosso moscovita, parece-nos que a Constituição não será uma outorga gratuita do autoerata. Ha de nascer de uma assembléa em que o povo inteiro faça sentir a sua soberania. E ninguém pode razoavelmente prever, no estado de excitação a que chegaram os espiritos, até que ponto avançarão as reivindicações nacionaes.

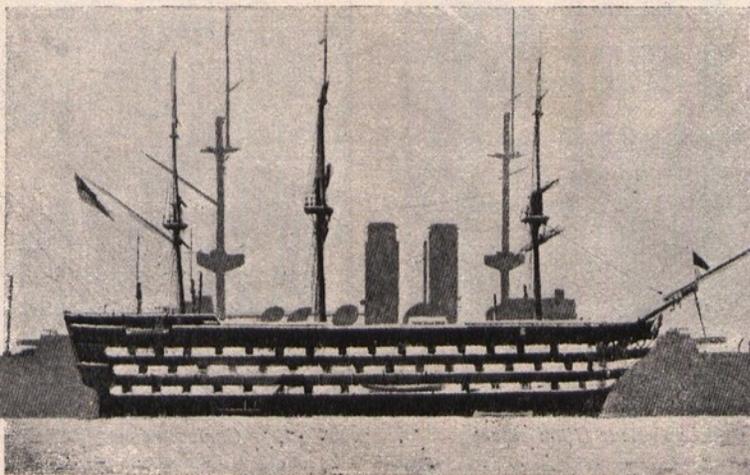
Todo este movimento democratico se complica com os diversos conflictos de um immenso imperio, composto de elementos heterogeneos: conflicto de nacionalidades, como na Polonia e na Finlandia; de raças, como no Caucaso; de religiões, resultante do choque de christãos de diversas seitas, mahometanos e judeus. E tudo isto estabelece um chaos que está á espera do verbo inspirador para se reduzir a uma organização definitiva.

#### O CENTENARIO DE TRAFALGAR

A 21 de outubro celebrou-se em todo o imperio britânico o primeiro centenario da batalha naval de Trafalgar, onde perdeu a vida o heroe victorioso, o almirante Nelson. Esta batalha, dada nas costas meridionaes da Peninsula contra as esquadras combinadas da França e da Hespanha

commandadas respectivamente pelos almirantes Villeneuve e Gravina, foi um tremendo golpe nas ambições de Napoleão, e contribuiu sobremaneira para firmar definitivamente o poder naval da Grã-Bretanha. Por isso, os ingleses veneram a memoria de Nelson, já illustrada por outras victorias, como a do maior dos seus heroes.

Conserva-se ainda, fundeada em Portsmouth, a nau *Victory*, o navio almirante britannico na batalha de Trafalgar. É hoje um museu de



A «VICTORY», NAVIO ALMIRANTE INGLEZ EM TRAFALGAR, AINDA HOJE EXISTENTE EM PORTSMOUTH, COMPARADO COM UM GRANDE COURAÇADO MODERNO

reliquias do grande almirante. Na tolda, uma chapa marca o lugar em que Nelson cahiu, mortalmente ferido. Na coberta, igualmente se indica o sitio onde elle exhalou o ultimo suspiro, sabendo que morria victorioso. Todos os annos, no anniversario de Trafalgar, fluctua na nau o memoravel signal com que Nelson animou os marinheiros da sua esquadra: «A Inglaterra espera que todos farão o seu dever.»

Não admira pois que as festividades occasionadas pelo centenario assumissem um esplendor colossal. Na grande nação, esparsa pelo mundo inteiro, ergueram-se aclamações apotheticas á memoria do excelso marinheiro, que libertou a sua patria de uma invasão imminente, dando-lhe o impulso para crear o maximo imperio que tem consignado a historia.

A *Victory* conta cento e quarenta annos de idade, e ainda hoje serve como navio chefe em Portsmouth. Desde a batalha que a engrinaldou de louros, varias e radicaes transformações tem soffrido o material naval. Ella era no seu tempo um exemplar perfeito da antiga sciencia de construcção, uma soberba nau,

veleira e forte. Tinha 2:164 toneladas, 104 peças de artilharia, e uma tripulação superior a 800 homens. Com vento fresco de feição, chegava a andar treze milhas por hora, velocidade que não fica muito abaixo da de um bom navio de guerra moderno — dezoito milhas.

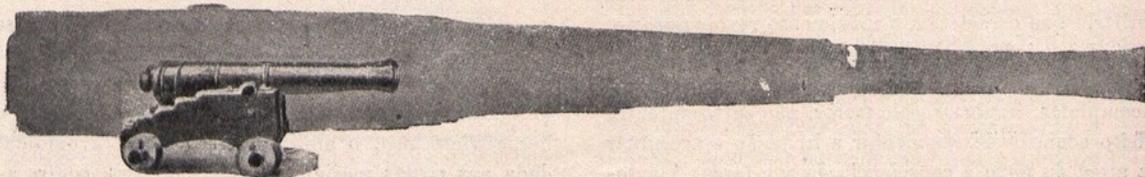
Mas, ao passo que o comprimento da *Victory*, do bico de proa á grinalda de popa, anda por 75 metros, um couraçado de primeira classe, do typo *King Edward VII*, mede 140 metros de compri-

do — quasi o dobro. Mas não fica por aqui a extraordinaria desproporção.

Ao passo que o mais pesado canhão da *Victory* não chegava a tres toneladas e o seu projectil maior andava por uma arroba (15 kg.), existem hoje peças de 110 toneladas, arremessando oitenta e tantos kilos de metal. O peso de uma banda, dada pela velha nau, era inferior ao peso de um simples tiro de um grande couraçado actual.

Calcula-se que a *Victory* teria custado umas 100:000 libras. Hoje só um couraçado de primeira ordem custa cousa de 1.000:000 libras—tanto talvez como a esquadra inteira de Nelson. E bastava um d'estes navios para destruir todos os navios da Hespanha, da França e da Inglaterra, que entraram na batalha de Trafalgar. Não precisaria decerto de gastar muitos tiros, nem de dispendir muito tempo para completar essa obra de destruição.

Ocorrem, a proposito do centenario, estes confrontos, tornados bem frisantes pelas estampas comparativas com que illustramos o presente artigo.

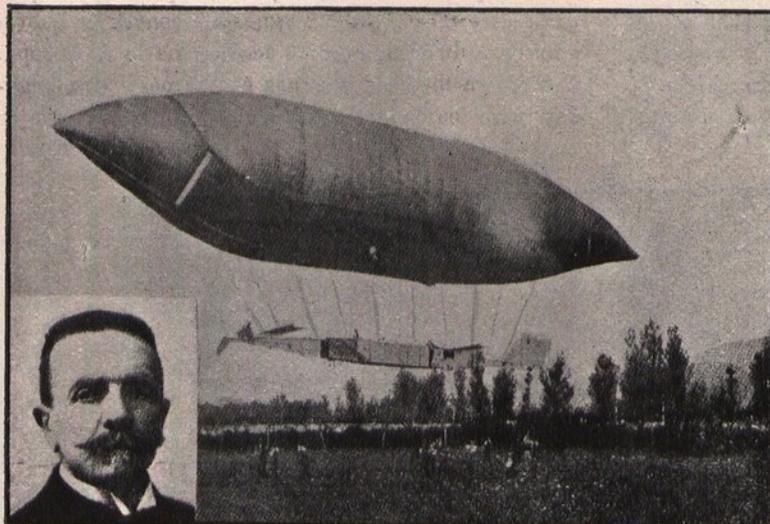


A ARTILHARIA USADA EM TRAFALGAR, COMPARADA COM A ARTILHARIA MODERNA

## Vida na sciencia e na industria

**O PRIMEIRO AERONATO ITALIANO**

Os aeronatos, isto é, os balões dirigíveis multiplicam-se. As felizes tentativas dos *Santos-Dumont* e *Lebaudy* suggestionam e enthusiasman os inventores. A Italia, não querendo ficar atraz da França, da Allemanha, do Brazil, da Inglaterra e dos Estados-Unidos, apresenta-nos agora o seu primeiro aeronato devido á iniciativa do conde Almerico



CONDE A. DA SCHIO

O AERONATO L'ITALIA E O AERODROMO DA SCHIO

da Schio. O novo balão, denominado *Italia*, apresenta, como todos os outros dirigiveis, a fórma acharutada ou melhor fusiforme. O *Italia* mede 39<sup>m</sup>,185 de comprimento, 6 metros de diametro maximo e 1:208 metros cubicos de capacidade.

O novo aeronato do conde A. da Schio apresenta uma disposição singular, e que é a primeira vez usada em dirigiveis, para realisar a constante rigidez de fórma. Como se sabe, uma das grandes difficuldades a vencer, na navegação aerea, pelas machinas mais leves que o ar, é conciliar esta constancia de fórma com as variações de volume devidas ás differenças de temperatura e de pressão. O gaz, sob a influencia destas differenças, ora se contráe ora se dilata, devendo necessariamente o envolvero acompanhar estas alternancias de volume que produzem consequentemente alterações de fórma. E estas, qualquer que seja a sua fórma, rugas ou cóvas, offerecerão grandes obstaculos á dirigibilidade, quando não um enorme perigo de ruptura do envolvero, como já succedeu a Santos-Dumont. Numa palavra, o envolvero necessita de se conservar constantemente rigido. Esta rigidez tem sido obtida pelo uso dum balonete compensador no qual se injecta ar por meio dum ventilador mano-

brado da barquinha. Ora o conde Almerico da Schio rompeu com a tradição classica do ventilador, adoptando outra disposição. A parte inferior do areonato, á qual poderemos dar o nome de «ventre», é constituida por uma quilha elastica de cautchú de 1<sup>m</sup>,40 de largura maxima no estado de repouso, mas extensivel até perto de tres vezes e meia a largura inicial. Esta faixa elastica sobrepõe-se ao estôfo do envolvero que nesta região se acha dobrado em pregas longitudinaes. Comprehen-de-se facilmente uma tal disposição: se o gaz se dilata, a quilha elastica distende-se com o estôfo cujas pregas se desfazem; se o volume do gaz diminue, a quilha volta ao seu estado normal ou penetra mesmo dentro do bôjo do balão. A parte inferior do balão funciona, pois, como um verdadeiro folle, acompanhando as variações de tensão do gaz e assegurando ao envolvero uma constante rigidez de fórma apezar das variações automaticas do volume. Tal é o artificio caracteristico do primeiro aeronato italiano e por meio do qual o inventor conta obter a estabilidade d'altitude sem sensiveis perdas de gaz e de lastro.

Este artificio não exclue, como é natural, a valvula automatica de segurança que se abre antes que a tensão interior atinja os limites de resistencia do envolvero e da quilha elastica.

No restante, o aeronato *Italia* não se affasta dos caracteristicos d'aeronatos já conhecidos. O balão fez já evoluções preliminares sobre Schio, á altura de 400 metros, dando boas esperanças de não serem infructiferos todos os trabalhos e despezas feitas. Diremos, finalmente, que estas correram por conta de enthusiasmas subscriptores, entre os quaes se contam o rei Humberto, a rainha Margarida, sabios e notabilidades italianas, além dos subsidios officiaes dos ministerios da guerra, da marinha e da instrucção publica.

MARIOTTE

ANESTHESIA  
PELA LUZ AZUL

São desde ha muito conhecidas as propriedades therapeuticas da luz. A estas será preciso agora acrescentar as anesthesiantes. Ultimamente o professor Redard, de Genebra, baseando-se na influencia dos raios azues sobre os centros nervosos, preconisou um novo processo d'anesthesia,

infinitamente superior a todos os outros methodos d'anesthesia local, mesmo os mais inoffensivos. Segundo Redard, cada cor primitiva teria uma acção especial e bem definida sobre o organismo. Assim, do mesmo modo que a luz vermelha é um agente excitante e irritante a luz azul é um agente de calmarção. D'este conhecimento á criação do novo processo d'anesthesia não mediou senão um passo. Redard colloca o doente, sentado n'uma cadeira, em frente d'uma lampada d'incandescencia de 15 vélas, com ampola de vidro azul. A cabeça é coberta por um leve véo azul. Em seguida manda ao doente fixar a vista na lampada. Ao fim de dois ou três minutos, o doente cõe n'um estado d'inconsciencia ou d'anesthesia que permite fazer qualquer operação rapida, como a ablação d'um dente, sem a mais leve dor. Tal é, na sua espantosa simplicidade, o methodo de Redard já adoptado por outros medicos. Algumas vezes o successo não é completo. Assim o dr. Milliard, de Londres, em trinta casos obteve oito

tar inteira justiça á narração d'Herodoto. No entanto, o immortal africanista inglês não pode entrar em contacto com os pygmeus que, desconfiados e bellicosos, se refugiavam no interior das espessas florestas congolésas.

Stanley apenas pode provar á evidencia a sua existencia e mais nada. Foi Haray Johnston quem primeiro forneceu precisas indicações sobre a mysteriosa raça. Agora o coronel inglês Harrison conseguiu estudar com completa minuciosidade a vida d'estes primitivos selvagens, conseguindo mesmo trazer seis á Europa, que n'este momento são as delicias dos anthropologistas londrinos. Harrison internava-se, o anno passado nas florestas do Congo com o fim de capturar alguns okapis. Foi absolutamente infeliz nesta empreza, mas em compensação pôde viver quatro meses no meio dos pygmeus e convencer quatro homens e duas mulheres a acompanhá-lo á Europa.

A altura média desta raça é de 4 pés e 6 pollegadas para os homens e 4 pés e 1 pollegada para as



OS SEIS PYGMEUS, ACOMPANHADOS PELO SEU INTERPRETE, NEGRO DO SUDAN, NO VAPOR QUE OS CONDUZIU DE ALEXANDRIA A BRINDISI

insuccessos. Parece serem estes devidos á extrema nervosidade dos doentes.

MARIOTTE.

OS PYGMEUS  
DA AFRICA CENTRAL

DESDE muito que os anthropologistas se sentiam intrigados com a solução do seguinte problema: existia ou não no centro de Africa uma raça humana caracterisada pela pequena estatura?

Já Herodoto assignalou a existencia d'estes pygmeus fixando-lhes o habitat nas nascentes do Nilo. Mas só vinte seculos depois é que Stanley pôde pres-

mulheres. Esta pequena altura não é uma anormalidade mas um verdadeiro caracter ethnico. Os outros caracteres residem especialmente na fórma do nariz e na do labio superior. Os ossos do nariz são fraquissimamente salientes; a base do mesmo é desmedidamente larga e as azas são grandes e proeminentes. O labio superior é mais comprido e mais protuberante do que nos outros negros. O pescoço é tão curto que a cabeça parece enterrada nas espaldas. Os cabellos são lanzudos e curtos, apresentando reflexos avermelhados, do mesmo modo que a pelle que não é tão preta como no negro propriamente dito. Homem e mulher têm o corpo coberto d'uma fina pen-

ingem como a que se observa nas creanças de raça branca.

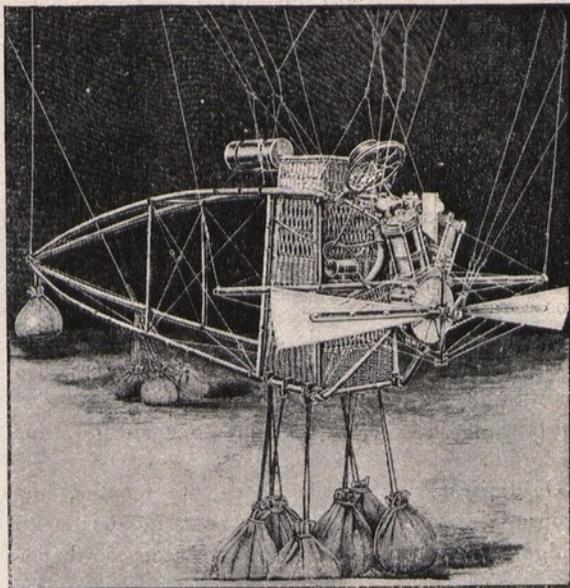
Os pygmeus são nomadas, não possuindo campos nem casas, e andam completamente nus; apenas nas tribus que vivem nos confins das florestas e que mantêm relações com os outros negros, as mulheres trazem uma cintura de peles. Alimentam-se da caça e das fructas das arvores. São ousados e bellicosos, não temendo dar caça ao elephante. A vida d'estes selvagens é curta; morrem geralmente antes dos quarenta annos. São de grande precocidade, casando aos oito ou nove annos. A mulher é comprada por quatro zagaias e dez a quinze flechas, unica riqueza dos pygmeus.

MARIOTTE.

O «SANTOS DUMONT» XIV **E**STE NOVO aerostato do infatigavel inventor brasileiro é um *racer*, isto é, procura como caracter essencial a velocidade. Para o conseguir, tres condições são precisas: alongamento levado ao extremo, pequeno volume, grande potencia relativa do motor.

Depois de varias experiencias, reconheceu-se que o alongamento não podia ser superior a 7 vezes o diametro. Alem d'isso, o balão tende a dobrar-se pelo meio. A este inconveniente ainda o aeronauta prevê, armando o balão de uma espinha de bambu, na geratriz inferior, com 0<sup>m</sup>,025 de diametro e 27 metros de comprido, pesando ao todo 4 kilogrammas, e enfiada n'uma serie de bolsos.

A questão de estabilidade é que, apesar do encurtamento, é mais difficil de resolver. O meio adoptado por Santos Dumont consiste em assegurar á querena uma forma invariavel, com o auxilio de balonetes que são cheios por um ventilador, afim de compensar as variações soffridas pelo volume do gaz, em consequencia das contracções e das perdas inevitaveis.



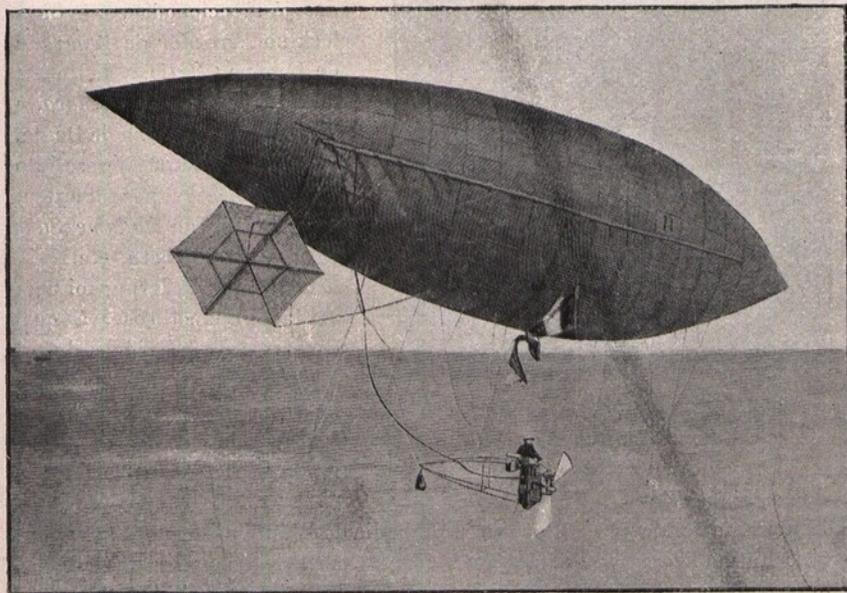
A BARQUINHA DO «SANTOS DUMONT» XIV

O segundo meio empregado, para remediar a instabilidade longitudinal, consiste em afastar do balão a barquinha onde está concentrada a carga principal, a qual constitue assim um verdadeiro pendulo, tanto mais eficaz quanto maior for o raio. N'este balão, a barquinha fica 12 metros abaixo do envolvero. A suspensão compõe-se apenas de 13 fios de aço de  $\frac{8}{10}$  de millimetro, fixos pelo extremo superior á verga de bambu.

A propulsão é provocada por um helice de 1<sup>m</sup>,70 de diametro, collocado a vante, com 2:000 rotações de velocidade. A força motriz é fornecida por um motor Peugeot, dois cylindros em V, de 14 cavallos, pesando sem volante apenas 26 kilos, o que representa um record de leveza.

A direcção é dada pelo leme habitual, á ré.

O alongamento do balão ainda inspira, apesar de tudo, graves receios quanto á sua estabilidade.



O «SANTOS DUMONT» XIV — ASPECTO GERAL

ANIMAES ANÕES **N**ÃO é só a nação humana

que se encontram pygmeus: ha-os tambem entre os animaes inferiores. Uma das mais notaveis especies eram uns elephantes que habitavam em tempos primitivos a ilha de Malta e varias partes da Italia, onde se tem descoberto a miudo os seus ossos.

A ajuizar por elles, esse animal tinha pouco mais ou menos o tamanho de um car-

neiro. Portanto podemos imaginal-o em tenra edade, um elephante perfeito, pouco maior do que um gato, podendo facilmente suster-se na palma da mão.

Não desapareceram ainda hoje os elephantes anões. Teem-se visto exemplares na Europa, onde parecem desenvolver uma intelligencia assombrosa.

Existem egualmente cavallos pygmeus, e em tempos primitivos havia uma raça delles, do tamanho de uma raposa quando muito, a acreditarmos o testemunho das rochas que conservaram restos de varios cavallos fosseis.

Encontra-se nas ilhas de Sunda uma bellissima especie de veados pequenos. São animaesitos pouco maiores do que um gato; quando novos, não chegam ao tamanho de coelhos, comquanto sejam perfeitos de forma.

O almiscareiro, especie de cabrito montez, impropriamente conhecido d'antes entre nós por «gato d'algalia», é um pygmeu em toda a accepção da pa-

lavra, e um dos mais attrahentes da tribu. Para o naturalista, é um animal tolhido no seu desenvolvimento, tem cerca de 1 metro de comprido, uns 55 centímetros de altura na espadua, e tem, no macho, uns caninos muito desenvolvidos que se projectam para fóra e são usados como armas nos conflitos que os animaesitos travam entre si.

#### O TRABALHO CEREBRAL E A EDADE

UM professor da Universidade de Illinões, investigando as biographias de auctores celebres, achou que elles produziam maior numero de obras originaes entre os trinta e os quarenta annos e entre os quarenta e os cincoenta do que antes ou depois d'este periodo. A maior massa de trabalho era feita não antes, mas depois dos quarenta annos de edade.

## Vida na arte

#### O GRANDE ACTOR IRVING

A 14 de outubro falleceu em Londres o maior actor inglez da actualidade e decerto um dos maiores de todo o mundo. Sir Henry Irving, que contava sessenta e sete annos, succumbiu por assim dizer em plena batalha, em seguida a uma representação do drama *Becket* de Tennyson, com a reprise do qual, a 1 de maio, reaparecera no *Drury Lane* depois de uma grave doença e de uma larga *tournée* pela America.

Foi em 1870 que Irving alcançou o seu primeiro triumpho, n'una comedia intitulada *As duas rosas*. Ambicioso de gloria, tomou logo em seguida a empreza do *Lyceum*, onde se estreiou com o drama *The bells* (Os sinos), creando alli mais as personagens de *Carlos I*, *Eugénio Aram* e *Richelieu*, esta ultima admiravelmente interpretada no theatro de D. Maria pelo nosso eminente artista João Rosa.

Mas o exito colossal de Irving foi a sua criação do *Hamlet*, que criticos abalizados reputam incomparavel. A ella porventura deveu principalmente o grau aristocratico de *sir*, que a rainha Victoria lhe conferiu, contribuindo ainda por esta forma para elevar a arte dramatica no conceito publico e destruir os prejuizos que ainda em muitos paizes ogavam contra ella.



O ACTOR IRVING  
Um dos seus ultimos retratos

Irving era um actor profundamente pessoal, d'estes que, em vez de se insinuarem passivamente nos moldes creados pelo dramaturgo, adaptam as personagens á sua individualidade. Não são estes porventura os melhores mestres da arte, mas são com certeza os que mais se alteiam acima da craveira vulgar. Os seus proprios defeitos, como os que a critica imparcial notava uma vez por outra em Irving, contribuiam para fazer realçar as suas qualidades e prejudicavam apenas os imitadores mediocres.

Entre as creações mais notaveis de Irving citam-se, alem das já mencionadas, a de Shylock no *Mercador de Veneza*, a de Iago no *Othello*, a de Robert Macaire, a do *Judeu Polaco*, a do *Correio de Lyon*, a de Dante, n'um drama para elle escripto expressamente por Sardou, de Napoleão da *Madame Sans Gêns*, a de Macbeth, etc.

O funeral de Irving foi uma verdadeira apothese, á qual concorreram individuos de todas as classes sociaes, pois que ninguem como elle popularizou em Inglaterra o grande reportorio, sobretudo o de

Shakespeare.

Repousa na abbadia de Westminster, no Recanto dos Poetas (*Poets' Corner*), ao lado do seu illustre antecessor Garrick e aos pés da estatua de William Shakespeare, o mais alto genio dramatico do mundo inteiro.

## Vida no Sport



ASPECTO DO CAMPEONATO DE LAW-TENNIS

LAWN-TENNIS  
CAMPEONATO  
DE PORTUGAL

**P**ROMOVIDAS pelo Sporting Club de Cascaes, realisaram-se nos dias 20, 21, 22 e 23 de outubro, as provas do campeonato de Portugal.

É esta realmente a mais sportiva de todas as festas que o Sporting Club organisa annualmente. A ella concorrem sempre os melhores jogadores portuguezes, em competencia com reputados *tennistas* estrangeiros.

Este anno a sorte foi adversa aos portuguezes, pois que as primeiras classificações couberam aos estrangeiros. Os nossos jogadores, entre os quaes se notam aptidões excepcionaes, poderiam ter ficado em melhor logar na classificação geral, se tivessem tido a *pa-chorra* de se prepararem convenientemente.

Os resultados foram os seguintes:

*Men's doubles*—Vencedores os srs. A. Perkins e Strange, Dagge e Lewtas, G. Bleck e E. Hickie, J. Bleck e M. Mello, D. Pedro e D. José da Costa, J. Roquette e J. Correia, no primeiro turno; os srs. Jourdain e Morrison, G. Bleck e Hickie, J. Bleck e M. Bello, Frazer e Shore, no segundo turno; os srs. Morrison e Jourdain no final.

*Men's singles*—Venceram, no primeiro turno, os srs. Morrison, M. Bello; no segundo, os srs. Frazer, D. José Castello Novo, E. Hickie, Morrison, Shore, D. Luiz Pombal, Jourdain e G. Dagge; no terceiro, os srs. D. José Castello Novo, Morrison, Shore e Jourdain; nas meias-finaes, os srs. Morrison, Jourdain; na final, o sr. Jourdain.

*Mixed doubles*—Venceram, no primeiro turno, o sr. Jourdain e a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Anna de Sousa Coutinho, o sr. dr. Borges de Sousa e Miss Philimore, o sr. G. Bleck e ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. A. Plantier, o sr. Frazer e ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Thereza de Calheiros; nas meias finaes, os srs. dr. Borges de Sousa e Frazer; na final o sr. Frazer e a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Thereza de Calheiros.

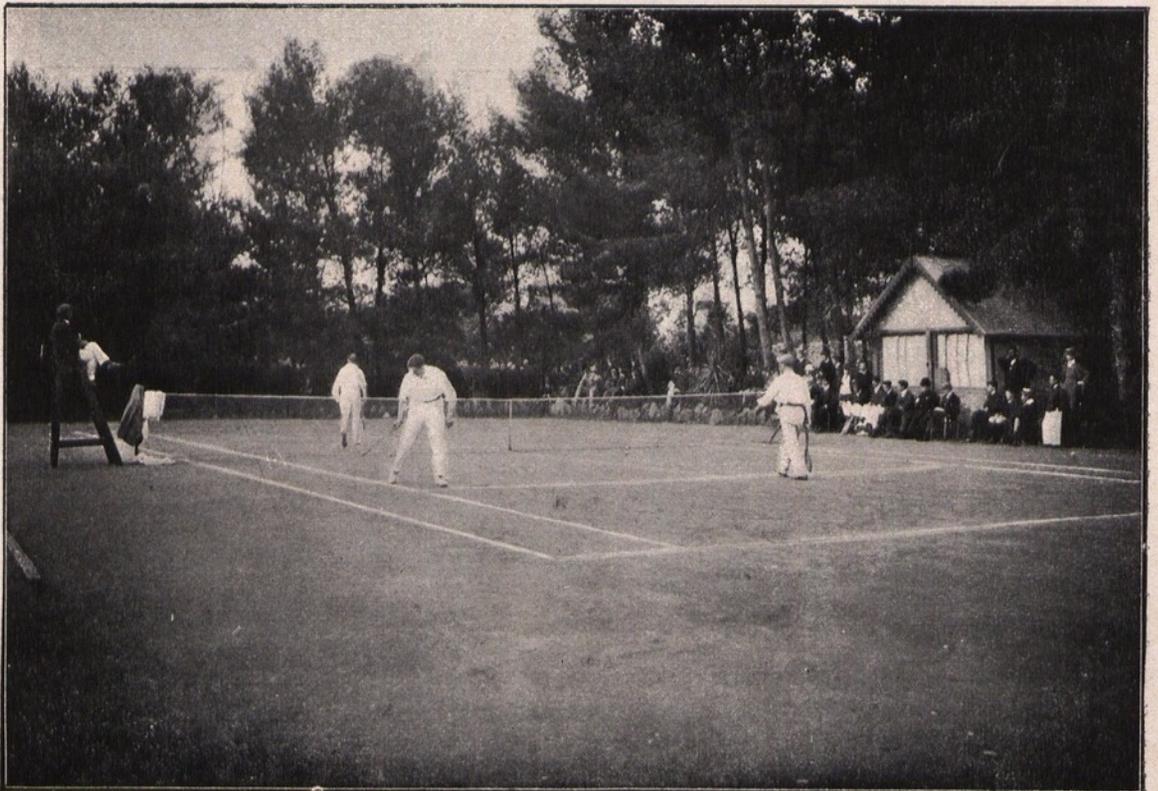
*Ladies singles*—Venceram as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Anna de Sousa Coutinho e Miss Ellerton.

REGATA  
EM PAÇO  
D'ARCOS

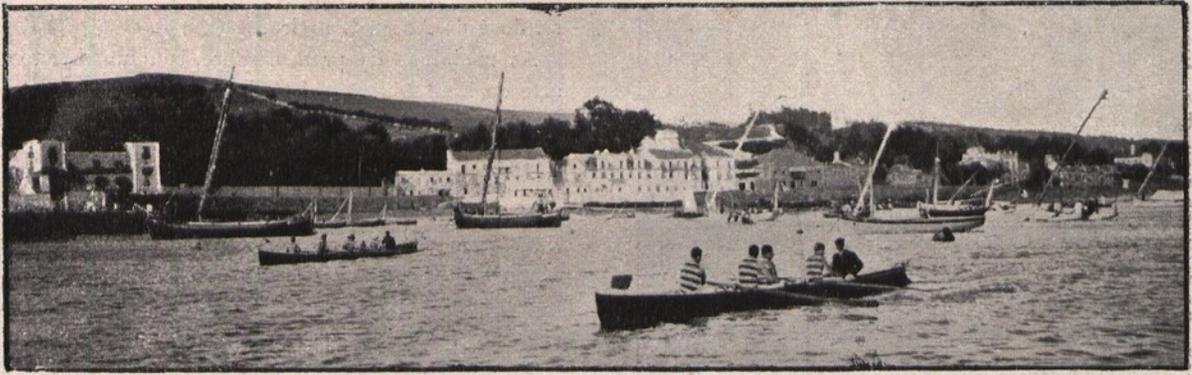
**A**s regatas realisadas a 8 de outubro em Paço d'Arcos, foram organisadas por uma comissão de banhistas, que procurou fazer uma festa para distracção das familias que estavam veraneando



O LAW-TENNIS EM CASCAES — VENCEDORES E VENCIDOS



O LAW-TENNIS EM CASCAES — PARTIDA FINAL.



A LARGADA DE UMA CORRIDA DE QUATRO REMOS ENTRE O REAL CLUB NAVAL E O CLUB NAVAL MADEIRENSE

n'essa praia; e para isso dirigiu-se às associações da especialidade pedindo elementos; dirigiu-se aos proprietários de barcos de recreio, solicitando a sua inscrição; preparou tripulações de senhoras e de rapazes banhistas, e com tudo isto fez uma festa que distrahiu os assistentes pelo entusiasmo, e agradou aos entendidos pelos resultados obtidos.

\*  
\*  
\*

Todas as corridas foram verdadeiramente interessantes, mas a que despertou maior entusiasmo foi a dos escaleres *Farmen* e *Lucinda*, tripulados por senhoras.

A *Lucinda* vinha bastante atrasada, mas perto da meta, com um bello arranco final, poz-se á prôa da sua contendora, ganhando a corrida admiravelmente. As senhoras que tripulavam a *Farmen* mostraram tambem uma excepcional energia, e se não ganharam... foi porque algum dos barcos tinha de perder.

As duas tripulações, que remaram sempre com a maior correcção, foram recebidas á chegada com uma estrondosa e merecida ovação. Era caso para lembrar que *ainda ha portuguezas*, se não fizessem tambem parte da tripulação algumas senhoras estrangeiras.

O GYMKHANA  
EM CASCAES

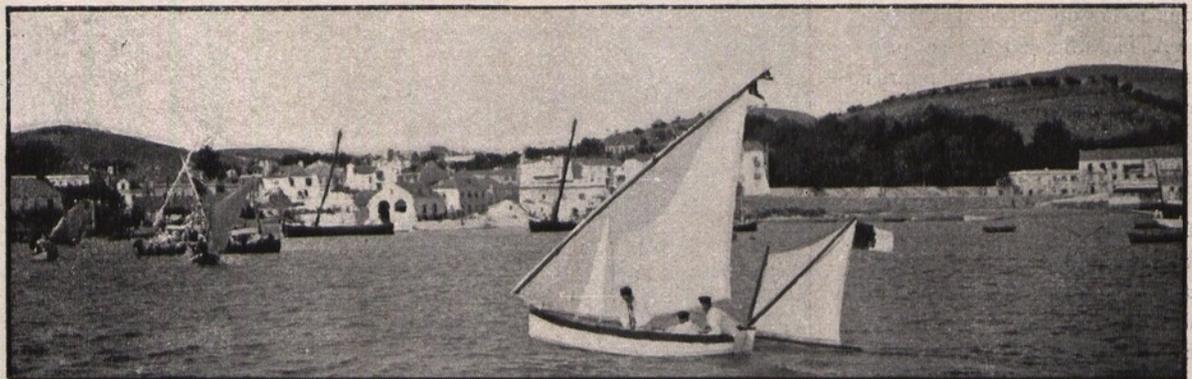
Gymkhana automobilista promovido pelo Real Automovel Club de Portugal, não foi uma prova classica da indole das que este Club tem o dever de organizar no desempenho da sua missão de propaganda. Disse que as não promove com receio de confundir o *sport* com a industria, envolvendo n'uma mesma corrida os que cultivam o *sport* pelo prazer que este lhes porporciona, e os que inscrevem os seus carros no intuito mercantil de fazer *reclame* ás marcas que representam.

O receio é injustificado, porque sem o concurso dos industriaes ás grandes provas classicas, e os melhoramentos que são obrigados a introduzir nos seus carros, o automobilismo estaria ainda na sua infancia.

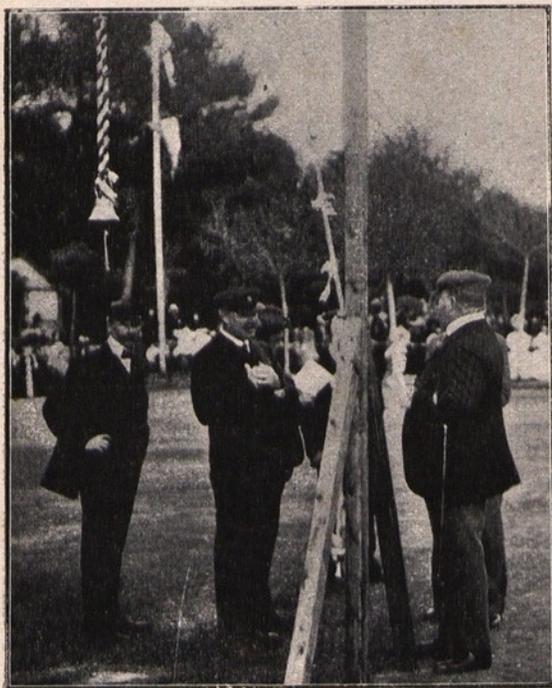
A festa, presidida por Sua Majestade El-Rei, realisou-se em 31 de outubro, depois de transferida duas vezes por motivo de mau tempo. O Real Automovel Club conseguiu o seu fim: divertir a sociedade elegante de Cascaes; e conseguiu-o porque, apesar do dia chuvoso, as provas decorreram animadas e cheias de alegres episodios.

O programma constava de duas partes: uma destinada exclusivamente a homens; a segunda deveria realisar-se com o concurso de senhoras.

Na primeira parte havia as seguintes provas



O «LUCINDA» QUE GANHOU O PREMIO DAS SENHORAS



S. MAJESTADE EL-REI E S. ALTESA O SR. INFANTE D. AFFONSO  
NO GYMKHANA DE CASCAES

*A argola*: O conductor do automovel devia desprender com o auxilio de uma lança uma argola pendente de um arco e no meio de dois cordões de flores e campainhas, sem que estas tocassem;

*A campainha*: o automovel devia passar, em marcha atraz, por debaixo de um arco em cujo centro estava pendurada uma campainha. O conductor devia tocar essa campainha duas vezes, mantendo seu carro n'uma velocidade de 6 kilometros á hora;

*Os manequins*: esta prova consistia em percorrer uma pista de obstaculos, sendo necessario não atropellar qualquer manequim que fosse lançado á frente do automovel;

*A ponte*: o automobilista devia fazer passar a sua machina por uma ponte formada de duas pranchas de madeira com mais 2 centimetros que a largura das rodas do automovel.

A classificação fez-se pela somma do numero de pontos obtido pelos concorrentes em cada uma das provas, com o seguinte resultado:

Teve o primeiro premio, oferecido por Sua Majestade El-rei, com medalha de vermeil do Real Automovel Club de Portugal, o sr. Alberto Beauvalet.

Coube o segundo premio, oferecido pelo sr. Infante D. Affonso, com medalha de

prata do Real Automovel Club de Portugal, ao sr. José de Abreu Loureiro.

As medalhas de prata e cobre, com um objecto de arte do Real Automovel Club de Portugal, pertenceram aos srs. Estevam Fernandes e D. Antonio Heredia.

Tiveram medalhas de cobre o sr. Rodrigo Peixoto, S. A. o Senhor Infante D. Affonso e D. José Gil, e os srs. Jorge Burnay, Conde de Jimenez e Molina, João Silva, Jorge Bleck, Carlos de Mello e dr. Manuel de Castro Guimarães.

A segunda parte do programma, realisado com o concurso de senhoras, constou das seguintes provas:

*Os copos de agua*: a senhora sentada ao lado do conductor do automovel devia conservar na mão um copo de agua, sem entornar o liquido n'este contido, enquanto o conductor fizesse o seu carro percorrer uma determinada pista, evitando os obstaculos que n'ella encontrasse.

*As argolas*: a senhora devia desprender com uma lança o maior numero possivel de argolas collocadas n'um arco.

As vencedoras d'estas provas foram as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Angela Carvajal (Jimenez e Molina) e D. Fernanda de Mendonça.

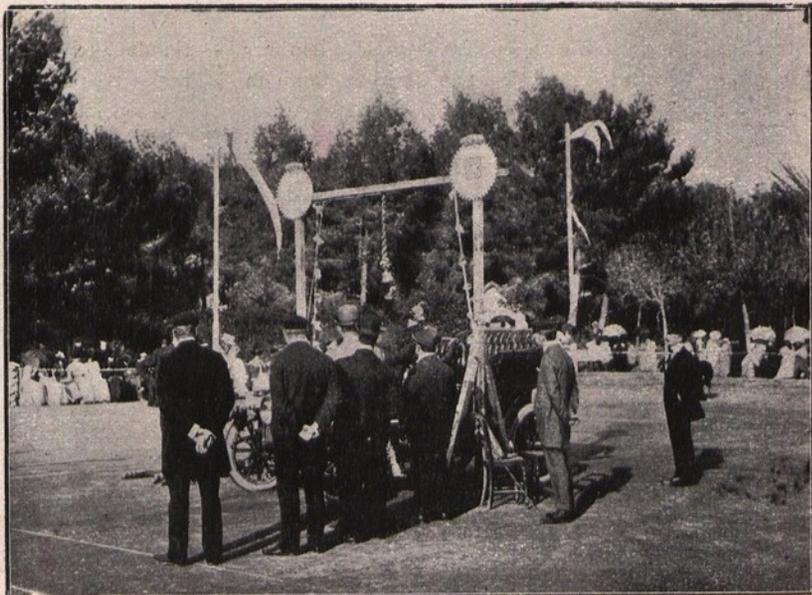
NO POLO  
NORTE

A expedição Ligla, que partiu em 1903 para o Polo Norte e que se dera por perdida,

foi encontrada pela expedição de soccorro enviada a bordo do *Terra Nova*.

O vapor *Amerika* perdeu-se no começo do inverno de 1903. Apenas houve um obito.

Os trabalhos scientificos foram conduzidos em conformidade com os planos de antemão traçados e deram resultados felizes.



NO GYMKHANA — A PASSAGEM DA CAMPAINHA